



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

FRANCISCO OTAVIO ARAUJO DOS SANTOS

PRETOGRAFIA: PEDAGOGIA DA CASA E GRAMÁTICA DA MORTE

**Rondonópolis
2022**

FRANCISCO OTAVIO ARAUJO DOS SANTOS

PRETOGRAFIA: PEDAGOGIA DA CASA E GRAMÁTICA DA MORTE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, na Linha de Pesquisa – Infância, Juventude e Cultura Contemporânea: direitos, políticas e diversidade.

Orientadora: Profa. Dra. Priscila de Oliveira Xavier Scudder.

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

Ficha Catalográfica elaborada de forma automática com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.

S237p

Santos, Francisco Otavio Araujo dos.

Pretografia [recurso eletrônico] : Pedagogia da Casa e Gramática da Morte / Francisco Otavio Araujo dos Santos. – Dados eletrônicos (1 arquivo : 130 f., pdf). – 2022.

Orientador(a): Prof^ª Dra. Priscila de Oliveira Xavier Scudder.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Rondonópolis, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rondonópolis, 2022.

Inclui bibliografia.

1. Genocídio da Juventude Negra. 2. Pedagogia da casa. 3. Necropolítica. 4. Necroeducação. 5. Pretografia. I. Scudder, Prof^ª Dra. Priscila de Oliveira Xavier, *orientador*. II. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDONÓPOLIS
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: "PRETOGRAFIA: PEDAGOGIA DA CASA E GRAMÁTICA DA MORTE"

AUTOR: MESTRANDO FRANCISCO OTAVIO ARAUJO DOS SANTOS

Dissertação defendida e aprovada em **24/08/2022**.

COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

1. Doutora Priscila de Oliveira Xavier Scudder (Presidente Banca / Orientador)
Instituição: Universidade Federal de Rondonópolis/UFMT
2. Doutora Raquel Gonçalves Salgado (Examinador Interno)
Instituição: Universidade Federal de Rondonópolis/UFMT
3. Doutor Luís Thiago Freire Dantas (Examinador Externo)
Instituição: Universidade do Estado do Rio de Janeiro
4. Doutor Gerson Galo Ledezma Meneses (Examinador Externo)
Instituição: Universidade Federal da Integração Latino-americana
5. Doutor Aguinaldo Rodrigues Gomes (Examinador Suplente)
Instituição: Universidade Federal de Rondonópolis/UFMT

Rondonópolis, 24/08/2022.



Documento assinado eletronicamente por **Priscila de Oliveira Xavier Scudder, Docente da Universidade Federal de Rondonópolis - UFR**, em 25/08/2022, às 11:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luís Thiago Freire Dantas, Usuário Externo**, em 25/08/2022, às 11:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gerson Galo Ledezma Meneses, Usuário Externo**, em 25/08/2022, às 12:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Raquel Gonçalves Salgado, Docente da Universidade Federal de Rondonópolis - UFR**, em 25/08/2022, às 14:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Aguinaldo Rodrigues Gomes, Docente da Universidade Federal de Rondonópolis - UFR**, em 26/08/2022, às 17:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufr.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0056874** e o código CRC **90DCF998**.

À Dona Mundica, minha avó-mãe - força da natureza
manifestada no mundo na forma de gente.

Aos quilombos e quilombolas do passado e do presente,
sonhos
de esperança e liberdade.

A todos os úteros negros, pois em zonas de morte a vida
insistente é revolução.

AGRADECIMENTOS

Durante a escrita, deste texto fui tomado pelas tempestuosas águas da memória. O tempo, imortal maquinador de nossos dramas me fez experimentar o sabor de improváveis presenças, a textura de lugares escondidos e o amargor doluto não como força imobilizante, mas como recusa da morte enquanto sina incontornável.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes, pelo apoio financeiro, sem qual a realização dessa pesquisa não teria sido possível.

Aos meus ancestrais que preferiram a morte a serem escravizados e transformados em coisas; àqueles que mataram senhores de engenho e capitães domato, que fugiram e formaram os quilombos, que organizaram revoltas e rebeliões, todo meu respeito e reverência. A eles e a elas devo a força ancestral que corre nas minhas veias.

À Dona Mundica e seu Bidico, minha mãe e meu pai, pela força e esperança no impossível.

Agradeço à minha mãe biológica, Maria das Graças, por sempre acreditar em mim. Suas palavras de acolhimento me lembram continuamente que a esperança é a força mais poderosa do universo.

Ao meu pai, por ter me abandonado. Pois, isso me ensinou que tipo de pai eu queria ser para meus filhos, o abandono também foi pedagógico.

À minha esposa Leidiane, com quem tenho dividido os últimos quinze anos de minha vida. Inestimável companheira intelectual, ela é a melhor coisa que me aconteceu, e a quem devo a concretude dessa fase de minha vida, sem seu apoio e coragem essa conquista não seria possível. Que nosso amor dure o tempo de uma vida longa e feliz.

Ao meu pequeno Nicolás Gabriel, filho biológico, que tanto tem me ensinado a amar.

À Apolo, o mais novo rebento, fruto do nosso amor (meu e de Leidiane), que mesmo ainda no ventre precioso da mãe, já me faz vibrar de alegria, ao sentir seus leves movimentos.

Aos queridos sobrinhos Marianna, Maria Heloísa, Alexandre Rafael, Agatha Marina, Helena Vitória, Laura, pois a existência de vocês tem servido

de esperança em outro mundo possível.

À minha irmã Fabiana, pelo apoio, partilhas e tensionamento. Irmã, essa conquista também é sua, não apenas pelos laços sanguíneos que nos unem, mas, sobretudo pela relação de cumplicidade e amizade que construímos nos últimos anos, sem sua ajuda, esse momento certamente seria adiado por mais alguns anos.

À minha estimadíssima orientadora, Professora Doutora Priscila de Oliveira Xavier Scudder, expresso minha gratidão e admiração. Se não fosse pelo seu posicionamento firme e corajoso como mulher negra, certamente não teria experimentado da ancestralidade como possibilidade de existência, e indubitavelmente, o tema dessa pesquisa teria sido outro. Sua atuação corajosa na academia é inspiração e pulsão para mais jovens.

Aos meus irmãos Fabricio, José e João Paulo e a minha irmã Angélica, pela força e torcida. De um modo bem especial agradeço a minha irmã Ângela, pela disponibilidade e inestimável apoio.

Aos meus amigos irmãos, Gabriella Santos da Silva e Lucas de Jesus da Silva. Sou muito grato pelos nossos encontros, quase nunca programados e sempre muito proveitosos. Partilhar a vida com vocês, meus caros, foi uma experiência de muito amadurecimento. Vocês são meus gêmeos nascidos de outras mães.

Aos meus companheiros de quilombo Keila Silva e Rander Souza, todo meu respeito e admiração.

Ao Professor Doutor Luís Thiago Freire Dantas, pela leitura atenta e pelas importantes contribuições, sem as quais a pesquisa teria tomado rumos diferentes.

À professora Raquel Gonçalves Salgado, pela sensibilidade aguçada e comprometimento para com a melhoria do meu texto. Suas palavras ainda ecoam em meus ouvidos.

Ao professor Doutor Gerson Galo Ledezma Meneses, pelo compromisso ético-político com a vida e com a produção e reconhecimento de saberes decoloniais emancipatórios.

Ao professor Aguinaldo Rodrigues Gomes, pela apreciação aguçada e indicações instigantes acerca dos prumos da pesquisa, desde a disciplina de Aportes Teóricos.

Ao professor Henrique da Cunha Júnior, que prontamente aceitou compor minha banca de qualificação e ofereceu contribuições significativas para a finalização da pesquisa.

Por fim, meus agradecimentos a todos os meus amigos, familiares, profissionais da educação e terceirizados da Universidade Federal de Mato Grosso, que foram indispensáveis para a realização da pesquisa.

SANTOS, Francisco Otavio Araujo dos. **Pretografia**: pedagogia da casa e gramática da morte. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Rondonópolis, 2021.

RESUMO

Nas terras devastadas pelo colonialismo, a raça foi, e continua sendo, o principal regulador da fronteira entre o Nós e os Outros, operando ora como categoria de dominação, ora sendo transgredida como dispositivo de mobilização e luta. No Brasil, o racismo é dos pilares que dão sustentação às instituições, sejam elas públicas ou privadas, estruturando o funcionamento do Estado-nação e ordenando as relações sociais desenvolvidas dentro de suas fronteiras. O racismo possui tanto uma dimensão de ideologia política quanto de prática educativa. Na pesquisa em tela, parte-se da compreensão de que o Estado brasileiro evoca o direito de matar, e orienta seu arsenal bélico a partir da racialização, do corpo e do espaço, a quem a morte na forma de tempestade de fogo é direcionada, e com base em uma ficção, determina quais pessoas podem viver e quais devem ser exterminadas (MBEMBE, 2016). Nesse sentido, o objetivo do trabalho foi investigar o genocídio da juventude negra e seus desdobramentos, a partir das práticas educativas que emergem desse crime premeditado e executado como política de Estado e chancelado por uma parcela da sociedade brasileira. A suspeita-se norteadora fundamentava-se na premissa de que o necropoder, através do exercício de fazer morrer e deixar viver manifesta e produz uma forma de educação que instrumentaliza a morte como dispositivo pedagógico. O caminho metodológico adotado para o desenvolvimento da investigação foi a pretografia, que é caracterizada pela encruzilhada como possibilidade epistemológica, em se considera tanto a forma do pensamento, quanto o espaço sociocultural em que o corpo que o produziu está inserido. A escrevivência foi assumida como marco teórico, reconhecendo-a a partir de Exu, como síntese pético-político das propostas teórico-político decoloniais e interseccionais. Dado a problemática que orienta a pesquisa, mobilizou-se um vasto e diversificado conjunto de fontes, sendo o corpo negro tombado ao chão, a principal tipologia utilizada. Os resultados indicam que, para os jovens negros do sexo masculino, o Estado orienta suas ações para o desenvolvimento de práticas educativas pautadas na perspectiva do encarceramento e da morte, como a mais provável, quiçá a única, possibilidade de futuro. Assim, considera-se ser possível afirmar que, a morte e a violência fazem parte da gramática instituída pelo regime deracialidade, e podem ser compreendidos como elementos constitutivos de uma necroeducação, que tem por objetivo o extermínio desse contingente humano.

Palavras-chave: Genocídio da Juventude Negra. Pedagogia da casa. Necropolítica. Necroeducação. Pretografia.

SUMÁRIO

1 MANDINGA	11
2 PRIMEIRA ESQUINA	16
2.1 Desencontro: escrevendo entre águas, pedras e lamentos	16
2.2 Banzeiro: memórias da travessia	22
2.3 Encruzilhadas, enchentes e vazantes	29
3 SEGUNDA ESQUINA	33
3.1 Pretografia – Construindo modos de habitar o fim do mundo	33
3.2 Costuras	34
4 TERCEIRA ESQUINA	41
4.1 Maria das Dores.....	41
4.2 Epistemologias da casa	44
4.3 Mãe de bandido	52
5 QUARTA ESQUINA	56
5.1 Ancestralidade e emancipação.....	56
5.2 Quilombar, quilombej, quilombamos	59
6 SEXTA ESQUINA	61
6.1 Divagações – que poema violência	61
7 SEXTA ESQUINA: ESCRELUTANDO – A PRETOGRAFIA COMO INVENTÁRIO DA EXPERIÊNCIA NEGRA OU ESCRITA NEGRA COMO FUGA	64
7.1 Escremorrendo – Maria do Socorro.....	64
7.2 O império da lei – Maria da Piedade: Parte I.....	76
7.2.1 O império da lei – esperança: parte II	86
7.2.2 O império da lei – agonia: Parte III	95
7.2.3 O império da lei – coragem: Parte IV	105
7.3 PRETINHO DE MERDA – MARIA DOS AFLITOS.....	116
8 DESPACHO	122
REFERÊNCIAS	124

1 MANDINGA

"Eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não
morrer"

Conceição Evaristo

Laroyê Exu, Exu é Mojubá! Salve o Senhor do movimento, dos caminhos e encruzilhadas, das gargalhadas e esquinas quebradas! Salve Exu, que fazendo as areias do tempo rodopiarem no pino do relógio, coloca o futuro atrás do passado. Salve Exu, que mistura o espaço, fazendo do aqui e do acolá o mesmo lugar. Salve princípio fálico da vida, força e pulsão do recomeço. Salve a boca que tudo come, e que tudo cospe transformado. Ofereço esse conjunto de frases, na forma de versos de dor e lamento, mais também de punhos em riste aos cuidados de Exu, que sua sabedoria e traquinagem sejam a luz que alumia minha prática de pensar e o meu modo de comunicar.

Como caboclo do norte, que herdou da linhagem dos pretos e das pretas de sua família o conhecimento das matas e rios, em nome de minhas bisavós, de minhas avós e de minha mãe, invoco para ciranda da escrita, os encantados que habitam a forma das águas, das pedras, caminhos e sepulturas escondidas. Levantai-vos guardiões das florestas! Senhores e senhoras dos prados, protetores e protetoras que descansam dormentes nas profundezas lodosas de rios, lagos e igarapés, levantem-se dos aningais, do oco dos troncos e das copas altas das castanheiras. Lançai sobre o mundo branco, o negro de seu negrume, fazei cair sobre os de coração perverso o feitiço e o encanto da noite, que já não achem o caminho de volta, que perdidos e sem achar o caminho sejam devorados pelas feras que eles mesmos despertaram.

Como filho que sou, reconheço-me como devoto do útero das mulheres negras. Salve o útero preto de minha avó, bendito e louvado seja o útero negro de minha mãe, a primeira morada habitada por mim. Que os encantos e segredos fechem meu corpo e guardem meus pensamentos, que meus pés achem passagem nos caminhos abertos pelo poder parido das entranhas de minhas ancestrais. Peço licença aos meus antepassados, inclino-me em reverência diante da sabedoria, força e poder de minhas ancestrais. Peço a benção aos meus mais velhos, que mortos estão no plano ancestral e que vivos alimentam a esperança em dias melhores para as gerações que estão por vir.

Cumpridas as obrigações, as oferendas lançadas as margens do caminho, abertas as estradas e portei­ras, sigo para a próxima encruzilhada.

No Brasil, o genocídio da juventude negra é uma tragédia planejada e executada pelo Estado, seja por sua omissão na elaboração e implementação de políticas públicas ou pelo direcionamento sistemático da morte por meio das forças policiais a territórios majoritariamente negros. Corpos negros têm tombado ao chão em nome da segurança e da propriedade privada. Incontáveis setores da sociedade não apenas são insensíveis a essa situação como partilham direta ou indiretamente da responsabilidade desse flagelo.

Em perspectiva histórica postulasse que o genocídio da juventude negra não pode ser compreendido apenas como fenômeno da contemporaneidade, tendo em vista que diacronicamente desde o delineamento da modernidade, na condição de “criptas vivas do capital” (MBEMBE, 2018a, p. 21) esses corpos têm sido considerados como descartáveis. Nesse sentido, embora a ideia da divisão da humanidade em raças seja uma ficção, produto da arrogância e do racismo branco, ela tem operado como mecanismo estruturante das sociedades modernas, e tem servido de referência para o bom funcionamento da maquinaria estatal. O racismo e a antineg­ritude são, portanto, os dispositivos que regulam o modo como a vida e a morte, se articulam e distribuem no interior do Estado-Nação, determinando a partir da escala racial, quem é digno de viver e quem não.

Ao propor investigar o genocídio da juventude negra a partir de um recorte educacional, formulou-se um conjunto de questões disparadoras para dar prumo ao estudo, sendo as principais delas: Diante das políticas genocidas que têm por finalidade o aniquilamento do corpo, da memória e dos saberes dos jovens negros, quais práticas educativas são acionadas por famílias negras para manutenção, preservação e prolongamento da vida de suas crianças e jovens? Qual o papel da casa no desenvolvimento dessas práticas? Diante da gramática da morte, o que pode a escrita negra?

A partir da compreensão de que o racismo no Brasil além de sua dimensão de ideologia política, possui contornos altamente pedagógicos, que o fazem ser o principal valor que sustenta nossa sociedade, o objetivo da dissertação em tela é investigar o genocídio da juventude negra e seus

desdobramentos, buscando pretografar ou pretografar práticas educativas que emergem desse crime premeditado como política de Estado.

Suspeita-se que, o necropoder através do exercício do deixar viver e fazer morrer manifesta e produz uma forma de educação na qual a morte é instrumentalizada como dispositivo pedagógico, e que por sua vez seria orientado por uma gramática social, caracterizada fundamentalmente pelo desejo de dominar e aniquilar corpos racializados como inferiores.

A fim de testar a consistência alvitada pela suspeita, considerando as possibilidades epistêmicas presentes na encruzilhada desenvolveu-se um caminho metodológico categorizado como petrografia, operado aqui tanto no trato das fontes quanto na escolha dos conceitos e categorias utilizados. Desse modo, a escrevivência foi tomada como marco epistemológico a partir do diálogo profícuo com categorias e conceitos elaborados no âmbito das perspectivas teóricas decoloniais, interseccionais e do universo cultural afro-diaspórico. Para tessitura da petrografia como vereda e possibilidade, apropriou-se das potências do cruzo (RUFINO, 2017) e dos fios da ancestralidade presentes na memória e na história de minha família para dar corpo-texto a uma forma negra de sentir, ver, ler e comunicar o mundo.

Nesse sentido, é importante indicar, que a pretografia como conceito fundado na experiência, na memória e na esperança negra, vem sendo esboçada por mim em conjunto com minha orientadora desde meados do ano de 2019, momento em que eu escrevia o projeto do Trabalho de Conclusão de Curso. Sendo apresentado publicamente em um evento promovido pelo Programa de Educação Tutorial (PET) – Conexão de Saberes, em alusão ao Dia da Consciência Negra. Em que participamos eu e a professora Priscila de Oliveira Xavier Scudder, orientadora desta pesquisa. Além da pretografia, na ocasião falamos ainda a respeito dos limites conceituais e políticos do antirracismo, propondo como alternativa o que estávamos concebendo como contrarracismo. Naquele primeiro momento, a ideia de pretografia estava relacionada estritamente a indagação acerca do pertencimento etnicorracial de autores e autoras lidos e debatidos na academia.

Com o amadurecimento e o acúmulo teórico, a compreensão do termo foi alargada, de modo que na escrita desse texto, pretografar ou pretografar se propõe em ir além do exercício de produção do conhecimento, constituindo-se

muito mais em uma ferramenta que tem por finalidade o rompimento das amarras da colonialidade e a emancipação epistêmica de corpos e saberes negros a partir de vias polirraciais (NOGUERA, 2012).

O discurso e enunciados escritos em frases sem vacilação, tomam exu, sua encruzilhada e o quilombo como signos potentes das gramáticas e epistemologias negras na busca pela preservação e prolongamento da vida. O texto que agora apresento, se quer ao mesmo tempo um grito em forma de mosaico e um tributo em forma de poesia. Para tanto, a partir da escrevivência, a literatura foi encarnada como fortaleza, emplastro e fuga. Realidade e ficção serão encontradas aqui sem o estabelecimento de fronteiras bem definidas, tal estabelecimento ficará a cargo da inventividade do leitor e/ou da leitora.

Por não se querer como dogma, o texto só foi possível no encontro entre as minhas memórias, meu corpo e minha história com a escrita acadêmica. Portanto, aqui se falará sobre mim e sobre os meus, sobre nossas dores, angústias e sofrimentos causados pelo racismo, mas também sobre nossas vidas e esperanças. Desse modo, está escrita está intencionalmente direcionada, não estou escrevendo para qualquer um, como afirma Jota Mombaça (2021, p.8) “não escrevo para despertar a empatia de quem nos mata”, escrevo para os meus, para homens, mulheres, crianças e jovens racializados. Apesar do meu comprometimento político, não intenciono fazer mera panfletagem, antes, buscarei amparo em conceitos e categorias de análise, que me permitam problematizar um mundo construído historicamente como antinegro, a partir do território que meu corpo ocupa no espaço da academia.

O robusto *corpus* documental usado no desenvolvimento do estudo é formado por conjunto de diferentes tipologias de fontes, sendo as matérias de portais de notícia *online* a principal. Dada a problemática que orienta a pesquisa e a urgência em testar a hipótese levantada, ao empreender a escolha das fontes considerou-se a premissa de que o genocídio da juventude negra se encontra fundamentado no colonialismo, como um fenômeno histórico de longa duração, de modo que se buscou fontes fora da lógica do recorte temporal e espacial bem delimitados, com potencial para que depois de analisadas pudessem confirmar ou desmontar a suspeita inicial.

As matérias de portais de notícia *online* que compõem o *corpus* documental analisado foram escrutinadas em busca das falas de mães e familiares. A ideia inicial, era de utilizar instrumentos de pesquisa do campo etnográfico, todavia, dado as condições sanitárias e o infortúnio que nos acometeu, a realização de encontros deixou de ser uma possibilidade. Ressalta-se que em uma perspectiva pretográfica, o corpo negro perfurado por balas e tombado em diversas sarjetas Brasil a fora e a memória foram considerados como documentos importantes, pois neles estão registradas as marcas das políticas de extermínio empreendidas e patrocinadas pelo Estado brasileiro.

A partir das postulações de autores como Mbembe (2016), Flauzina (2006) e Scudder (2013; 2017; 2019) e da análise do conjunto documental escolhido como fonte, propõe-se que a violência e a morte no contexto do colonialismo sejam incorporadas pelo campo da História da Educação, como tema de estudo relevante para uma compreensão mais efetiva da experiência negra na Diáspora. Tal proposição, justifica-se mediante a atmosfera educativa e o caráter altamente pedagógico que envolve a tortura e a morte de pessoas que se rebelam contra a ordem Colonial, Imperial ou Republicana. Personagens como Zumbi dos Palmares, Teresa de Benguela, Joaquim José da Silva Xavier, Virgulino Ferreira da Silva, Joaquim Firmino e tantos outros e outras, possuem em comum muito mais que a prática de atos considerados como desobediência civil, a morte desses personagens teve como finalidade não apenas a punição de seus corpos, mas servir de exemplo para toda sociedade.

Nesse sentido, propõe-se que no Brasil está em vigor uma gramática social, que embora se queira oculta é detectada muito facilmente, já que a partir dela, a morte de determinados grupos se estabelece como elemento centro no processo educativo do plano civilizatório. Assim, é possível afirmar que, essa gramática pode ser entendida como cerne de um projeto de necroeducação (SILVA, 2019), que desde a chegada das primeiras caravelas portuguesas opera por meio do dispositivo da necropedagogia (SILVA; OSANIYI, 2020). Em alusão a Exu e suas encruzilhadas o trabalho está organizado na forma de esquinas.

2 PRIMEIRA ESQUINA

2.1 Desencontro: escrevendo entre águas, pedras e lamentos

Pensar o mundo e dá-lo a conhecer por meio do ato de escrever, tal como nós o lemos, sentimos e experienciamos é tarefa difícil, ao menos para mim, pois quase tudo que os meus olhos enxergam e meu nariz cheira é morte, dor, violência e sofrimento. Compreendo a escrita acadêmica, ao menos aquela que toma pessoas de carne e osso como “objeto de estudo”, como a expressão de um gesto de violência desmedida, sobretudo, devido ao fato de que muitos de nós pesquisadores e pesquisadoras ao sermos movidos pelo instinto da racionalidade, norteamos nossas ações pelo faro apurado dos carneiros, estando sempre à espreita, prontos para escamotear restos e fragmentos de corpos em decomposição.

No universo acadêmico, os títulos, reconhecimentos, citações, prestígio e moções de aplauso em muitos casos só são possíveis graças a dor, sofrimento e desesperança de muitos homens, mulheres, jovens e crianças que experienciam suas existências na mais completa escassez¹. O ato de fazer emergir do esquecimento corpos em putrefação, pode possibilitar justiça aos mortos e reparação para os vivos, para tanto, penso que pesquisas que se orientam somente por métodos baseados nos preceitos do distanciamento e da objetividade científica, por vezes surtem o efeito contrário ao que se espera, ao invés de produzir narrativas emancipatórias justificam a dominação e exploração de comunidades inteiras.

Uma dissertação de mestrado é a síntese de uma pesquisa que no Brasil geralmente dura em torno de dois anos. Durante o desenvolvimento da pesquisa espera-se que o pesquisador seja capaz de contornar os desafios que forem emergindo do campo de investigação, sejam eles de ordem epistêmica, política, ética ou metodológica. Todavia, nem todo texto dissertativo deixa visível as bordas e os avessos contornados no caminho. Além de injusto, considero o princípio asséptico de poda e disciplinarização do texto, que busca ocultar o autor, suas escolhas e filiações como um gesto demasiadamente empáfante.

¹ Durante minha formação no curso de Licenciatura Plena em História, aprendi muitas coisas. Essa certamente é uma das que considero mais importantes e que aprendi com uma grande professora negra do departamento de História, chamada Priscila de Oliveira Xavier Scudder, que aliás é a orientadora dessa pesquisa, a quem sou muito grato.

O paradigma científico euro-moderno, ao estabelecer as regras e normas que ordenam as margens em alinhamento justificado, condenam ao silêncio e, portanto, ao esquecimento as circunstâncias objetivas e subjetivas em que se deu a produção e a sistematização do pensamento apresentado na forma de um relatório de pesquisa. Os fiéis seguidores de tal doutrina, tendem a observar uma série de preceitos durante a pesquisa, entre os quais destaco, a ideia de que nas Ciências Humanas é possível manter distanciamento do objeto investigado e que o pesquisador ou a pesquisadora munido de sua arrogância pedante possa ocupar um lugar de observação privilegiado, evitando ao máximo o contágio pelo “objeto” estudado, assim, desconsiderando a sensibilidade e o espírito como potências, a razão deixa de ser uma das tantas faculdades humanas e passa a ser um método universal de criação e comunicação do mundo.

A mesma ciência que argumenta em defesa do princípio da neutralidade e desqualifica o envolvimento de faculdades relacionadas ao universo do sensível e do espírito na produção de conhecimento, foi responsável por formular e difundir teorias acerca da superioridade étnica e moral dos povos europeus em detrimento das demais populações do mundo, nesse sentido, o discurso científico somou-se a religião e a filosofia na empreitada de justificar a dominação colonial e o extermínio de incontáveis povos e ecossistemas culturais. Portanto, nos parece correto afirmar que, a razão branca historicamente tem se justificado quase que hegemonicamente nos discursos que emanam da doutrina do trinômio cristianismo-filosofia-ciência. Desta forma, vale pontuar que a postura crítica adotada aqui em relação a ciência enquanto produto da racionalidade euroestadunidense difere e muito do negacionismo adotado no Brasil como política de governo na condução da Pandemia de Covid-19, e que teve como resultado dezenas de milhares de mortes que poderiam ter sido evitadas.

Desde que comecei a escrever este texto, dado a dimensão da tragédia que nos acomete, precisei atualizar constantemente o número de óbitos, neste momento segundo o consórcio de veículos de imprensa formado por seis empresas para divulgação de informações relativas ao quantitativo de mortes decorrentes da contaminação pelo Sars-Cov-2, popularmente conhecido como Novo Coronavírus, estamos próximos de bater a trágica marca de 500.000

mortes². Mortes essas que em grande medida poderiam ter sido evitadas, de modo que são resultado direto ou indireto da política negacionista adotada pelo poder executivo que, baseado nos princípios necropolíticos do neoliberalismo e na doutrina do crescimento econômico preferiu boicotar as medidas de isolamento social adotadas por governadores e prefeitos, além de estimular o consumo de medicamentos com a ineficácia comprovada no combate à doença, entre tantas outras coisas, como o descaso demonstrado diante dos sinais de que o sistema de saúde de Manaus iria colapsar por exemplo, levando inúmeras pessoas a morte, sufocadas em suas casas e em unidades de saúde, por falta de oxigênio hospitalar, bem como o atraso na aquisição de vacinas.

O cenário desenhado na condução da pandemia pelo executivo federal, desnudou, ou melhor implodiu o que restava (se é que restava alguma coisa) da falaciosa democracia racial, já que o racismo que em nossa sociedade é estrutural e estruturante (GOMES, 2017) foi exposto na sua face mais cruel e mortal. Diante do avanço do vírus, enquanto os ricos, mantinham-se seguros confinados no alto de seus arranha-céus, e contemplavam suas fortunas crescerem em medidas cavalares, muitos protestavam pelo fim do isolamento social, furavam a fila de vacinação ou compravam pacotes de viagem a preços exorbitantes em busca de vacina em outros países, uma grande parcela da população negra ficava ainda mais miserável, e era forçada a escolher entre manter o isolamento social, morrer de fome ou expor a si e os seus aos riscos da contaminação, seja devido à grande possibilidade de exposição em transportes públicos lotados a caminho do trabalho ou em filas quilométricas em busca de comida e de emprego.

Durante a maior crise sanitária do século XXI, o luto deixou de ser uma experiência individual e privada e passou a ser uma experiência nacional, vivida e compartilhada de norte a sul do país, mas sentido com maior intensidade pelos mais pobres, que moram nas periferias das grandes cidades, pois esses são aqueles que pelas condições de escassez foram sistematicamente obrigados a se exporem ao vírus, vale apontar que no Brasil a pobreza e a favela têm cor e origem étnica. Com base nos princípios racistas que estruturam e orientam o funcionamento das instituições públicas, justifica dizer que a pandemia causada

² Esses dados se referem a momento do Exame de Qualificação. Em 10 de agosto de 2022 o número de mortos em decorrência da Covid-19 já passa de 680.000 mil pessoas.

pelo Sars-Cov-2 foi instrumentalizada pelo Estado como um mecanismo eficaz na perpetuação do genocídio da população negra.

Muitas pessoas queridas ou tiveram suas vidas ceifadas durante a Pandemia de Covid-19 ou perderam alguém, graças as posições políticas adotadas pelos que detém o poder e o governo da nação. A sensação é que estamos sob a égide da roleta russa da necropolítica (MBEMBE, 2016), diante da contaminação pelo vírus, a vida negra ficou ainda mais exposta as adversidades e investidas da morte, sob o gume de uma faca, cada vez mais pessoas que não fazem parte do grupo considerado de risco foram vitimadas.

Em 13 de maio de 2021 meu corpo começou a apresentar sinais de que algo não estava bem, dores de cabeça, fadiga e dor nos olhos foram os primeiros sintomas. Dias antes, meus filhos Nicollas Gabriel e Mariana haviam acordado no meio da noite reclamando de dores e enjoos. Como pais ficamos alertas, mas após uma consulta médica com um pediatra, estranhamos o fato de a receita conter medicações associadas ao combate a Covid-19 e comprovadamente não eficazes no tratamento da doença.

Em 21 de maio os sintomas foram ao nível do insuportável, tanto eu quanto Leidiane, minha esposa, fomos ao Posto de Atendimento Sentinela da região em que moramos e nossas suspeitas foram confirmadas, testamos positivo. O que nos encheu de preocupação, já que um dia antes, mesmo com todos os cuidados de distanciamento e uso de máscara havíamos tido contato com minha mãe e irmãs, que fazem parte do grupo de risco. A primeira atitude foi avisá-las sobre o resultado dos testes e recomendar que também se submetessem ao exame. Ainda naquela noite elas foram a unidade de saúde. A ansiedade e o medo me fizeram ligar a cada 10 minutos para saber em que situação estava o atendimento. Quando o resultado do exame saiu o desespero fez o coração quase saltar do peito, minha mãe e minha irmã também testaram positivo. Naquele momento parecia que a terra estava saindo do seu eixo de rotação e encaminhava-se para colidir com algum outro mundo desconhecido.

Acalmar os sentimentos naquela noite beirou o impossível, perguntas e mais perguntas vinham a cabeça, hipóteses mirabolantes de como havíamos nos contaminado eram esboçadas uma atrás da outra, já que sempre usamos máscara, álcool em gel, água sanitária e pouquíssimas vezes durante toda a Pandemia furamos a quarentena. Os olhos pareciam não se render ao sono.

Mesmo diante do cansaço e da fadiga, a sensação era que ao adormecer de uma hora para outra seria traído pelos meus pulmões e buscaria em vão alcançar o ar que me cercava, mas diante da contaminação de pessoas tão importantes para mim e por quem nutro muito mais que um laço sanguíneo, fui obrigado a fazer da esperança uma âncora capaz de manter os meus pés firmes.

Cada um dos dias em que estivemos de isolamento depois de termos testado positivo foi marcado pelo medo e pela apreensão. Ligava para minha mãe e minha irmã várias vezes por dia para saber como elas estavam, na manhã do dia 24 de maio ao falar com minha mãe, fui surpreendido com a informação de que ela havia sentido falta de ar e tinha passado a noite em claro. Nesse momento, mais uma vez senti o chão sob o qual meus pés estavam sumir e um buraco de dimensões incalculáveis devorar-me lentamente, no instante que se seguiu os segundos pareceram horas. Após o choque inicial a minha primeira reação foi indagá-la para que ela fosse ao hospital, já que sentir dificuldade de respirar seria um indicativo de agravamento do quadro. Minha mãe, teimosa como é negou-se a ir. Diante de sua negativa em procurar atendimento médico deixei a posição de filho de lado e trajei-me da autoridade de pai e desferi uma cascata de reclamações. Dado a intensidade do momento qualquer desavisado poderia supor que me dirigia a uma filha adolescente e não a minha mãe.

Desde que a Organização Mundial de Saúde – OMS declarou estado de emergência global em decorrência do avanço do novo coronavírus, em março de 2020, vimos que no contexto do mundo globalizado as fronteiras que delimitam e regulam os domínios territoriais dos países não passam de uma ficção, pois nem as comunidades e culturas mais distantes dos grandes centros foram poupadas pela tragédia que nos acomete. Na cidade de onde eu venho no interior do Pará, minha professora da segunda série do Ensino Fundamental foi uma das primeiras pessoas a terem suas vidas abreviadas pela Covid-19. Um dos casos que mais chocou a cidade nesse período foi o caso em que três pessoas da mesma família tiveram suas vidas interrompidas em um intervalo de menos de um mês.

Ver a maneira como a morte foi administrada nesses últimos anos me faz pensar que o caso de termos sobrevivido ao contato com o Sars-Cov-2 foi obra do acaso, pois dentro de uma perspectiva interseccional minha família possui quase todas as características daqueles e daquelas que mais perderam a vida

em decorrência da política genocida adota pelo executivo federal. Fato é, que passamos pouco mais de uma semana esperando que o hoje fosse o mais rápido possível deposto pela chegada do amanhã. Passados quase trinta dias dos primeiros sintomas, fazer algumas coisas como lavar louças, varrer a casa, lavar roupas, cozinhar e caminhar a passos largos, atividades que antes fazíamos sem muito esforço, tornaram-se tarefas muito fatigantes, das quais nesse momento não consigo retirar nenhum prazer, pois ao menor sinal de esforço físico os pulmões parecem que estão sendo comprimidos dentro de uma lata de refrigerante.

No último ano quando para nossa proteção deveríamos manter nossos risos cobertos, nossos olhos puderam ficar livres para expressar em lágrimas e o sofrimento resultante de casos de racismo, que culminaram na morte de pessoas negras como o afro-norte-americano George Floyd, que teve seu pescoço pressionado pelo joelho de um policial branco enquanto dizia por mais de vinte vezes que não conseguia respirar.³ Algo parecido aconteceu com João Alberto, homem negro de 40 anos assassinado por um segurança e um policial militar nas dependências de um supermercado na cidade de Porto Alegre, em 19 de novembro de 2020, véspera da data em que a comunidade negra nacional celebra a memória do líder quilombola Zumbi dos Palmares, popularmente conhecido como dia da Consciência Negra.⁴ Soma-se a esses, muitos outros casos como o massacre da favela do Jacarezinho, ocorrido em seis de maio de 2021, em que a deflagração de uma operação da Polícia Civil do Rio de Janeiro considerada a mais letal da história do Rio, resultou na morte de vinte nove pessoas, dos quais vinte e oito eram civis, segundo relatos de familiares uma das vítimas teria sido morta na frente de uma criança de nove anos de idade.⁵

³ Matéria de Thaís Prado, intitulada “Nova transcrição revela que George Floyd falou mais de 20 vezes eu não consigo respirar” publicada em 10 de julho de 2020 no Portal Mundo Negro disponível em: <https://mundonegro.inf.br/nova-transcricao-revela-que-george-floyd-falou-mais-de-20-vezes-eu-nao-consigo-respirar/>

⁴ Matéria de Caê Vasconcelos, Arthur Stabile e Nathane Dovale, intitulada “O que o assassinato de João Alberto na porta do Carrefour significa no Dia da Consciência Negra” publicada em 20 de novembro de 2020 no Portal Ponte Jornalismo. Disponível em: <https://ponte.org/o-que-o-assassinato-de-joao-alberto-na-porta-do-carrefour-significa-no-dia-da-consciencia-negra/>

⁵ Matéria de Vinicius Lisboa, intitulada “Número de mortos em operação no Jacarezinho sobe para 29

Defensores de direitos humanos questionam legalidade da ação” publicada em 08 de maio de 2021 no Portal Agência Brasil. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-05/numero-de-mortos-em-operacao-no-jacarezinho-sobe-para-29>

Emblemático também foi o que aconteceu com os jovens Bruno Barros da Silva e Ian Barros da Silva, tio e sobrinho, jovens negros com idade de 29 e 19 anos respectivamente, entregues ao tribunal do crime, torturados e mortos depois de supostamente terem sido pegos furtando carne em um supermercado de Salvador. Segundo divulgado pela imprensa no dia em que os jovens teriam sido pegos, familiares receberam uma ligação exigindo uma recompensa de 10.000,00 reais para que eles não fossem entregues ao tribunal do crime⁶.

Penso que o contexto do Brasil de 2021 marcado pela alta da inflação e aumento do desemprego, o caso de dois jovens serem mortos sob a suspeita de terem furtado comida, guardadas as devidas proporções, é possível estabelecer uma relação muito próxima do Brasil em que viveu a Poeta e escritora negra Carolina Maria de Jesus, descrito em seu diário “Quarto do despejo. Diário de uma favelada”. Na obra publicada, originalmente em 1960, a autora apresenta a intensidade da agonia causada pela fome. Na busca por sanar a mesma dor que devorava suas entranhas, Bruno e Ian foram vítimas do racismo que estrutura nossa sociedade e da antinegitude, um vírus que é tão letal ou mais que aquele causador da Covid-19.

2.2 Banzeiro: memórias da travessia

Desde a Literatura, a pensadora negra Conceição Evaristo, tem insistido na necessidade de que homens e mulheres negras falem de suas experiências, memórias, sofrimentos, lutas e conquistas. A referida autora convida a população afro-brasileira a tomarem os mais diversos lugares de enunciação, e falarem em seu próprio nome. Nessa mesma direção aponta a autora afro-portuguesa Grada Kilomba (2019), quando convida o contingente negro a romper o silêncio colonial e retirar a máscara de flandres e do lugar privilegiado de produção de conhecimento que é a Universidade, falar de suas dores e dos traumas causados pelo racismo colonial que perdura até os dias de hoje. A postura que assumi durante o processo de invenção desse texto é de certo modo inspirado no convite dessas duas grandes pensadoras negras.

⁶ Matéria de Franco Adailton, “Bruno Barros da Silva e Ian Barros da Silva teriam sido entregues a traficantes por seguranças da rede Atakarejo em Salvador (BA); seus corpos foram encontrados com sinais de tortura e 30 perfurações a bala”, publicada em 29 de abril de 2021 no Portal Ponte Jornalismo. Disponível em: <https://ponte.org/supermercado-e-suspeito-de-mandar-matar-suspeitos-de-furtar-carne-em-salvador-ba/>

Compreendo a importância de que como agente produtor de conhecimento “científico” ocupo um lugar privilegiado, e que sou constituído nos encontros e desencontros entre as estruturas de raça, gênero e classe social, marcadores geradores de dessemelhanças muito mais que diferenças e desigualdades, e também pelas microestruturas onde a vida acontece e o peso das dessemelhanças antinegitude se manifestam como mais força. Considero-me um pesquisador forjado na encruzilhada, feito no cruzamento entre a apropriação da ancestralidade como princípio ético filosófico e o fraturamento causado pelo colonialismo europeu. Assim, esforcei-me para que minha escrita se afastasse da monorracionalidade sob a qual está assentada a “boa ciência” (MASOLO, 2010).

Deste modo, penso que tão leviano quanto obliterar as motivações e as condições em que se escreve é o desejo de eclipsar o corpo de quem escreve. Não é incomum que o conhecimento produzido a partir do dogma da objetividade científica e comunicado em teses e dissertações ao anular as condições em se deu a investigação, torne impossível ao leitor identificar o corpo escrevente. Indo na contramão dos preceitos da objetividade, considero importante dizer que a realização da pesquisa que comunico no presente texto foi atravessada por noites sem dormir, leitura e releitura de textos mal compreendidos, risos, choros, e-mails trocados, medo de acordar no meio da noite sem conseguir respirar e em muitos momentos falta de esperança, além claro dos aspectos e riscos inerentes a minha condição de homem negro.

O projeto do qual esse texto é resultado, foi motivado pela vontade de compreender a minha prática enquanto pai e educador que tem a superfície do corpo marcada pelo “fardo da raça” (MBEMBE, 2018b) e também por um desejo profundo de pensar as práticas educativas empreendidas por famílias negras, como resposta a gramática da morte instituída e operada pelo Estado brasileiro, responsável por ceifar prematuramente a vida de crianças e jovens racializados, considerando a dimensão pedagógica do racismo e da antinegitude como mecanismos fundamentais, no planejamento e execução do genocídio em curso que ao que tudo indica não objetiva somente a eliminação e o controle total dessa população, mas a “extinção da vida negra” (FLAZINA, 2017, p.154) em todas as suas dimensões. Neste sentido, o que me levou a esta temática de investigação, foi a urgência de preservar a vida dos meus filhos diante do perigo

eminente, de modo mais imediato e o compromisso com a emancipação futura da população negra.

Antes de prosseguir penso ser justo dar a conhecer ao leitor quem sou, de modo que a distância de tempo e espaço que nos separa seja minimamente reduzida. Para além disso, também parece justo deixar as vistas os motivos que me levaram a fazer as escolhas teórico-metodológicas evidenciadas ao longo do texto. Assim, denuncio o corpo que habito, corpo que não é meu, corpo negro que sou eu, corpo de um jovem negro, corpo negro, negro corpo, corpo pai, corpo filho, corpo irmão, todo negro, que pelo negrume de sua pele é geralmente o alvo preferido das balas perdidas e das abordagens truculentas da polícia.

O primeiro entre os sete filhos vivos de minha mãe, o terceiro na ordem de nascimento, ou seria o segundo, já não lembro. Quando sua mãe tem onze filhos não há ordem que resista ao caos. Fui criado por meus avós maternos Dona Mundica e seu Bidico, a quem devo minha fascinação pelo mundo das letras. Vim ao mundo pelas mãos hábeis de uma parteira, nasci em uma segunda-feira, nas primeiras horas do dia vinte de novembro de 1989. A primeira prole de meu genitor, por quem não nutro sentimentos de afeto e amizade. Casado com uma mulher negra, chamada Leidiane, portadora de tantos atributos que escolher alguns adjetivos para descrevê-la é incorrer em injustiça.

Pai de dois meninos e duas meninas com pele melaninada e cabelos empoderados. As meninas são as minhas Marias, uma MariAna e a outra Maria Heloisa, mas não aquela do professor Aberlado. Os meninos por sua vez são Nicollas Gabriel e Alexandre Rafael. O meu sangue corre em suas veias, a minha pele cobre os seus corpos, o meu afeto e bem querer vigiam os passos de seus pés. Com Leidiane divido a paternidade do Nicollas, com minhas irmãs Fabiana e Ângela sou pai afetivo de Maricota, Xande e Helô.

Passei a maior parte de minha vida na região do Araguaia no estado do Pará, em uma pequena cidade chamada São Domingos do Araguaia. A cidade de São Domingos do Araguaia é um pequeno município, localizado no sudeste do estado e que durante a ditadura civil-militar foi um dos palcos por onde se desenrolou o conflito armado conhecido nacionalmente como Guerrilha do Araguaia. Durante o período, muitos camponeses foram envolvidos no conflito, sendo cooptados por uma das duas forças em tensão no momento. Incontáveis homens, mulheres e crianças foram sequestradas e mortas, cruelmente

torturados pelas forças do Estado, sendo que o paradeiro dos corpos de muitos dos desaparecidos ainda é desconhecido, estendendo a sensação de desalento e medo aos familiares mesmo depois de mais de quarenta anos do ocorrido.

Conheço muitas famílias que ou perderam alguém ou tiveram algum de seus membros torturados durante a Guerrilha. Evoco esta memória para descrever o lugar de onde venho. Uma vez que tendo passado minha infância e juventude convivendo com pessoas que tiveram suas vidas marcadas pelo horror da ditadura, construí memórias desse trágico momento que não me permitem pactuar com o silêncio da omissão. Alguns dos meus amigos de infância tiveram seus corpos alvejados por balas, mas pouco ou quase nada se falava a respeito. O silêncio funcionava como uma lei, cujos legisladores eram os traumas ainda tão recentes na memória daquela comunidade. Assim, naquela pequena cidade quase nunca se ouvia falar de alguém sendo levado a justiça pela morte de um jovem negro. Sou marcado pelo luto. Durante algum tempo o luto me aprisionou as palavras, e elas hoje já não podem ser contidas em minha garganta.

Quando penso nos corpos que são marcados para morrer, sou tomado pelo pavor. Uns dias atrás durante uma conversa, na segurança e aconchego de nossa casa, Helô e Nicollas indagaram-me com a seguinte questão: *papai, por que o mundo é assim? Por que os blancos querem nos matar? Por que a polícia quer matar os negros?* Ao ouvir tais questionamentos vindos de duas crianças de cinco e seis anos senti as palavras sumirem. A única resposta que consegui dar naquele contexto foi: o mundo é racista, o racismo diz que nós não merecemos viver. Aquelas perguntas têm me acompanhado desde então. Na condição de pai vejo pairar a morte como um abutre em busca de carniça sobre a vida de meus filhos.

Terminei o ensino médio no ano de 2007. Fazer um curso de Graduação não parecia algo possível, tal realidade não passava de uma nublada expectativa em um longínquo horizonte. Naquele momento passei por um processo de conversão e adesão ao sistema explicativo do cristianismo católico, o que me impulsionou a dar um passo importante em direção a uma mudança de mentalidade, a partir de então os preceitos e políticas de controle fundamentados nos dogmas da doutrina católica tornaram-se as principais lentes pelas quais lia,

compreendia e comunicava o mundo. Em 15 de dezembro desse mesmo ano eu e Leidiane começamos a namorar.

Durante minha infância passei por situações de abuso e violência. Entre os cinco e os nove anos fui abusado sexualmente incontáveis vezes, ora por um tio, ora por seus amigos. Lembro que quando os abusos começaram fui forçado a vestir-me com roupas de minha irmã e a pôr minha boca no pênis de um dos meus agressores. Sem compreender o que aquilo significava, tudo que desejava era que aquilo parasse. Todavia, o infinitivo do verbo parar naquele contexto significava a satisfação de tão cruel ato por meio da ejaculação em minha boca, e na satisfação sádica do meu carrasco de em meio a soluços e lágrimas forçar-me a engolir a finalização tão vil. Não sabia exatamente o porquê faziam aquilo.

Durante muitos anos pensei que era o responsável por tudo que havia me acontecido, devido a isso desenvolvi o que Tena (2020), classifica como auto ódio. Passei a odiar meu corpo e minha vida, uma vez que tendo minha infante condição negada por meus agressores precisei desenvolver mecanismos de sobrevivência, mergulhei nos livros, nos desenhos e na imaginação, a literatura encheu de cores meu mundo cinza e triste. Desde aquela época os livros já me diziam coisas estranhas, coisas impossíveis e improváveis. Lá, como aqui, a escrita não parecia ser para lugar possível, no entanto aqui estou, correndo os dedos acelerados pelo teclado de um computador e deixando a palavra ganhar a forma de um corpo-texto. As palavras aprisionadas nas páginas dos livros foram a cura para as chagas do silêncio de minha infância, hoje palavras não me faltam. O silêncio deve ser uma escolha, nunca uma imposição, pois como nos ensina Frantz Fanon (2008, p.33) “falar é existir absolutamente para o outro”. De par com isso, afirmo ainda que em tempos de violência política, recrudescimento do racismo, do machismo e da LGBTfobia, não tenho medo da palavra, tenho medo do silêncio.

Pensar hoje em toda violência a que meu corpo-criança foi submetido, me faz compreender que muitas das minhas escolhas posteriores foram norteadas pela fome e pelo desejo de viver. Desse modo, tive que ressignificar muitas das experiências vividas na minha infância, advindas sobretudo, dos abusos impetrados contra meu pequeno corpo negro. Mesmo sem conhecer a filosofia existencialista de Sartre, a ânsia pela vida já me consumia, segundo o filósofo

francês “só nos tornamos aquilo que somos pela negação íntima e radical daquilo que fizeram de nós”. (SARTRE, 2005, p. 34).

Em 2008 fui enviado como missionário leigo da Pastoral da Criança para a cidade de Moraújo, localizada no noroeste do estado do Ceará, a fim de desenvolver ações de saúde, educação, nutrição e cidadania, consideradas pela organização como essenciais para melhoria da qualidade de vida. Permaneci por onze meses naquela cidade encantadora e acolhedora, como nenhuma outra por onde passei. Durante o desenvolvimento das ações relativas à missão, dividi a responsabilidade com uma companheira de missão chamada Ivete, vinda da cidade de Limeira, interior do estado de São Paulo, com quem não tinha convivido por mais que vinte dias, antes de partilharmos o peso da missão e o trato diário. Em Moraújo aprendi que se fazer gente é um processo contínuo e interminável.

Permaneci na Pastoral da Criança por dez anos, na maior parte deles ocupei a função de capacitador desenvolvendo atividades relacionadas à formação de novos voluntários. Assim, fui sendo tomado pela ideia de que havia nascido com a vocação para o ensino. Passei a conceber que ser professor seria um chamado de Deus, que teria por finalidade levar crianças e jovens a experimentarem o amor do deus cristão. Nessa altura da vida, espalhar a boa nova e levar os sedentos as fontes de água viva que teriam jorrado do coração do Cristo salvador eram as motivações de minha existência.

Antes de casarmos eu e Leidiane namoramos por cinco longos anos, quatros dos quais sem relação sexual. Em 2009 passei a fazer parte do movimento eclesialístico da Renovação Carismática Católica, momento em que a busca em satisfazer os anseios da alma fizeram-me travar lutas hercúleas contra meu próprio corpo na busca pela perfeição e por consequência pela santidade, eram comuns práticas como jejuns regulares, participação quase diária em missas, adorações, louvores e seminários de oração. Naquele momento, meu corpo tornou-se um inimigo a ser combatido, guerra que apenas poderia ser vencida com o alimento constante do Espírito.

Depois de casados desejávamos lançar as redes para águas mais profundas, assim em junho de 2013 iniciamos o caminho vocacionado em uma Comunidade de Vida. Em agosto do mesmo ano soubemos que estávamos à espera do nosso primeiro filho, dada as dificuldades impostas pelas mudanças

hormonais ocorridas no corpo de Leidiane, decidimos deixar a comunidade e voltarmos ao mundo secular. Tantas mudanças e incertezas me fizeram sentir como um barco à deriva no mar. Havíamos deixado tudo para seguir o mestre, mas ao que parece nossos ouvidos teriam nos traído.

Passados alguns anos, a religião foi deixando de ser a bússola pela qual orientávamos o modo como movimentávamos nossas vidas. Quando Nicollas estava prestes a fazer dois anos, deixamos o conforto de nossa cultura e iniciamos uma das mais importantes aventuras de nossas vidas, viemos para Mato Grosso a fim de ingressarmos como estudantes em uma Universidade Federal, mas não só isso, mudar de estado também seria uma maneira de nos reconectarmos com nós mesmos. Talvez uma jornada de fé.

Nos primeiros semestres de curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário de Rondonópolis, eu passei por uma das mais dolorosas experiências de minha vida até então. Descobri-me negro, e isso foi deveras desafiante. A cada passo dado nos caminhos da ancestralidade bebia de águas mais turvas e me banhava em lagos mais perigosos. Os confrontos com as teorias e com professores deram-me condições emancipatórias, não apenas do pensamento, como também da maneira como passei a relacionar-me com meu corpo preto. O curso humanizou-me e não no sentido humanista do antropocentrismo, meu processo de humanização passou pela apropriação ontológica de minha negra ancestralidade, reconectei-me com a batida dos tambores que ecoam dos terreiros e que eram tão comuns nas práticas de fé de minha família.

Durante o curso envolvi-me politicamente em tudo que foi possível. Fui membro do Diretório Central dos Estudantes por duas gestões. Articulei junto com alguns amigos o movimento que culminou na primeira greve geral de estudantes da Universidade Federal de Mato Grosso. Com minha companheira, irmã e filhos passamos a dormir em barracas dentro do Campus, nossa greve durou mais de sessenta dias. Saímos quando estava certo de que teríamos nossas demandas atendidas pela gestão da Universidade, não sem muitos tensionamentos.

A partir da minha identificação como corpo negro masculino e jovem, na condição de pai, passei a indagar sobre a segurança de meus filhos. Interessei-me por investigar a constituição de famílias negras na experiência histórica dos

quilombos, todavia a falta de documentação a respeito levou-me sequencialmente a problematizar os processos educativos e as tecnologias desenvolvidas e mobilizadas por famílias negras como táticas para manutenção, prolongamento, continuidade e preservação da vida de crianças e jovens negros do sexo masculino no contexto do genocídio negro impetrado pelo do terror de Estado.

2.3 Encruzilhadas, enchentes e vazantes

Feito tais considerações, penso que produzir conhecimento fora do eixo pode deixar cravado na história aspectos da cultura de universos subalternizados, dando possibilidade para que certos saberes acumulados ao longo de gerações não pereçam com a morte de seus guardiões. Para além disso, como historiador e educador definiria a pesquisa acadêmica como um desejo de disputar na memória da Nação, pessoas e saberes que por muito tempo foram intencionalmente silenciados pela História. Nesse sentido, penso que o exercício da escrita é um imenso desafio, dado a urgência em lançar um olhar negro sobre o mundo, considerando os riscos que envolvem a ação para não construir discursos laudatórios e cristalizantes acerca dos sujeitos e de suas narrativas.

Faz parte do ofício do historiador produzir leituras acerca da ação da humanidade ao longo do tempo, como uma grande aranha fiandeira, nos ocupamos do destino dos homens. Não importa se suas ações estão localizadas no tempo dos mitos, dos grandes heróis e heroínas, no tempo pretérito de algumas décadas ou séculos, ou no tempo do agora, da vida vivida, sonhada e sentida. Construimos por meio de uma mobilização documental e de um arcabouço teórico-conceitual, sempre tecemos visões parciais e limitadas dos atos de homens e mulheres ao longo do tempo.

Conceição Evaristo (2020a; 2020b) elabora o caminho denominado Escrevivência, como recurso narrativo no campo da literatura. Entretanto, reconhecendo a força ancestral gestada em tal proposta, dada sua capacidade transgressora e indisciplinada diante do paradigma que normaliza o fazer da boa “ciência”, pesquisadores e pesquisadoras de variados campos do conhecimento têm se apropriado da noção de Escrevivência e a utilizado como metodologia na produção acadêmica. Por compreender que ocupo um lugar de privilégio, qual

seja o de sobrevivente das políticas de morte e de pesquisador em nível de mestrado vinculado a uma Universidade pública, e que a produção de conhecimento é um território em disputa, no qual diferentes narrativas tensionam leituras e interpretações acerca da construção da realidade, e por consequência do poder. Sustentado na perspectiva das encruzilhadas, tomo a Escrivência como potência narrativa e como marco teórico para fundamentar a pretografia como caminho metodológico que orienta este estudo.

Antes da diáspora negra imposta pelo colonialismo ao continente africano, a vida de muitos dos seus povos era pautada nos princípios do comunitarismo. A experiência da vida em comunidade estava baseada na partilha e no cuidado mútuo e as relações eram marcadas pelo senso de pertencimento coletivo. Noções como classe e estamento social, bem como propriedade privada e a classificação a partir do gênero não faziam sentido no ecossistema cultural de muitos povos africanos. Assim, as crianças, as sementeiras e as colheitas eram responsabilidade de toda comunidade. Com o sequestro e a escravização, muitos desses valores atravessaram o Atlântico e foram aqui adaptados, de modo que o germe da ontologia comunitária presente na filosofia *placentária ancestral* pode ser encontrado, sem muitas dificuldades, em instituições e comunidades negras, tais como os terreiros de Candomblé, quilombos, rodas de capoeira e escolas de samba. (MACHADO, 2013).

A Escrivência enquanto potência narrativa e marco teórico pode ser entendida como um esforço de superação do paradigma do “Eu”, como expressão absoluta do indivíduo e da comunidade. Desta forma, conforme as formulações de Evaristo (2020a; 2020b), a experiência de escrever parte sempre da noção de pertencimento coletivo do autor, considerando suas subjetividades enquanto corpo racializado, generificado, que lê o mundo, e é lido, a partir de uma experiência de classe. Tendo em vista que somos tecidos e costurados nas e pelas relações que estabelecemos com os outros e com o tempo do presente, do passado e do futuro. O ato de escrever considera as experiências históricas vivenciadas pelo autor e pela autora a partir da compreensão de que o genocídio é uma arma política, utilizada pelo Estado-Nação para instaurar na memória e na experiência negra uma atmosfera de “absoluta violência” (FANON, 2005, p. 53). Nesse sentido, se “a violência é a primeira e mais diletta companheira da experiência negra na Diáspora”

(FLAUZINA, 2017, p. 53), a escrevivência e a pretografia são fissuras no imaginário antinegro, capazes de proporem alternativas possíveis para o enfrentamento cotidiano das ações de morte, empreendidas contra a população negra. Portanto, em suma, escrever e pretografar podem ser compreendidos como gestos de recusa em ocupar pacificamente as zonas de morte às quais somos sistematicamente direcionados.

Nesse sentido, tomar a escrevivência como marco teórico é assumir a negritude tanto como “lugar epistêmico” (PEREIRA, 2018, p. 97), quanto “lugar racial” (CARDOSO, 2008, p. 176) como elemento constituinte do modo de ser e estar no mundo, de sorte que a autobiografia e seu caráter individual em nada se aproxima da escrevivência, em verdade para Conceição Evaristo (2020a; 2020b), a escrevivência se contrapõe a perspectiva narcísica da escrita autobiográfica. Se o racismo e a antinegitude têm no corpo de homens, mulheres e crianças negros e negras a fronteira a partir da qual a humanidade se estabelece (VARGAS, 2017), a escrevivência é o espaço da fuga coletiva.

O corpo negro é um corpo tensionado na margem (KILOMBA, 2019), por isso aqui ele tomado como um corpo documento, que deve ser lido sob a ótica do seu pertencimento coletivo. Ressalto que o senso coletivo presente na escrevivência, não busca obliterar a pessoa que escreve, antes reconhece que existe uma teia de configurações que formam uma simbiose entre o eu enquanto indivíduo e o nós enquanto coletividade que partilha da mesma sorte existencial. Uma vez que nossas experiências individuais, dizem respeito a “*um em comum entre o lá e cá*” (PORTILHO, 2019, p. 17 grifo da autora), delineado aqui pela categoria de ancestralidade a partir das postulações de Oliveira (2012); Machado (2013); Machado (2014) e Dantas (2018). A ancestralidade africana se constitui na relação implicada entre os mortos, os vivos e os que estão por vir, que por serem lidos pelo signo da raça comungaram, comungam ou comungarão no mais das vezes de traumas relacionados à estética corporal, a limitação de acesso a determinados espaços, de representações estereotipadas, hiperssexualização, evasão escolar, trabalho informal, fome, redução na expectativa de vida, sequestro e morte violenta. Entretanto, cabe pontuar que qualquer tentativa de categorização bem delineada do que seria a ancestralidade e dos modos como

ela pode ser operada no âmbito da produção acadêmica, incorre na descaracterização daquilo que a ideia tem de maior beleza e potência.

Eu quero ser um bom pesquisador, não por mim mesmo, mas pelos meus ancestrais, que para fugirem da escravidão se jogaram no oceano, preferindo a morte à servidão. Também por aqueles que fugiram e fundaram os quilombos, queimaram engenhos e desestabilizaram o sistema escravista, por cada jovem negro que já nasce com um alvo nas costas, por cada menino e menina que ainda está por vir, para que quando a ciranda da vida os alcançar encontrem o mundo menos racista. Não somos animais, não somos menos inteligentes, mas quanto mais o funil fica intelectual, menos negros estão nele, é preciso subverter essa ordem.

É desse lugar-mundo que tomo a palavra e falo em meu próprio nome e em nome dos meus ancestrais. Faço isso, por concordar com a historiadora negra, Priscila de Oliveira Xavier Scudder (2017), orientadora desta pesquisa, quando afirma que, nada que é produzido pelo ser humano pode ser neutro ou objetivo, de maneira que nem a arte e nem a ciência, se furtam de seu caráter político e subjetivo, visto que aquele ou aquela que produz conhecimento ocupa um lugar no tempo e no espaço, com um corpo racializado e generificado, marcado por determinados limites e possibilidade culturais.

Desde essa compreensão advogo que quando um homem ou uma mulher negra escreve sobre si, miríades de outras vozes ecoam das palavras escritas, saltam da brancura do papel e de negros traços rabiscados gritam palavras-esperança. Vozes de mães, avós, filhas e netas ainda não nascidas podem ser ouvidas. Escrever é ao mesmo tempo, um posicionamento político, ético e estético de apropriação da ancestralidade, em que o tempo do futuro e a busca pelo progresso deixam de ser o paradigma sobre o qual a vida se orienta, uma vez que o tempo pretérito, dos mitos, das grandes civilizações, da dor do sequestro, do tráfico, da travessia e escravização é sempre o tempo presente do passado.

3 SEGUNDA ESQUINA

3.1 Pretografia – Construindo modos de habitar o fim do mundo

“o quilombo pode ser considerado o símbolo maior da luta pela terra comunitária e pela liberdade em toda a Diáspora Africana nas Américas”.
José Jorge de Carvalho

Para pessoas com corpos marcados como inferiores pelo regime de racialidade instaurado pela modernidade, a manifestação do pensamento por meio da escrita é ao mesmo tempo um risco e um imperativo. Todavia, faz-se necessário ressaltar, que tal afirmação não tem a intenção de obliterar as relações de poder que estruturam a produção e a circulação de ideias, como também não parte da premissa de que todo texto escrito por mãos negras é comprometido com a preservação da vida e dos saberes dessa população, muito pelo contrário. Pensar a escrita nesse caso, de modo particular a escrita de pessoas pretas, significa navegar por possibilidades outras de existir e habitar o mundo ou fim do mundo por assim dizer, possibilidades que são diversas daquelas que a ideologia do Estado-Nação cristalizou no imaginário.

Tencionasse então, a capacidade da escrita preta de criar territórios imaginativos de fuga, transformação e interpretação da realidade, não como exercício de poder, mas como potência emancipatória. A dinâmica metodológica que permeia a escrita preta como um lugar possível contra todos os contrários, encontra na forma das encruzilhadas o imprescindível para colocar em ciranda a ação e movência dos tempos e das temporalidades, a fim de que se estabeleça, um diálogo efetivo com os que foram, com os que são e os que ainda virão.

Nesse sentido, a experiência histórica dos quilombos, surgidos na diáspora enquanto movimento inventivo, pode ser encarada como referencial paradigmático da utopia e da liberdade. Nas américas, a criação dos quilombos foi ao mesmo tempo uma resposta aos projetos de dominação e uma alternativa coletiva ao modelo de sociedade colonial-escravagista. Nesses termos, penso que a luta política pela manutenção e preservação da vida da população negra se concretize em ações e práticas de liberdade, é preciso que as forças

racialmente posicionadas como negras, estejam pautadas no senso de pertencimento e por consequência distanciando-se da noção de identificação.

Nesse intuito, construí uma argumentação pautada no senso de pertencimento, que atravessa a polissemia do quilombo para a construção de uma proposta educativa que denominamos como contrarracista. O movimento aqui delineado, foi construído a partir do confronto entre as evocações da memória das figuras de Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares e Luís Gama advogado e proeminente abolicionista. A oposição entre Zumbi e Gama tem sido feita, a partir da premissa de que os dois seriam representantes de duas equações diametralmente opostas. De par com o que se afirmou antes, as veredas e potências que emergem da escrita de autores e autoras negras e negros abrem fissuras epistemológicas e políticas, a partir das quais é possível construir outras formas de existir e habitar o mundo.

3.2 Costuras

Assumir a ancestralidade africana e afro-diaspórica como valor civilizatório e como categoria de análise, desloca o pensar e o fazer da escrita, movendo-a do âmbito estritamente individual e desimplicado, em direção a uma compreensão mais alargada de sujeito, em que o sentimento de pertencimento ao ser invocado, emerge como um acontecimento político, no qual a experiência-memória anterior, durante e pós calunga é ontologicamente reposicionada na história.

Nesse caso, “sentir-se” parte do grupo não pode ser entendido tão somente como processo de subjetivação pessoal, cuja finalidade seria única e exclusivamente a construção de uma identidade racial positivada, mas sim, como o estabelecimento de um pacto ético, entre a pessoa e a comunidade, composta por aquelas e aqueles aos quais nós reconhecemos como nossos semelhantes. De acordo com as postulações feitas por Nêgo Bispo^{7 8}, na obra

⁷ Antônio Bispo dos Santos ou Nêgo Bispo é um ativista político e militante de grande expressão no movimento social quilombola e nos movimentos de luta pela terra atualmente, membro da Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Piauí (CECOQ/PI) e da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ). Possui ensino fundamental completo e faz parte da primeira geração da família da sua mãe que teve acesso à alfabetização. As informações acerca da biografia do autor foram retiradas na íntegra da obra citada.

⁸ As informações a respeito dos autores e autoras citadas ao longo do texto, sobretudo, no caso de pensadoras e pensadores brasileiros estão disponíveis na Plataforma Lattes. Caso a pessoa

Colonização, Quilombos: modos e significações (2015), o pacto ético ao qual acabamos de nos referir, por estar alicerçado nas cosmovisões afropindorâmicas, teria como principal finalidade a preservação da vida, tanto em suas dimensões física, afetiva e psíquica quanto na espiritual e interacional.

Assim, pertencer seria ao mesmo tempo a materialização do Ubuntu como princípio filosófico e como potência epistêmica. O senso de pertencimento confronta a capacidade de mobilização política presente na ideia de identificação, já que, pertencer implica responsabilidade e compromisso com o grupo, enquanto identificar-se no máximo, produz como efeito o compromisso com a sobrevivência individual. Desse modo, intuímos que, a escrita preta enquanto potência emancipatória estaria fundamentada no Quilombo como experiência histórica, como prática pedagógica e como utopia social.

A proposta educativa esboçada aqui se ancora na encruzilhada como signo relacional, em que as possibilidades nunca são estanques, mas estão sempre em movimento, apresentando múltiplas configurações, entendimentos, desafios e questionamentos (RUFINO⁹, 2017). A encruzilhada como pulsão pedagógica é sempre ponto de partida, o que implica dizer, que a partida nem sempre segue a reta do progresso em direção ao futuro.

Ressalta-se, que a tessitura do texto é provocada por uma série de inquietações. Uma delas é a desconfiança a respeito da efetividade do antirracismo, para mitigar o sofrimento e reduzir as fronteiras da escassez e da precariedade que assolam a população negra, sobretudo as infâncias e as juventudes. Tal suspeita, funda-se na compreensão de que as formulações teóricas baseadas no antirracismo, em certa medida parecem desconsiderar que a divisão dos grupos humanos a partir das diferenças fenotípicas foi estabelecida por meio de critérios completamente autorreferenciados, e que o aumento do número de pessoas negras nos espaços de tomada de decisão, a maior aparição de personagens negros em produtos culturais, embora tenham sua importância no combate ao racismo, são insuficientes para derrocada definitiva do regime de

citada não possua currículo cadastrado na referida plataforma, indicaremos o local de onde as informações foram retiradas.

⁹ Luiz Rufino é graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, onde também desenvolveu sua pesquisa de mestrado e de doutorado. Atualmente é professor assistente na mesma universidade. A partir de uma perspectiva teórica decolonial, sua tese de doutorado propõe uma pedagogia baseada em Exu e em sua encruzilhada como possibilidades educativas.

racialidade, já que a proposta do antirracismo supostamente estaria fundada na simples integração da população negra nas estruturas sociais. O contingente negro não pode ser reduzido a nicho de mercado, sem pormos abaixo o capitalismo não iremos superar o racismo como regime de poder.

Em outras palavras, embora as ideias baseadas no antirracismo tenham contribuído para a fragmentação de imagens inferiorizantes a respeito da população negra, ao que parece a proposta e força política contidas no interior dessa categoria foram cooptadas pelo capitalismo e transformadas em mercadoria. De modo que, quem tem condições financeiras pode a qualquer momento adquirir um comprovante de que não compactua com práticas racistas, embora isso não implique necessariamente com o reconhecimento dos efeitos nefastos do racismo e da antinegitude sobre a vida de sujeitos negros. Para além disso, qual lugar dos corpos negros dentro do antirracismo? As pessoas negras são de fato as maiores beneficiadas pelo antirracismo?

A consolidação da raça como regime de verdade (FOUCAULT¹⁰, 2010), foi um processo inerente e necessário para o bom funcionamento do capitalismo. Desse modo, ainda que os argumentos utilizados na categorização dos grupos humanos a partir da métrica racial, estejam fundamentados em uma ficção (MBEMBE¹¹, 2018), a raça como categoria de dominação, assim como a classe social e o gênero, é um dos princípios basilares que estruturam as formas de distribuição e ocupação espacial, de acesso e consumo aos bens materiais e simbólicos, produzidos e acumulados historicamente pela humanidade.

Para além disso, o antirracismo como proposta educativa não propõe uma ruptura radical com o privilégio e a hegemonia do branco como norma, uma vez que, ao que parece, a operacionalidade que orienta a aplicação do conceito a longo prazo, propõe uma mudança de mentalidade, que deveria ocorrer,

¹⁰ Nascido na França no entre guerras, inequivocadamente Michel Foucault foi um dos maiores pensadores do século XX, embora sua formação estivesse alicerçada na Filosofia e na Psicologia, sua produção intelectual prendeu-se pouco as barreiras disciplinares. Falecido na década de 80 do século passado, suas contribuições teóricas continuam influenciando muitos pensadores e pensadoras. Informações disponíveis em: <https://colunastortas.com.br/michel-foucault/>. Acesso em: 15 de abril de 2022.

¹¹ Nascido em Camarões, uma ex-colônia da França e da Inglaterra no continente africano, Achille Mbembe é um importante filósofo, historiador e cientista político negro. O conceito de necropolítica, é uma das incontáveis contribuições do autor para o avanço das Ciências Humanas e Sociais. Atualmente é leciona em universidades da África do Sul e dos Estados Unidos. Informações disponíveis em: <https://www.politize.com.br/necropolitica-o-que-e/>. Acesso em: 15 de abril de 2022.

sobretudo, nos grupos que do ponto de vista racial, historicamente foram tidos como desracializados. A partir disso, as diferenças e os conflitos motivados pela diferenciação racial seriam naturalmente superados, donde surgiria uma sociedade harmoniosa e livre de conflitos, pelo menos no que diz respeito aos aspectos raciais. Tenho dúvidas de que isso de fato se concretize em algum momento no futuro.

Suspeitar da efetividade do antirracismo como instrumento emancipatório, não significa dizer que eu também não sonhe com o dia em que as crianças nascidas de um útero negro, não mais serão alvo das balas perdidas e dos baculejos. As indagações que faço a esse respeito, estão comprometidas com a criação dessa possibilidade de futuro, mas até que esse dia chegue, o que vamos fazer com nossos filhos e filhas, nossos sobrinhos e sobrinhas, nossos netos e netas que são vitimados e vitimadas por gestos e ações racistas, que são sistematicamente assassinados e assassinadas pelas forças policiais? Vamos neutralizá-los em nome da convivência pacífica e do apagamento das diferenças raciais construídas social e historicamente ou vamos potencializá-los?

Não se pretende com isso desabonar a importância da construção de identidades raciais positivadas pelo autoreconhecimento e pela apropriação de um arcabouço cultural e teórico afrorreferenciado (MACHADO¹², 2019), muito pelo contrário, reconheço que é necessário a desconstrução de identidades marcadas pelo trauma e pela experiência da dor causada pelos estereótipos. Todavia, não podemos desconsiderar que o racismo é uma ideologia política e que possui um caráter altamente pedagógico, e nem que a divisão da sociedade a partir do marcador racial é necessária para a manutenção da ordem social em que a brancura é o paradigma normatizador. A performer negra, ativista e pensadora trans Jota Mombaça na obra *Não vão nos matar agora (2021)* define a brancura como algo que “é menos uma cor e mais um modo de perceber a si e organizar a vida, uma inscrição particularmente privilegiada na história do poder e uma forma de presença no mundo”. (MOMBAÇA, 2021, p.66).

¹² Adilbênia Freire Machado é uma filósofa afro-brasileira, graduada pela Universidade Estadual do Ceará, mestre e doutora em educação pela Universidade Federal da Bahia e pela Universidade Federal do Ceará, respectivamente. Seus esforços de pesquisa estão articulados em torno da filosofia africana, a partir de categorias como encantamento e Ser-tão.

O branco, a brancura, a branquitude e a branquidade são categorias que desvelam a patologia narcisista que ordena o regime de racialidade, que abriga em sua estrutura as definições de humano e humanidade, sendo também o seu marco regulatório. Na conjuntura da colonização, o estabelecimento da fronteira entre quem ou que é o humano, deu-se a partir da autodenominação do europeu como branco, “os dominantes construíram mentalmente as normatizações do que seria o ideal de humanidade” (DANTAS¹³, 2018, p.40), esse movimento estabeleceu um *status* de semelhança em que mulheres, negros, indígenas, pessoas LGBTQIA+, ciganos, mulçumanos, deficientes e comunistas, a serem tidos como dessemelhantes, não são reconhecidos como humanos plenos, o que justificaria o seu extermínio.

A escrita tem sido, para quem experimentou e/ou experimenta “uma condição permanente de viver na dor (...)” (MBEMBE, 2018, p. 68), uma possibilidade de perseguir uma cura. Nos casos de autores e autoras negras, a cura não reside no ato mecânico da escrita, mas nas forças que mobilizamos, nos diálogos que empreendemos, nas energias ancestrais que nos acompanham no trajeto, no meio da escrita.

Inspirados em Silva e Rufino (2018), pensamos não o solo brasileiro, mas a escrita negra, ativista e contrarracista como um terreiro, um lugar onde o axé pode ser plantado e se constituir no chão que reverbera vida. É no texto que escavamos e é “desse lugar que seguimos a máxima das pedras miúdas, aquelas que sustentam, na sua pequenez, os segredos dos grandes lajeados”. (2018, p. 13)

Silva e Rufino (2018, p. 13), entendem o solo brasileiro como assentamento, como “lugar onde está plantado o axé, chão que reverbera a vida”. Pensando com os autores, compreendemos que textos de autores e autoras negras e negros podem se constituir em terreiros e em lugar de axé, podem ser chãos onde cantamos saudades para invocar os saberes da ancestralidade.

¹³ Luís Thiago Freire Dantas é um filósofo afro-brasileiro, graduado pela Universidade Federal de Sergipe, especialista em Educação das relações étnico-raciais pela Universidade Federal do Paraná, mestre e doutor em filosofia pela mesma instituição. Atualmente é professor adjunto de Filosofia da Educação no Departamento de Estudos da Subjetividade e Formação Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Sua tese de doutoramento foi a primeira no Brasil defendida na área de filosofia a ter como tema de investigação a Filosofia Africana.

Em nossas pesquisas, artigos e dissertações temos invocado nossos mais velhos, e eles têm nos ofertado as

máximas das pedras miúdas, aquelas que sustentam, na sua pequenez, os segredos dos grandes lajeados (...). Somos orientados por aqueles que na escassez, na ausência e na interdição inventaram possibilidades. Praticamos encruzilhadas, lá acendemos as velas, engolimos de um jeito para cuspir de outro; anuviados pelas gotas de marafo lançadas ao ar, buscamos outras miradas. (SILVA&RUFINO, 2018, p. 13)

O texto é nosso terreiro, nele tratamos das questões que afetam a nossa gente e das táticas de enfrentamento que herdamos e temos atualizado contra a empresa colonial branca/eurocentrada. Todos os problemas que as populações negras têm amargado são, sem exceção, frutos do racismo e da antinegritude. Assim, quando falamos de prisões, trabalho doméstico, literatura, livros didáticos, família, mídia, saúde mental e física, infância, processos educativos, história do Brasil, sistema-mundo capitalista, entre outros temas, temos em conta que nos ocupamos de políticas (necropolíticas) desdobradas da mentalidade racista-escravocrata-colonial, que continua reverberando e marcando as relações entre a sociedade e Estados brancos e as gentes negras e indígenas.

Aprendemos com Fanon (1968), que somos intelectuais colonizados, fruto de uma pedagogia colonial e colonizadora, que cumpriu à risca e com excelência a tarefa dos estados do sistema-mundo ocidental, racista, colonial, patriarcal, judaico-cristão, especista, de fazer com que negros, indígenas, aborígenes, asiáticos, pensassem, falassem, escrevessem, compreendessem o mundo, como brancos. E nos indispomos contra esse conteúdo, metodologia e plano de ensino racista, pois está é uma “arapuca”, da qual aprendemos que podemos escapar, quando contamos com o legado da “ancestralidade” e de seus “encantamentos”.

A partir das noções de ancestralidade e de encantamento praticamos uma dobra nas limitações da razão intransigente cultuada pela normatividade ocidental. (...). Esta dobra política e epistemológica é crucial para um reposicionamento ético e estético das populações e das suas produções, que historicamente foram vistas, a partir de rigores totalitários, como formas subalternas, não credíveis. (...). Por mais que o colonialismo tenha nos submetido ao dismantelo cognitivo, à desordem das memórias, à quebra das pertenças e ao

trauma, hoje somos herdeiros daqueles que reconstruíram a partir de seus cacos. (SILVA&RUFINO, 2018, p. 11-14)

Durante o período que efetivamos nossas pesquisas junto ao Programa de Pós-Graduação/PPGEDU/UFR, e mesmo antes do ingresso no curso, fomos aprendendo que os marcos históricos, os conceitos e as perspectivas epistemológicas brancas, reduzem as possibilidades de compreensão das questões que propomos, e fomos nos iniciando na pretografia, conceito que entendemos como uma escrita contrarracista conectada com as histórias, lugares e vivências de corpos negros, que dialoga com autoras e autores negros, indígenas, árabes, aborígenes, latinos, não universalistas, descoloniais, interseccionais, mantendo em perspectiva a origem africana da civilização, e considerando a versão ocidental de mundo como parte de um projeto político mentiroso, racista e escravocrata.

A obra do intelectual quilombola Nêgo Bispo, representa uma verdadeira inflexão no arcabouço teórico político a respeito da colonização, já que o autor toma o modo como a vida se organizava em comunidades históricas como Pau de Colher, Palmares, Canudos e Caldeirões, quanto comunidades contemporâneas nos rincões do Brasil se relacionam com todas as formas de vida, Nego Bispo ler as práticas de resistências empreendidas pelas comunidades do passado e do presente como contra colonização. Em uma definição mais precisa, o autor afirma que,

vamos compreender por contra colonização todos os processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra colonizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios. (BISPO, 2007, p. 48)

Ancorados na formulação contra colonização de Nêgo Bispo (2015), formulamos um conceito de educação contrarracista, que vem a ser, um modo de compreender a racialidade a partir do senso de pertencimento, encarnado na radicalidade do quilombo enquanto projeto ético de emancipação e liberdade, cuja principal finalidade era a manutenção, preservação e prolongamento da vida. Dito de outro jeito, o contrarracismo fundamenta-se no quilombo como experiência histórica, como prática pedagógica e como utopia social.

4 TERCEIRA ESQUINA

4.1 Maria das Dores

O jovem Manuel¹⁴, de aproximadamente 25 anos, foi cruelmente assassinado em nove de março de 2010. Naquela noite, as balas que perfuraram a carne negra de Manuel, rasgaram também a alma preta de sua mãe, uma mulher negra, pouco escolarizada que à época do assassinato do filho tinha por volta de sessenta anos. Conhecida no bairro em que mora como Das Dor, uma abreviação de Maria das Dores, nome que recebeu de sua mãe em sinal de devoção à Maria mãe de Jesus, mas que, desde aquele dia, todas as vezes que ouvia essa pronúncia de seu nome, sofria com a memória de seu filho, para ela o nome tornou-se uma amarga maldição.

Na década de 1980, ao perceber que sua força e vigor físico começavam a declinar, com um bebê de poucos meses no colo, o último de nove filhos, Das Dor se viu abandonada à própria sorte, o companheiro que lhe havia jurado no dia do casamento que apenas a morte os separaria, deixou-a, quebrando a promessa feita no enlace matrimonial. Como ela mesma disse tantas vezes, “fiquei com uma mão na frente e outra atrás, com nove boca pra dar de comer e só Deus no céu pra me ajudar”. Após o abandono, teve que assumir a responsabilidade de prover sozinha todas as necessidades de sua prole, nem que para tanto fosse necessário submeter-se a duras cargas de trabalho.

Diante da pouca escolarização, a única saída possível naquele momento era fazer como outras mulheres do bairro, que encontravam na quebra do coco babaçu, os meios para adquirir o pão de cada dia e o sustento da família. A rotina daquelas mulheres começava ainda de madrugada, para que, quando o Sol cobrisse o mundo com sua luz e raios de calor, as pilhas de coco já estivessem amontoadas. Seu corpo, único meio pelo qual se pode existir nesse mundo, a essa altura já deveria estar molhado de suor. As mãos eram desprovidas da suavidade e da feminilidade que o imaginário masculino burguês designava às

¹⁴ Neste texto, tomamos a Escrivência como caminho metodológico e recurso narrativo, de modo que alguns casos narrados, embora tenham acontecido enquanto fatos históricos, ao estarem registrados na memória do autor, são apropriados e ressignificados por meio de narrativas que não enxergam fronteira entre a História e a Literatura. Este caso, por exemplo, é baseado em um acontecimento real, mas, ao valer-me da Escrivência como recurso narrativo, transformo uma experiência individual a partir do seu caráter coletivo em denúncia contra o racismo, a violência e o terror de Estado.

mulheres, eram mãos encalçadas, mãos machucadas, como tantas outras mãos negras, eram mãos de uma mãe que precisava alimentar nove filhos.

O dia de trabalho tinha hora para começar, mas não para terminar. Quebrar o coco babaçu é tarefa árdua, o manuseio do machado e do cacete requer muito esforço físico, de modo que, para aquelas menos experientes, era comum um dedo ou outro estourado por uma cacetada errada. Tarefa perigosa aquela, que às vezes resultava na amputação involuntária de algum dedo pela lâmina do machado, mas para aumentar o rendimento e diminuir o esforço permanecia sempre muito bem afiado. Como forma de garantir a segurança e socorro nos momentos de necessidade, geralmente, a tarefa de ajuntamento e extração das amêndoas do babaçu eram feitas coletivamente. Entre às 04 e às 06 horas da manhã e às 16 e às 18 horas da tarde, era comum a qualquer transeunte ver grupos formados por quatro ou cinco mulheres, de posse de machados, cofos de palha na cabeça e cabaças d'água a tira colo, cortarem o horizonte acinzentado das manhãs e tardes daquela comunidade.

Quebrar o coco e extrair as amêndoas era apenas parte do estafante empreendimento. Após isso, uma vez por semana, as amêndoas deveriam ser torradas, o que geralmente acontecia no quintal de casa. Depois de torradas as amêndoas eram esmagadas no pilão, para só então, se apurar o refinado azeite. Durante a extração das amêndoas, entre uma cacetada e outra, os olhos atentos de mãe recolhiam as larvas de besouro conhecidas como gongos, que porventura apareciam, com elas alimentaria as bocas famintas que haviam ficado em casa. Do babaçu nada se perde, as amêndoas viram azeite, as cascas viram carvão e as larvas, após fritas no azeite, servem de mistura no jantar. Essa era a rotina diária enfrentada por Das Dor e por inúmeras mulheres negras e pobres do interior do Pará e do Maranhão, para criarem seus filhos e filhas.

A luta para criar os nove filhos foi grande. Entre um cofo de babaçu e outro, Das Dor lavou e passou para a elite da cidade. Em uma região marcada pelos horrores da ditadura, muitos ainda encontravam motivos para a solidariedade, desde que essa solidariedade não envolvesse o ato de falar sobre os “terroristas” ou sobre a violência policial. O tempo foi passando, os filhos foram crescendo, em certa medida a vida foi ficando mais leve, alguns filhos se casaram, outros encontraram nos estudos o caminho para a ascensão social. Manuel e o irmão Francisco, por serem os mais novos, foram os mais

privilegiados, não conheciam o cabo da enxada e nem o suor resultante das caieiras de carvão de coco babaçu.

Na noite de março de 2010, após Manuel tomar banho e passar na casa da namorada, os dois se dirigiram para o bar, que ficava localizado na esquina da quadra de sua casa. Por volta das vinte e uma e trinta horas, Das Dor chegou da Igreja e se sentou na porta de uma vizinha, como sempre fazia. De longe, viu a moto de Manuel parada na porta do bar, aquilo não era algo exatamente estranho, seu filho conhecia bem os bares da cidade, não que ele fosse um alcoólatra, embora bebesse sua cervejinha. Engana-se quem pensa que bar é um lugar apenas para beber. Os jogos de sinuca e baralho eram dois de seus passatempos preferidos, aquela noite, parecia que seria mais uma noite qualquer, nem mãe e nem filho imaginavam o que viria a acontecer.

Conversa vai, conversa vem. Estouros repentinos deixaram todos em pânico, os estouros foram identificados: “É tiro no bar da Miúda!”, ouviu-se alguma voz amedrontada dizer. O coração da mãe preta, é guardião, é segredo, feitiço e mistério. Naquele momento, enquanto todos que estavam sentados nas portas, corriam em busca de abrigo, ao lembrar-se que a moto do filho estava estacionada na porta do bar, Das Dor teve seu coração atravessado por uma lança. Tirou as sandálias dos pés e correu, cheia de angústia e medo, mas também de esperança. Os assassinos ainda estavam por lá, os tiros ainda não tinham cessado, todavia isso não foi suficiente para impedir as ações desesperadas daquela mãe negra.

Quando os matadores saíam da cena do crime, Das Dor chegou. Já não lembrava como havia chegado até ali, os segundos de corrida, fluíram como um rio lento e vagaroso, naquele momento experimentou da pior forma a ideia de eternidade. Ao entrar no bar se deparou com o corpo negro do seu filho caído no chão, perfurado em muitos lugares e mergulhado em um mar de sangue. O desespero inundou-a por inteiro, “Meu filho o que fizeram com você?”, pensou ter dito, mas o que os presentes ouviram foram gritos de socorro de uma mãe desesperada, mas não desesperançada. O filho que, antes havia tido em seu colo, amamentado em seu seio, agora estava ali diante de seus olhos, vertendo sangue como um animal abatido. Naquele momento, os olhos de mãe e filho se encontraram, Manuel então juntou toda força que lhe restava para dizer “mãe”, uma última vez.

Das Dor ficou ali abraçada ao corpo já sem vida de seu filho, enquanto a multidão de curiosos, amigos e parentes se aglomerava. A cena era de terror, vista por muitos de nós apenas em filmes de guerra. Com o corpo morto do seu filho no colo, aquela mãe suplicava por ajuda, mas quando o socorro chegou, já não havia a quem salvar. Ao retirarem o corpo do filho dos seus braços, aquela mãe de tantos filhos, juntou todas as forças que ainda lhe restava e gritou. Chamou pelo filho, mas o filho de agora em diante já não mais poderia respondê-la. Ao perceber que sua voz já não o alcançaria, em um gesto inesperado ela catou uma a uma, todas as cápsulas de projeteis que foram disparados contra seu filho. Nove! Nove balas foram desferidas contra o corpo do filho.

Levantou-se com as mãos cheias daqueles instrumentos de morte e saiu do cenário em que a vida de seu filho lhe foi roubada. Os amigos queriam consolá-la, os outros filhos queriam abraçá-la, mas naquele momento os sentidos foram suplantados pela dor, não conseguia ver e nem ouvir, mesmo estando de olhos e ouvidos abertos. Seu corpo estava banhado de sangue, sangue do seu filho, a partir daquele momento seria mãe de oito filhos e de um morto. Cena comovente aquela. O carmesim que tingiu suas roupas, sua pele, sua boca e seus cabelos, penetraram sua carne. Nenhuma água foi capaz de limpar, nada do que ela tentou pôde eliminar o odor de sangue de seu corpo. Se pela concepção e nascimento, o filho herdou sua carne e seu sangue, a morte violenta que o acometeu deixou como herança para a mãe, carne e sangue misturados a seu corpo e a sua alma.

4.2 Epistemologias da casa

Quando uma mãe perde seu filho de forma violenta, descobrir o que aconteceu e levar os culpados à justiça torna-se a motivação principal da continuidade da vida. Nem sempre os motivos e os autores do crime são desvelados. Para aqueles que são considerados os não-cidadãos do Brasil profundo e das periferias dos grandes centros, o Estado se faz presente na ausência, Vargas (2017, p. 92) afirma que “o que chamamos de Brasil [...] é uma construção imaginada e territorial, estrutural e cognitiva, religiosa e política, que depende de uma díade básica, uma díade de pertencimento. Essa díade é negro-não negro”. Mortes, como a de Manuel, não aparecem em rede nacional, não causam comoção como outros casos. Isso se dá por diversos fatores, o

primeiro deles devido ao fato de que nossa sociedade está assentada sobre o regime da violência legitimada e de racialização dos corpos, inaugurado pelo sistema-mundo-colonial-moderno-judaico-cristão na invasão da América. (QUIJANO, 2005).

O segundo fator, nesse caso específico, deu-se devido à localização geográfica em que ocorreu o crime. Na cidade em que o caso se desenrolou, não havia imprensa escrita, nem emissora de rádio e de televisão, e mesmo o caso tendo comovido muitos moradores da cidade, não houve por parte da população uma mobilização que pudesse ter um efeito de pressão sobre os agentes públicos, para que o caso fosse esclarecido e os culpados responsabilizados.

A colonialidade presente no pensamento e no imaginário brasileiro privilegia acontecimentos históricos e tragédias ocorridas nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e no Distrito Federal, em detrimento do restante do país, pois esses estados são considerados de relevância nacional, e os outros classificados como de importância local, quando muito regional. Embora, o genocídio antinegro seja um empreendimento nacional, as imagens que geralmente circulam na mídia, nos fazem acreditar que a morte de jovens negros é um efeito colateral da violência urbana característica dos grandes centros urbanos. Segundo Vargas (2017, p. 96) “[...] negros vivenciam violência não por causa do que fazem, por causa de quem são, ou melhor, quem não são”, ou seja, a pessoa negra, negra é antes de qualquer coisa e por esse motivo onde ela estiver, lá também estará a ação as forças do Estado com seus objetivos necropolíticos tensionando a existência aos limites da escassez e da “absoluta abjeção” (VARGAS, 2017, p.97).

Podemos compreender esse modo de pensar a partir da noção de colonialismo interno (CASANOVA, 2007), em grande medida, legitimado pela posição política de certos historiadores, sobretudo das universidades do Sudeste que compreendem a produção historiográfica e as análises elaboradas a partir dessa região como “história nacional”. Tal entendimento, implica em subalternizar e nomear como periférica, a produção de historiadores ligados a centros de pesquisa e universidades fora dos limites espaciais dessa região, desconsiderando que todo conhecimento/acontecimento é local, que a divisão

entre o nacional e o local está assentada na colonialidade (QUIJANO, 2005), e possui certo acento de universalidade. Sobre essa questão, concordo que

O gesto de escrever é acompanhado, entre outras coisas, por um desejo de pensar profundamente um problema. Os problemas podem ter os tamanhos e contornos da macroeconomia, da longa duração, das estruturas das grandes máquinas institucionais ou da vida cotidiana. A localização dos problemas em uma destas dimensões não indica que um ou outro ocupa um degrau inferior em alguma escala. Os acontecimentos da existência, da vida de todo dia, são atravessados pelas diretrizes político-econômicas do sistema-mundo capitalista e são fontes e pontos de partida para estudar também as questões canonizadas e revestidas de importância. (SCUDDER, 2019, p. 613)

Embora o assunto tratado no parágrafo anterior trate da produção de conhecimento histórico, pensamos não ser diferente quando o assunto em questão se refere à relevância dada as tragédias, ao sofrimento e às experiências negras. Todavia as fontes utilizadas para tessitura dessa reflexão, tanto oficiais como relatórios governamentais, quanto as de ordem memorialísticas e matérias em portais de notícia *online*, indicam que o infortúnio que acometeu a família do jovem Manuel, longe de ser um caso isolado, faz parte do cotidiano de incontáveis famílias, sejam elas das periferias dos grandes centros do sudeste ou das pequenas cidades nos rincões da Amazônia.

O terceiro fator se refere à política de esquecimento (MICHEL, 2010) que pela imposição do silêncio imputa à memória do morto o dever do esquecimento rápido. No caso narrado acima, o inquérito policial aberto foi considerado inconcluso, sendo encerrado sem chegar aos responsáveis, mesmo tendo testemunhas indicando o envolvimento de ao menos um policial militar no assassinato. A fim de dar paz para o seu coração, Das Dor conseguiu descobrir e tornar público o nome do agente do Estado responsável pelo interrompimento violento da vida de seu filho. Mesmo diante de um conjunto de evidências que corroboravam suas afirmações, não houve justiça, não houve reparação. Afinal, a busca por justiça tem preço e nem todas as mães podem pagar por ela, e sobre a memória do filho de tantas Marias das Dores, do Socorro e dos Aflitos pesa o veredito discursivo de “traficante”, “bandido”, “vagabundo” e “marginal”.

O conceito de necropolítica desenvolvido pelo filósofo negro camaronês Achille Mbembe (2016), é uma importante ferramenta para compreensão do

papel desempenhado pelo Estado na determinação e gestão da morte, que no caso brasileiro é direcionado pelos marcadores sociais da dessemelhança de raça, classe e gênero.

Dada a violência impetrada pela ditadura civil-militar permanecer viva na memória da população do Araguaia, entre a população das cidades, onde o conflito se desenrolou, o silêncio sobre o assunto ainda é a lei, situação motivada devido ao fato de que, durante muito tempo, as forças armadas, na figura do temido e odiado Major Curió, que com apoio da elite latifundiária local, mantiveram uma rede de espionagem para evitar que algum movimento reivindicasse a herança guerrilheira (BARBOSA, 2016). A Lei do silêncio imposta por agentes do Estado, pode ser compreendida como uma política de esquecimento, que, mesmo após o fim do conflito armado, sobrevive entre os moradores, fazendo com que, ao menor indício de envolvimento de agentes do Estado em casos como o de Manuel, o silêncio e o esquecimento são acionados como forma de preservação da integridade física e moral, tanto individual quanto coletiva.

O caso do assassinato do filho de Das Dores, como tantos outros ocorridos na região do Araguaia foi considerado acerto de contas. Afinal, “Manuel era traficante e sua morte se deu em decorrência das atividades ilícitas que o mesmo desenvolvia”. Esse argumento é amplamente difundido na região para explicar casos de assassinato, que, no mais das vezes, não são investigados e que, quando investigados, não chegam à responsabilização dos envolvidos. No período em que Manuel e muitos outros jovens negros foram assassinados na cidade, o que se comentava nas rodas de conversa de vizinho era que o “Cavalo do cão¹⁵ estava na área e ele estava fazendo um limpa na cidade”.

Muitos dos meus amigos tiveram que mudar de cidade e até de estado, a fim de garantir as condições mínimas para manutenção e continuidade da vida. Outros, como Manuel e Cássio, não tiveram a mesma possibilidade. A política de esquecimento imposta àquela população, é amparada e justificada em discursos sobre segurança pública, controle da criminalidade e da delinquência, de modo que a morte de um “fudido”, “ladrão” ou “trombadinha” passa a possuir

¹⁵ Nome fictício dado a um sargento da polícia militar, conhecido na região pela violência empregada nas abordagens e pela letalidade com que investia sobre o corpo dos suspeitos.

o *status* de sacrifício necessário para o bem e segurança da maioria, e o gesto violento da morte é justificado e legitimado, afixando a máxima maquiavélica de que os fins justificam os meios.

É importante pontuar que baseado em Michel (2010), compreendo que a lei do silêncio que vigora em determinados espaços racializados, se constitui, de fato, em uma política de silenciamento. Entendimento corroborado, pelas denúncias corriqueiras do envolvimento de agentes do Estado em ameaças e práticas criminosas contra a população periférica, o que cerceia o direito à memória, tendo em vista que o não falar sobre determinados assuntos, significa garantia de continuidade da vida. Nesse sentido, a ausência-presença do Estado se faz também na disputa pelos territórios da memória. Embora a imposição do silêncio seja feita no subterrâneo do tecido social, ela pesa diariamente sobre familiares e amigos das vítimas do terror do Estado.

Pensar as políticas de esquecimento é também questionar o modo como o próprio aparato repressor do Estado funciona. Tendo em vista que, entre as ações repressivas das quais os agentes do Estado mais se valeram durante a ditadura civil-militar, como o sequestro e desaparecimento social foram tão usadas quanto as sofisticadas e cruéis técnicas de tortura. O motivo que me faz evocar esse momento traumático da História para refletir acerca do extermínio da juventude negra, se dá devido a compreensão de que, as práticas empregadas contra o corpo daqueles e daquelas que o Estado via como ameaças, no período entre, abril de 1962 e março de 1985, estão sendo empregadas contra o corpo de negros e negras, sejam eles crianças, jovens ou adultos, desde a invenção do Brasil.

Os horrores perpetrados pelo Estado brasileiro contra supostos “subversivos”, continuam sendo praticados pelas forças policiais em espaços definidos pela escala racial, em territórios de habitação de negros e pobres. Infligindo a população negra o estado de terror permanente. Nos últimos anos, o sequestro, a tortura, o assassinato e o desaparecimento social de jovens negros, empreendido por agentes do Estado, têm sido amplamente veiculados, tanto pela mídia tradicional, quanto pelos meios de comunicação alternativos. Embora intelectuais, movimentos e organizações negras venham fazendo essa denúncia há bastante tempo. (NASCIMENTO, 1978).

O Brasil é um país racista, forjado no ventre dissimulado da rapina colonial. A expansão colonial europeia, motivada pela ganância da acumulação primitiva de capital, transformou a mãe Terra em “natureza”, em produto a ser explorado, bem como promoveu o extermínio dos povos originários e da população negra que, forçadamente, foi empurrada para a condição de diáspora, perdendo, nesse movimento criminoso, toda possibilidade de existência enquanto sujeitos dotados de humanidade.

O Brasil é uma nação genocida. Embora em um passado-presente, discursos nacionalistas tenham reivindicado o amor dos brasileiros, o verde e amarelo da bandeira ocultam toda violência despendida contra os povos originários e os povos tradicionais, criminosamente escravizados. Esses povos, ao olharem para o passado, não encontram glória, mas somente violência, dor, sangue e morte. Nossa brasilidade, ao contrário do que pensam certos patriotas, é fruto da luxúria branca, imposta violentamente contra mulheres negras e indígenas. Somos frutos de estupros.

Denunciar a crueldade da rapina colonial é ao mesmo tempo uma ação que visa demonstrar inconformidade diante das relações de poder estabelecidas na sociedade, a partir da hierarquização da humanidade, e um movimento de reapropriação de valores e saberes ancestrais, que possuem poder e magia para o desenvolvimento de tecnologias que podem garantir a manutenção, continuidade e prolongamento da vida na dimensão individual e coletiva.

Tendo em vista que no sistema-mundo-colonial-moderno-judaico-cristão o racismo é a espinha dorsal que sustenta toda sua estrutura e o responsável pela estigmatização dos corpos negros, a partir de traços fenotípicos. De 1492 até hoje, a categorização da humanidade em raças tem promovido a morte física, a morte ontológica, epistêmica e espiritual dos povos do continente africano e da diáspora.

Para a população negra e periférica, a presença do Estado é representada pela negação radical do direito à vida. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que o Estado se faz ausente pela não proposição ou desenvolvimento de toda e qualquer política pública, que vise promover o pleno desenvolvimento dos/as moradores/as desses espaços, de posse de um sofisticado sistema tecnológico de controle e repressão, esse mesmo Estado, que se desresponsabiliza de garantir condições igualitárias de existência para todos os seus cidadãos, se faz

presente como arauto da morte. E mais, através dos corpos de seus agentes ele se faz carne, arma e munição (SCUDDER, 2013). Na farda, que cobre o corpo do policial, o Estado metamorfoseia-se personificando a própria morte.

Nesse caso, a morte não pode ser entendida apenas como ausência dos sinais vitais no corpo biológico (PESSANHA, 2019), tendo em vista que a maquinaria repressora do Estado não se satisfaz na eliminação do corpo. Propomos uma compreensão tríplice da noção de morte, a partir da qual se evidencia o caráter exterminador do racismo de Estado, que agindo por meio de diferentes atores sociais, busca promover o completo extermínio da vida negra, seja por meio da eliminação do corpo físico; pela imposição da política de silenciamentos que impõe um apagamento sistemático desses corpos, da memória e da História da nação; por meio do desejo de fazer morrer o saber articulado e inscrito no corpo do morto, por meio do epistemicídio (SANTOS, 2010), o que felizmente não se concretiza completamente, tendo em vista que cada corpo negro tombado ao chão pelas balas policiais educa e reeduca a população negra.

A necroeducação tem suas raízes fincadas na exploração e dominação colonial. A historiografia apresenta inúmeros casos em que atos de rebeldia e contestação do regime vigente foram punidos com a morte. Para ilustração de nossa argumentação apresentamos um enxerto de um conjunto de documentos históricos dos séculos XVIII e XIX, da capitania de Mato Grosso, que trazem informações acerca da captura da rainha Teresa de Benguela e do desmantelamento do mais notável e longevo Quilombo da fronteira Oeste, chamado Quilombo do Piolho ou Quariterê,

Era este quilombo muito antigo, e segundo as notícias que dão os negros, foi fabricado pouco depois do descobrimento destas minas. Teve rei, rainha, e o rei era falecido há anos, e por seu falecimento ficou a rainha governando [...]. Chamavam esta muito intitulada rainha Tereza. [...]. Na apressada fuga em que foram, no saltar de um riacho se estrepou aquela desventurada rainha em um pé, misto a tempo que já os **soldados** iam sobre ela pela terem visto, e com facilidade a prenderam e trouxeram ao **aquartelamento** onde estava o **sargento mor**. Posta aí em prisão, à vista de todos aqueles a quem governou naquele reino, lhe diziam estas palavras injuriosas, de forma que, envergonhada se pôs muda ou para melhor dizer, amuada. Em poucos dias expirou de pasmo. **Morta ela se lhe cortou a cabeça e se pôs no meio da praça daquele quilombo, em um**

alto poste, onde ficou para memória e exemplo dos que a vissem” (AMADO; ANZAI, 2006, p. 140 grifo meu)

Como podemos constatar nesse enxerto, historicamente no Brasil a morte de negros, indígenas e mesmo de brancos, que contestam a ordem vigente é utilizada pedagogicamente. Portanto, a eliminação da vida do corpo biológico seria a primeira morte infringida ao corpo negro.

Scudder (2017), ao analisar uma “chacina”, ocorrida na cidade de Rondonópolis-MT, onde os corpos de jovens negros “suspeitos” de assaltar uma agência bancária foram jogados e amontoados na carroceria de uma viatura militar, afirmou que o racismo estrutural e a ação da colonialidade fizeram com que aqueles corpos negros fossem exibidos como troféus de um safari macabro, sem que atraíssem olhares de solidariedade ou comoção. Nascimento (1978) aponta que no Brasil, desde o período colonial, está em curso um genocídio, que visa, por meio da estrutura do Estado, o aniquilamento total da população negra, uma vez que as balas letais, disparadas por agentes a serviço do Estado, encontram em crianças e jovens negros seus alvos preferenciais.

Não bastando ao sistema de racialização que estrutura nossa sociedade perfurar corpos negros com balas, entra em cena a segunda morte, que diz respeito à negação da memória. A morte de um negro, em pouquíssimos casos, causa algum desconforto, na maioria das vezes, o corpo sem vida no chão deve levar consigo ao túmulo toda expressão de sua existência, corpos negros não são imortalizados em nomes de edifícios ou instituições públicas. Os heróis da memória, eleitos pelos grupos dominantes, não se parecem comigo e nem com meus filhos, as estátuas erguidas em homenagem e reconhecimento, são estátuas de homens violentos, racistas, brancos, genocidas e torturadores.

A história desnuda das glórias da nação e do culto aos heróis mostra que, desde o período colonial e dos arranjos mais rudimentares de governo, o Estado brasileiro opera de modo deliberado para exterminar a vida, a memória e os saberes do povo negro. Promover a morte dos cidadãos indesejados torna-se, então, a finalidade última da burocracia estatal, de modo que a ausência-presença do Estado nas periferias do Brasil, a partir do regime de racialização dos corpos produz determinado tipo de violência. É sobre o corpo de jovens do sexo masculino que a hierarquia das raças incide com mais força, jovens que

têm seus corpos racialmente marcados como ameaça à ordem pública, sendo sua cor a marca e o motivo primeiro para que lhes seja negado o direito à vida.

A dor, a morte e a desumanização fazem parte do cotidiano de negros e negras desde o momento em que abrimos os olhos para este mundo racista (GOMES e LARBONE, 2018). A condição de humanidade nunca nos alcançou, pelo menos, não aquela gestada pela Europa e exportada mundo afora. Dessa forma os africanos e seus descendentes escravizados foram destituídos de tudo quanto pudesse remeter a uma possível humanidade, sendo transformados no que Mbembe (2018, p. 14) chamou de “Homens-objeto, homens-mercadoria e homens-moeda”.

O lugar de onde falo é um lugar de liberdade, este registro é importante para que se saiba que falo a partir de um lugar de “liberdade” construído por meus ancestrais, que, mesmo tendo sido destituídos de seus nomes, de suas terras, de suas famílias, de seus deuses, e lhes tendo sido negada a humanidade, e imputada a impossibilidade de valorização ontológica, reconheço suas existências e epistemologias.

A filosofia, a ciência e a religião ocidentais judaico-cristãs forjaram discursos responsáveis pela negação da humanidade de homens, mulheres e crianças. Para a população negra, a condição de humanidade foi conquistada por meio de muita luta, sangue, dor e morte. Nossos ancestrais ergueram os quilombos como espaços em que a condição humana não foi mediada nem por saberes e nem por instituições brancas. Na busca pelo resgate ontológico, negros e negras, criminosamente escravizados, encontraram nos Quilombos espaços onde a vida podia ser vivida.

4.3 Mãe de bandido

A seguir, reproduzo falas de mães, tias e avós de jovens assassinados por agentes do Estado, a fim de evidenciar o regime de terror a que a população negra e pobre é submetida cotidianamente. As falas dessas mulheres expressam a dor e o sofrimento de incontáveis mães espalhadas pelo Brasil. A partir do mapeamento feito em portais de notícia *online*, foi possível constatar que o extermínio da juventude negra do sexo masculino, fruto da violência policial, bem como o encarceramento em massa em certa medida é a continuação do projeto colonial escravocrata (DAVIS, 2018), que no contexto da

racionalidade neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2016) nega o acesso à condição de humanidade a esse segmento da população, o que em meu entendimento é um das características do terror racial como política de Estado.

Tatiana Lima e Silva¹⁶, mãe de Peterson Silva de Oliveira, assassinado pela Polícia Militar “no Jardim São Luiz, zona sul da capital paulista São Paulo” em 14 de janeiro de 2017. Os policiais afirmaram em depoimento que houve troca de tiros, o que se revelou não ser verdade, graças à investigação feita pela mãe do jovem de 18 anos, morto com um tiro na nuca. O Ministério Público de São Paulo apresentou denúncia contra os policiais envolvidos.

Cilene Geraldina do Nascimento¹⁷, 38 anos, mãe de David dos Santos, sequestrado e morto pela polícia, em 24 de abril de 2020, quando esperava a entrega de um lanche. Ao saber que a corregedoria da polícia concluiu que os policiais mataram David, mas que não considerou que não foi homicídio, e sim cárcere privado com derivação de morte, o que poderia resultar em uma possível manobra para evitar o tribunal do júri e receberem penas mais brandas, afirmou: "Eu não sabia disso. Estão fazendo de tudo para eles não serem presos pela morte do meu filho. Sequestraram, torturaram, bateram muito nele e depois mataram".

Verônica Maria¹⁸, mãe de Rodrigo Cerqueira, de 19 anos, morto pela polícia no Morro da Providência, no Centro do Rio, enquanto participava de uma ação de entrega de cestas básicas durante a Pandemia da Covid-19:

Eu escutei só tiros. Eu falei para a menina: ‘Cadê meu filho, você viu?’ E ela respondeu: ‘Não, eu não vi!’. Depois, eu só escutei os gritos: ‘Verônica, Verônica, teu filho!’. Era meu filho. Eles entram no morro e acham que todo negro tem envolvimento com alguma coisa. Eles forjam os negros. No morro, todo mundo é bandido pra eles.

¹⁶ Matéria disponível no portal de notícias Uol, conferir o seguinte endereço eletrônico: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/09/25/apos-mae-investigar-assassinato-de-primogenito-mp-acusa-pms-em-sp.htm>. Informações acerca do acesso encontram-se referenciadas ao final do texto.

¹⁷ Matéria disponível no portal de notícias Uol, conferir o seguinte endereço eletrônico: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ponte-jornalismo/2020/05/13/corregedoria-conclui-que-pms-mataram-david-mas-nao-cometeram-homicidio.htm>

¹⁸ Matéria disponível no portal de notícias G1, conferir o seguinte endereço eletrônico: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/22/mae-de-jovem-morto-durante-distribuicao-de-alimentos-no-centro-do-rio-critica-acao-da-pm-todo-mundo-e-bandido-para-eles.ghtml>

Ronilda Teixeira Nunes Nogueira¹⁹, mãe do Josué Nogueira, de 16 anos, morto por um policial penal em Montes Claros, Minas Gerais.

Com a arma, ele ameaçou os meninos, porque 'estavam atormentando, fazendo barulho demais'. Mandou que eles calassem a boca, como não calaram, correu atrás deles. Os colegas de Josué conseguiram avançar, só que meu filho estava de sandália, por isso, quando foi escapar, perdeu um par. Voltou para pegar e quando ele abaixou, o policial, a sangue frio, atirou na nuca. Foi à queima roupa.

Ao apresentar os relatos dessas mães que tiveram o seu direito a maternidade negado, evidencia-se que o racismo estrutural se manifesta de modo material e radicalmente violento por meio do Terrorismo de Estado, que, segundo Leite Filho, pode ser entendido da seguinte forma,

[...] os regimes tidos como 'democráticos' também podem praticar o terrorismo de Estado, o qual pode voltar-se contra os seus próprios cidadãos; contra indivíduos de um outro Estado, através de uma guerra, por exemplo; e ainda contra outros grupos étnicos, religiosos, povos, etc. O simples fato de existir a polícia e os demais aparelhos repressivos do Estado traz à lembrança a violência extralegal na qual repousa a ordem legal e que a crença na lei pretende ocultar. Desta forma, a violência diária vista das mais diversas formas possíveis, como torturas em delegacias de polícia, pena de morte, assassinatos extrajudiciais, penitenciárias superlotadas, etc., se incorporam ao cotidiano das pessoas. Além da violência simbólica, o terrorismo estatal se exerce também pela exibição de seu aparelho repressivo e por sua consequente capacidade de praticar uma violência imprevisível. (LEITE FILHO, 2002, p. 153-154, grifo do autor).

E continua o autor,

As vítimas da violência institucionalizada servem como exemplo para a disseminação do medo por toda a sociedade. O que leva à conclusão de que o sistema repressivo estatal é fundado na intimidação e no medo da população; a punição de um serve de exemplo para os outros. O Estado pratica a violência de forma clandestina quando necessário, através de 'esquadrões da morte', torturas sistemáticas e violações diárias dos direitos humanos. Existe ainda a violência praticada em nome das razões de Estado. Quando evocadas, todas as garantias individuais podem ser revogadas e todo tipo de violência passa a ser justificado, sem qualquer fundamento tido como democrático. (LEITE FILHO, 2002, p. 154, grifo do autor).

¹⁹ Matéria disponível no portal de notícias G1, conferir o seguinte endereço eletrônico: <https://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/2020/07/19/menor-de-16-anos-e-morto-com-tiro-na-cabeca-em-montes-claros-policial-penal-foi-presos-pela-pm.ghtml>

Ao eleger esse arcabouço teórico com o qual busquei estabelecer um diálogo, fui tomado por uma imensa dor. Passando a compreender práticas que durante minha educação pensei serem fruto da mentalidade ultrapassada de minha mãe e de meu pai. Entretanto, como disse anteriormente o coração da mãe negra é guardião, segredo, feitiço e mistério. Cresci em uma família negra, frequentadora do Terecô. Passei minha infância e juventude ouvindo minha mãe me proibindo de fazer tatuagem e usar determinados acessórios, tais como brincos, bonés, gorros, camisas com capuz, além do corte de cabelo que sempre devia ser social.

Ao problematizar o estado de terror vivenciado pela população negra me dei conta do valor de cada um daqueles interditos. Ao tomar a atitude proibitiva diante de determinadas práticas, minha mãe, era conhecedora dos riscos que minha vida corria pelo simples fato de eu ter nascido negro, em uma sociedade altamente violenta e racista. Embora outras pessoas possam enveredar suas leituras dessa situação a partir da mentalidade conservadora, ao torna-me pai percebi que aqueles interditos presentes na minha educação e na de inúmeros jovens negros, possuem um caráter altamente pedagógico, no sentido de que eles foram desenvolvidos por famílias negras como tecnologias de manutenção, preservação e continuidade da vida de crianças e jovens negros. Ao não me permitir usar determinados acessórios atribuídos frequentemente à marginalidade, eu estaria, ainda que pouco, distante de ser alvejado pelas forças policiais.

5 QUARTA ESQUINA

5.1 Ancestralidade e emancipação

O reconhecimento e a afirmação étnicorracial, invariavelmente passa pela aceitação da estética corporal. Para o filósofo negro brasileiro, Luís Thiago Freire Dantas (2018, p. 142), “o corpo consolida-se como o primeiro meio de reconhecimento da africanidade”. Tendo em vista que o corpo é o único meio de existirmos nesse mundo, de acordo com o também filósofo negro, Eduardo de Oliveira (2007, p. 101 *apud* Dantas, 2018, p. 142),

[...] a história dos ancestrais africanos permanece inscrita nos corpos dos afrodescendentes. É preciso ler o texto do corpo para vislumbrar nele a cosmovisão que dá sentido à história dos africanos afrodescendentes espalhados pelo planeta.

Considerando que o sistema de produção do conhecimento ocidental é racializado e que ao buscar se afirmar como universal e objetivo, desenvolveu-se o que o sociólogo porto-riquenho Ramón Grosfoguel (2016), denomina como “racismo/sexismo epistêmico”, e promovendo o que o sociólogo português Boaventura de Santos (2009) conceituou como epistemicídio, é de fundamental importância que nós homens e mulheres negras/indígenas evoquemos outros saberes, de modo que seja possível tomarmos a palavra para falarmos em nossos próprios nomes, denunciando a estrutura racista que nos empurra para a morte e para o esquecimento, de forma que nesse movimento possamos construir e afirmar nossa humanidade e a reivindicação ancestral do nosso direito a vida e a liberdade.

Para que isso seja possível é preciso promover o diálogo de saberes, a partir dos nossos próprios corpos, de nossas experiências e de nossas vidas e mortes. Tendo em vista a necessidade de nos apropriarmos e subvertermos a posição que nos foi destinada na hierarquia racial, de maneira que ao assumirmos a condição de corpos racialmente posicionados, possamos desmascarar os discursos do apagamento presente na afirmação “somos todos iguais, somos todos humanos”. Uma vez que embora do ponto de vista biológico sejamos todos e todas animais humanos, o sistema de racialização foi criado pelo universo simbólico branco, para nos identificar como radicalmente dessemelhantes.

Nesse sentido, compreendo que a Educação ocupa um lugar privilegiado na construção cotidiana de outra realidade possível para os e as afrodescendentes. Entendendo a educação, a partir das reflexões apontadas pela filosofia africana, tanto continental quanto da diáspora, como um processo contínuo por meio do qual os indivíduos são colocados em contato com o mundo dos valores simbólicos do universo cultural de determinado grupo ou comunidade, de modo que, o ato de educar se dá no encontro e na relação permanente com o outro, seja ele ou ela um ancestral divinizado ou um ou uma caminhante do mundo visível, sendo intermediado não apenas pelo uso das faculdades da razão, mas pelo envolvimento complexo de todos os sentidos e faculdades.

Para corroborar essa compreensão de educação, busquei estabelecer um diálogo com as reflexões da autora negra, Vanda Machado, que além de pesquisadora do campo educacional é feita no Candomblé como filha de Oxum. A partir da compreensão de que para promovermos uma educação emancipatória, precisamos não apenas indagar as bases epistêmicas sobre as quais está assentado o paradigma educacional brasileiro, o qual segundo Benedicto (2016) é altamente eurocêntrico, mas, promover um completo deslocamento ontológico, de modo que a educação seja pautada em propostas que levem em conta, além da valorização da cultura afro-brasileira, a integralidade de cada pessoa que participa do processo formativo, não apenas dos educandos, além da complexidade da existência. Assim a experiência de Vanda Machado, como educadora, pesquisadora e do povo de santo, nos aponta possibilidades educativas que atendem a essas proposições.

No terreiro a educação se efetiva atrelada ao culto dos ancestrais divinizados, na forma dos Orixás. As memórias e a oralidade ocupam papel central nos processos educativos, tendo em vista que embora as memórias sejam de um tempo passado, até mesmo imemorial, são sempre vividas e revividas no hoje, no agora. O tempo não está longe, nem no passado nem no futuro, já que a compreensão de tempo para o Candomblé parte sempre do presente, sendo todo e cada instante marcado pelo tempo que se faz agora, assim temos: o presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro.

Segundo a tese defendida pela autora, cada memória guarda consigo um “Eu”. Eu, que não nos confere uma única identidade, uma vez que cada tempo vivido e revivido na memória, embora parte de um todo mantém suas características e singularidades, assim cada pessoa no terreiro vive uma multiplicidade de Eus, coexistindo em tensão e harmonia com tantos outros fragmentos de nós mesmos, que formam um complexo mosaico, de onde emergem múltiplas identidades. Em outras palavras, o respeito pelos ancestrais divinizados, demonstrado em cada gesto manifestado no terreiro, cada dança, cada reza e cada reverência tem um caráter formativo, tudo é pedagógico.

O terreiro foi o espaço que em que a autora na condição de iniciada e pesquisadora perscrutou, buscando construir a partir de suas memórias e experiências no terreiro um complexo caminho educativo, não baseado na oposição dicotômica entre razão e emoção, luz e trevas, saber e conhecimento. Para ela, no espaço-terreiro se educa a partir da ancestralidade. Segundo o que argumenta, o espaço-terreiro não é apenas um espaço de manifestação cultural, sendo na verdade o espaço útero e guardião de valores civilizatórios, sistematizados no que ela nomeou de “pensamento africano recriado na diáspora” (MACHADO, 2013, p. 20). A proposta educativa defendida pela autora se mostra transgressora de algumas práticas consideradas tradicionais, uma vez que na sua compreensão de educação há uma completa mudança no paradigma.

Sem a intenção de hierarquizar a relação entre saber e conhecimento científico, Vanda Machado, estabelece um diálogo com o universo conceitual do terreiro, articulando uma forma epistêmica desvinculada da ideia ocidental de educação, na qual o conhecimento escolarizado é fragmentado, devendo ser ensinado a partir de compartimentos isolados. A mudança de paradigma presente no pensamento da autora, se dá também na compreensão de quem seriam os alvos privilegiados da ação educativa, enquanto que no sistema formal de educação seriam crianças e jovens, no espaço-terreiro os mais velhos são responsáveis pela educação dos mais novos, todavia a marcação geracional não se pauta no tempo biológico do corpo, de modo que a condição de mais velho é atribuída a partir da feitura da cabeça, momento em que o indivíduo se torna membro da comunidade, sendo assim a ação educativa no terreiro não é responsabilidade exclusiva dos adultos.

Para a autora, no terreiro se é, sendo, de modo que não se ensina, mas se *em-sina*, onde o sujeito aprendente ao ser compreendido como parte de um todo, está em permanente diálogo com os ancestrais e com os que estão por vir. Machado (2013), apresenta o que ela chamou de pedagogia exuniana. Segundo os preceitos do Candomblé Exu é a boca do mundo, o movimento que dá pulsão a vida, o movimento que não se dobra, o movimento que leva e trás, nenhuma comunicação é possível sem Exu, nesse sentido a ideia de educação apresentada pela autora é uma educação baseada na compreensão integral da pessoa, na comunicação entre os mundos visível e invisível. Em suma o pensamento africano recriado na diáspora, é a via formativa proposta pela autora para superação de uma concepção de pessoa e conseqüentemente de educação fragmentada.

5.2 Quilombar, quilombei, quilombamos

Os quilombos tiveram papel fundamental na resistência negra frente às práticas escravistas, abrigando pessoas oriundas de diversas partes do Continente Africano, além de afrodescendentes, indígenas e brancos pobres. Neste texto, estamos considerando que, os quilombos foram encruzilhadas culturais. Pensamos que nesses espaços de liberdade, as pessoas que por ali circulavam teceram relações que extrapolavam a lógica imposta pelo poder colonial, no qual indivíduos negros não passavam de mercadoria para o sistema. Além disso, vários povos africanos cultivavam valores civilizacionais, pautados em outras formas de experimentar o mundo, inclusive, sobre diversos desses valores assentaram-se as culturas branco-europeias.

Ao contrário do que foi difundido durante muito tempo, a população negra não aceitou a escravidão docilmente. Houve resistência e, entre todas as formas criadas por esta população, a mais difundida e que teve maiores impactos, foi a formação de quilombos. Embora, a historiografia sobre o assunto, dê destaque ao quilombo dos Palmares, esta não foi a única experiência vivenciada no Brasil, pois, enquanto a escravização perdurou, surgiram quilombos como resposta prática e alternativa ao modelo colonial de sociedade.

Aqueles homens e mulheres que traziam em seus corpos a “maldição” de sua cor, na contramão do que por muito tempo defenderam os adeptos da falaciosa democracia racial, desenvolveram sofisticadas formas de resistência.

Tanto em ousadas ações individuais, como suicídio, furtos, quebra dos maquinários utilizados nas estafantes jornadas de trabalho, como em ações de ordem coletiva, como as insurreições, revoltas e fugas, a população negra ofereceu certo grau de risco à economia colonial, mas a que consideramos de maior relevância foi o estabelecimento dos quilombos e o sistemático aprimoramento do aquilombamento.

Para Scudder (2017, p. 158), “As lutas contra a escravização nasceram junto com o próprio colonialismo. As resistências se erguiam no enfrentamento cotidiano, nas táticas elaboradas no espaço do próprio corpo e no corpo de uma coletividade [...]”. A articulação e o estabelecimento dos quilombos foi uma das formas de resistência ao escravismo que nasceu da necessidade imediata, não apenas da reconquista da liberdade, mas de tudo que tal condição pudesse representar, ou seja, ser livre no quilombo significava o pleno gozo e exercício da vida, mesmo que isso nem sempre se desse de maneira permanente.

Para Nascimento,

Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial [...] a sociedade quilombola representa uma etapa no progresso humano e sócio-político em termos de igualitarismo econômico [...]. (1980, p. 263).

É possível afirmar o quilombo como uma epistemologia, um saber para a vida, uma potente experiência de liberdade, capaz não apenas de romper com os estereótipos estéticos, como também de questionar toda matriz cultural branco-cêntrica. Uma força e um conhecimento capaz de promover a emancipação da população negra, já que o Quilombo como uma experiência pode ser compreendido como a incorporação de uma pedagogia da ancestralidade afrorreferenciada (MACHADO, 2019).

6 SEXTA ESQUINA

6.1 Divagações – que poema violência²⁰

O que viria a ser o destino? Existe um lugar para nós no mundo? A mim parece que tenho apenas duas opções. Se correr posso ser confundido com um assaltante, mas se eu ficar também. Se eu correr, posso levar um tiro ou oitenta²¹ e meu destino será o cemitério, se eu ficar, talvez eu tenha a sorte de ir para a cadeia. De todo modo, quando eu era criança, minha mãe dizia que qualquer vida é melhor que a morte. “Calma sinhô, eu sou trabalhador, moro ali, calma aí sinhô, eu sou trabalhador, me mata não, por favor! Tenho filho pra criar.” Todavia não bastou suplicar, com um tiro na cabeça, o destino foi uma cova rasa, esquecido, sozinho, destino. Lugar-destino, destino-lugar, a cadeia ou o túmulo, grande escolha eu tenho diante de mim, quer saber, se a guerra é aqui, eu sou Zumbi, vou meter o loco e ver no que vai dar.

Penso que a poesia do jovem poeta negro do movimento Slam, de poesia marginal, WJ, evidencia por meio da arte nossos apontamentos anteriores. Reproduzo em seguida a poesia, entretanto, não tenho a intenção de interpretá-la. Penso que o poeta disse o que disse, da maneira que queria dizer. Caberá, portanto ao leitor tirar suas próprias conclusões e fazer as interpretações que quiser fazer.

²⁰ Certo dia, enquanto lanchávamos em nossa casa, eu, minha companheira e dois dos meus filhos, Nicollas Gabriel de seis anos, após declamar o poema “Vou-me embora pra Pasárgada” de Manoel Bandeira, pediu para que todos nós declamásemos alguma coisa. Para atender a solicitação do meu pequeno, escolhi o poema Século XXI, do poeta WJ do movimento Slam de poesia marginal. Ao passo que declamava, Nicollas ficou o tempo inteiro com os olhos e ouvidos atentos, pronunciando ao fim: “que poema violência papai”. Por isso dei esse nome para essa seção, pensando em como a violência estatal faz distinção apenas da pertença racial de seus alvos, não considerando se o corpo que será alvejado é de uma criança, jovem ou adulto.

²¹ Referência ao assassinato do músico negro Evaldo Rosa dos Santos, de 46 anos, que teve o carro em que estava com a esposa e o filho fuzilado com 80 tiros, tiros esses que partiram de armas empunhadas por agentes do Estado. O exército guardião da pátria e mantenedor da ordem, que é evocado por um número cada vez mais expressivo de pessoas pedindo a intervenção militar, demonstra que entende de matar, de reprimir com base em marcadores de classe, raça e gênero. Matéria sobre o caso disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/Com-80-tiros-em-carro-militares-executam-um-pai-no-RJ-Nao-e-engano-e-racismo-de-Estado>.

Século XXI²²

Eu preciso falar, século XXI, onde tudo é comum
 Policial que confundiu nego com um traficante, matou, foda-se
 Era só mais um, esse é o Brasil, e esse é aqui é meu povo
 Eu aposto 100 mil contigo, que amanhã ele confunde de novo
 Amanhã, depois e novamente
 De dez traficante que morre, nove é inocente
 Mas como ser traficante e inocente ao mesmo tempo na vida?
 É só dizer que é traficante e pronto, e todo mundo acredita
 Até eu acredito no que foi dito pelo supremo veredito
 E ai de mim se não acreditar, talvez nem passe mais um dia vivo
 Mas eu sou traficante também, ein, representante de Coelho Neto
 A minha endola é a leitura e o fuzil é o papo reto
 Século XXI, onde tudo é comum, onde o rico só esculta aplauso
 E eu esculto "pá tum"
 Onde o rico dorme feliz, ao mar e suas onda sucintas
 Enquanto o meu despertador é uma Glock com pente de 30
 Mirada no alto tem sangue no asfalto e uma bela senhora de salto
 Novamente a PM confundiu um simples abraço com um grande assalto
 Eu tenho perguntas dentro de mim que me seguem como sombra
 Eu vou abri-la com você, se puder vocês me responde
 Por que o rico pode e agente não pode?
 Por que nós usamos Xperia enquanto eles usam Ipod
 Ou por que ele usa cinquenta ternos diferente e eu tô sempre com o mesmo short?
 Por que o rico é informante e o pobre é X9?
 Porque o rico é portador de arma, e o pobre portador de revolve
 Porque o rico recebe carinho e o pobre recebe sacode?
 Ao rico que me ver do outro lado dessa telinha
 A minha casa inteira na dele não dá a cozinha
 Mas eu ele vai dizer que eu sou maluco, e que eu sei do que to falando
 Mas o que ele teme e ver na TV é meu verdadeiro cotidiano

[**Ponte**]

Pessoas sendo mortas, metrô e trem lotado
 Busu quase sem porta, cadê o ar-condicionado?

²² Poesia disponível no site endereço eletrônico: <https://genius.com/Grito-filmes-literatura-e-poesia-marginal-wj-and-said-lyrics>. O texto foi transcrito do mesmo modo em que se encontra no site. Além do endereço citado também é possível assistir o poeta WJ declamando esta poesia no seguinte endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=wRcnrxRq2L4>. Nos endereços citados, a poesia citada não recebe nome.

Isso é século XXI rapa
E que a maldade evolua
Se não depois vão dizer nos jornais, pessoas negras são
proibidas nas ruas
Cabelo duro é pecado, beijo de mula de é pecado
Branco é bonito ser gay, mas preto é feio ser viado
A escravidão acabou? Quem te enganou na resposta?
Se acabou por que eu sinto a dor do chicote nas costas?
Doi, o suor bate e arde
Vocês podem me chamar de tudo, só não pode me chamar de
covarde
Meu cabelo é duro, e meu beijo é grande
Mas eu me amarro
E cada rima constante vale bem mais que seu carro
Porque seu carro no fume, só serve pra quem tá vivo
Mas o caráter e o saber, se eu morrer eu levo comigo
E é por isso que eu prefiro, alface, azeite e vinagre
E depois de tanta verdade que eu falei
Se eu viver vai ser milagre.

7 SEXTA ESQUINA: ESCRELUTANDO – A PRETOGRAFIA COMO INVENTÁRIO DA EXPERIÊNCIA NEGRA OU ESCRITA NEGRA COMO FUGA

7.1 Escremorrendo – Maria do Socorro

20/01/2020

Estou correndo, cansada já quase sem fôlego.

Os dias cinza das cidades espelhadas onde se refugiam dezenas de milhões de pessoas, nem sempre foram sombrios aos meus olhos. Sinto-me só, estou cercada por desconhecidos, centenas de seguidores, incontáveis palavras de préstimo e condolências, mas nenhum abraço, ninguém para colher minhas lágrimas e fazê-las germinar e florescer, aliviando as muitas dores de um coração de mãe-mulher dilacerado, nenhuma mão áspera ou macia de um amigo ou amiga para acariciar minha cabeça e me esperançar, sibilando em meus ouvidos o fim do inverno e a chegada da Primavera. Nem sempre o tronco de onde foi arrancada uma flor nasce uma nova no lugar.

Tenho consciência de que nada pode fazer cessar minha dor, embora seja amada por minha mãe e por meus irmãos, como também era amada por minha avó, sinto-me só. Sofro de solidão, uma solidão não desejada. A luz mortiça que entra pela janela do quarto anuncia que logo logo o hoje morrerá e no mundo dos vivos não será nada mais que uma lembrança, amanhã hoje terá passado, será passado. Com esse dia que começa a morrer, morro também eu, os desejos e as forças me faltam, escapam por entre meus magros dedos, estou fraca, não consigo segurar a vida. Alguém está batendo na porta. Memórias povoam minha cabeça, muitas coisas que gostaria de lhes contar, mas não consigo.

01/02/2020

Quando as luzes do dia começam a se apagar no distante horizonte, despedaçasse em meu peito constelações de

intermináveis crepúsculos. Noites frias e solitárias, mas quem poderá consolar o coração de mãe a sofrer pela ausência permanente de sua prole? A saudade corrói minhas vísceras, não desejo nada além de permanecer aqui nessa cama, com os olhos vidrados no teto, estou há muitos dias assim, não tenho forças de continuar. Sinto que a vontade de viver me escapa mais a cada dia. Hoje no almoço em um flagrante percebi que coloquei a mesa para duas pessoas, só então me dei conta que estou só, estou só. Como não poderia ser diferente, caí em lágrimas e ali mesmo adormeci.

05/02/2020

Hoje estou assustadoramente alegre. Nada de extraordinário aconteceu, exceto pelo fato de ter sonhado com minha avó. Nas idas e vindas da vida moderna, as pessoas correm, mas nunca chegam. Em cidades como a que moro, as pessoas não conversam entre si, o medo e o terror fizeram de todo mundo um suspeito. Os vizinhos não sentam mais a mesa e partilham do pão e da vida, estamos cercados de verdadeiros estranhos. O tempo da cidade é um tempo marcado pela pressa, caminhos se aproximam e se distanciam na busca pela felicidade. Na escola, as crianças aprendem que só os mais fortes sobrevivem, não se ensina a solidariedade ou os valores de comunidade e partilha.

Quando precisava parar sempre buscava refúgio na casa de minha avó, era lá que as angústias se dissipavam, fosse pelo chá quentinho na garrafa ou pela felicidade que demonstrava ao me receber. As mãos calejadas e os cabelos brancos testemunhavam a vida dura que tivera, o sol que queimou sua pele não foi capaz de amargurar seu coração, era naquele regaço formado por braços flácidos e enrugados que me sentia segura para chorar minhas dores e aliviar os fardos acumulados na busca incessante pelo sucesso e pela felicidade. Em nossas conversas me perguntava de onde uma

senhora analfabeta, sofrida, cheia de dores, tirava tanta sabedoria e alegria, ela fez de sua vida poesia e ensinou a todos os netos e netas, o significado de família.

Minha avó era a encarnação da força e do cuidado. Das muitas coisas que aprendi com ela, a mais importante foi sempre lutar pelo que acredito. Aos poucos o tempo foi levando minha avó para longe, hoje meu coração amanheceu cheio de saudades, mais também de gratidão. Gostaria de poder ir encontrá-la, derramar minhas lágrimas em seu colo. Quando vi meu filho dar os primeiros passos ficava pensando em como já queria ser avó. Lamentavelmente não pude aproveitar aquele momento como deveria, a necessidade de dar a meu filho tudo que não havia tido quando criança, fez com que eu o deixasse desde os seis meses o dia inteiro na creche, passávamos poucas horas juntos, exceto no fim de semana.

Gostaria que tivesse sido diferente, mas como seria possível? Uma mãe é uma mãe, quando nascemos mulher e engravidamos, muitas de nós somos iniciadas nos caminhos da solidão, ao nascer uma criança toda responsabilidade recai sobre a mulher. Por onde anda o pai do meu filho? Onde ele estava nas noites em claro em que passei devido à cólicas? Onde poderia encontrá-lo quando estava impossibilitada de ir às reuniões na escola? Ele não estava lá, nunca esteve, nunca disse feliz aniversário, jamais pegou-o no colo quando o medo batia a porta. Mas isso não importa, fiz tudo que estava ao meu alcance para criá-lo, para que não faltasse comida na mesa. Que aquele traste vá para o raio que o parta.

Não faço ideia porque falei a respeito daquele filho de um cão sarnento. Desculpe a descompostura, meu dia não será entregue por lembranças de quem não presta. Voltemos a minha avó. Quando eu era criança ela costumava dizer que o ventre de uma mulher é o caldeirão em que o maior de todos os feitiços se realiza. Isso faz de todas nós uma feiticeira em potencial. É no calor e na segurança do ventre da mulher,

que corpo, mente e espírito se fundem, não somos mensageiras e nem receptáculos, somos mais que isso. Para dona Cantidia nós mulheres somos as senhoras do tempo, porque em nossas entranhas, passado, presente e futuro se fundem como a liga de metais em uma forja. Quanta beleza e profundidade nessas palavras.

Uma coisa minha avó não foi capaz de me ensinar, ela não me ensinou, que o ventre de toda mãe negra foi maldiçoado pela escravidão. Não aprendi em minha casa que as balas perdidas sempre acham corpos negros, como também não me disseram que o chicote que arrancava sangue dos corpos despídos e atados ao pelourinho continuava a estalar em nossas almas. Engravidei antes de terminar a faculdade, mesmo não desejando ser mãe naquele momento, acolhi em meus braços o fruto do meu ventre e que apenas dezessete anos mais tarde seria considerado indigno desse mundo, um fruto maldito que deveria ser eliminado. Mataram meu filho. O chicote só mudou de mão, agora somos açoitados pela gloriosa Democracia.

06/02/2020

No momento em que escrevo estas palavras sou tomada por uma infinidade de lembranças. O desejo de abraçar meu filho consome minhas entranhas. Hoje meu irmão esteve aqui em casa, disse estar preocupado com minha situação, que devo ser forte. Convidou-me a ir ter com eles, mas não tenho ânimo. Nos últimos dias tenho sido consumida por uma imensa vontade de destruir o meu caldeirão de feitiços, não quero mais ser mãe. Amaldiçoo o dia em que dei à luz. Maldito seja o fruto do meu ventre. Quem sabe um dia eu o arranque de mim. Poderia retirar minhas trompas, mas isso não seria suficiente, não basta retirar as alças do caldeirão, é preciso que ele seja tirado por completo.

Seria possível arrancá-lo com minhas próprias mãos... Pensei ter ouvido o choro dos netos que nunca poderei ter,

talvez você deva pensar que estou ficando louca, mas não estou, gozo plenamente de minhas faculdades mentais, que ver só? Hoje é fevereiro de 2020, sobre o mundo espalha-se um vírus microscópico que têm levado muitas pessoas a *Iku*, aqui de minha casa ouço os tambores ecoarem na Serra da Barriga, deve ser Zumbi me chamando. Meu nome é Maria do Socorro da Silva dos Santos, tenho 34 anos, sou filha de Raimunda e João da Silva dos Santos, fui mãe com 16 anos, meu filho Éder foi assassinado. Desculpe as lágrimas sobre o papel, não consigo mais escrever hoje.

13/02/2020

Depois de uma semana em que o desejo de escrever esteve à deriva no meio de minhas dores, com muito esforço consegui atracar meu barco de papel, ao menos por algumas horas, nos portos da esperança. Voltei, não sei por quanto tempo irei ficar, mas isso não importa. Quando estava na faculdade ainda nos dias saudosos de minha juventude, momento ao qual fui costurada pela grande aranha encantada, a fiandeira do destino, da qual não escapam nem os vivos, nem mortos e nem os não nascidos. Tive que conciliar os estudos com as alterações biológicas e emocionais resultado de uma gravidez inesperada. Quando descobri que estava grávida fui abandonada pelo meu namorado, que segundo disse, não estava preparado para ser pai.

Naquela época entre enjoos, noites em claro e dias cansativos, li um livro muito interessante, não sei por que isso veio a lembrança neste momento, apenas me sinto impulsionada para registrar essa memória nessas folhas amareladas. A obra em questão escrita por alguém que não me recordo e cujo título também me foge agora, tratava a respeito do suicídio de homens e mulheres negros, que para fugir da escravidão antecipavam seu encontro com *Iku*. Morrer era a forma mais radical de resistir àquela degradante

condição. No mesmo livro estava escrito que desde a promulgação da Lei 2.040, de 28 de setembro de 1871, nossos úteros estariam livres da maldição da escravidão. Nossos filhos enfim estariam livres, sob seus corpos não mais cantaria o chicote de couro. Fomos enganadas.

A mãe de minha bisavó chegou nestas terras no porão de um navio negreiro. Ela, como muitos de meus ancestrais, foram sequestrados, violentados, transformados em coisa, já não eram homens e mulheres, mas apenas animais. Açoitados, acorrentados, esquartejados. Mãos encalçadas, pouca comida, um chão frio para repousar a cabeça. O racismo tirou a vida do meu filho e me fez experimentar a morte em vida. Para cada corpo caído no chão ao menos mais uma vida é obrigada a chegar a termo, para cada corpo encerrado sob a lápide, ao menos mais um é sufocado pela dor, pelo desejo de vingança e pela fome de justiça. Até quando matarão nossos filhos?

Talvez em algum momento eu tenha coragem de me lançar deste navio negreiro e morra afogada em minhas próprias lágrimas. Prefiro a morte que dar mais um filho para ser abatido pelos açougueiros. Às vezes a morte é a única saída possível. Reconheço que para atravessar o véu que nos separa do plano ancestral por vontade própria é preciso coragem, por isso espero contar com a compreensão de vocês, caso decida por dar um beijo antecipado em *Iku*. Quando encontraram meu filho, ele não passava de um amontoado de ossos e couro fétido, segundo o laudo cadavérico, ele foi torturado, castrado, ainda vivo teve ao menos dois dedos e alguns dentes arrancados.

14/02/2020

Não era possível acreditar que aquela carniça devorada por urubus e outros carniceiros pudesse ser o meu filho. Se não fosse pelo relógio que ele havia ganhado dois dias antes e pelo boné que era seu companheiro de longa data, não teria

sido possível identificá-lo. Todavia, meu coração não queria aceitar, no fundo existia a esperança de que aquilo era apenas fruto de minha imaginação, um pesadelo que logo acabaria, poderia ser o filho de outra Maria, mas não o meu. Para meu desespero, o exame da arcada dentária confirmou o que todos já vinham dizendo. Depois do resultado fui devorada pelos mesmos vermes que consumiram a carne gerada em meu ventre.

Desde então, não consigo comer direito, durmo a base de remédios. Éder era um menino carinhoso, estudioso e muito altruísta, quando ele tinha cinco anos disse que quando crescesse iria construir um abrigo para todos os animais de rua, meu menino não pôde ver esse sonho realizado, nem esse e nem muitos outros. Não pôde ser astronauta e ir ver as estrelas de perto; acabar com a fome no mundo; ser presidente do país ou visitar Moçambique. Quando sequestraram, torturaram e mataram meu filho, buscavam matar com ele a esperança, e eles conseguiram, não consigo mais ter esperança. Maldito sejam os seios que os amamentaram.

15/02/2020

Hoje é quinze de fevereiro, segundo os médicos tive uma crise de ansiedade na manhã de ontem. Como tem acontecido nos últimos tempos, tenho desfrutado da companhia da solidão e de pensamentos que ainda não sou capaz de registrar, talvez nunca seja, mas isso não vem ao caso, meu objetivo hoje é outro. Ontem decide caminhar um pouco no raiar do dia, afinal desde que fui informada de que haviam encontrado uma carcaça humana, que poderia ser meu filho, quase não tenho saído de casa. Fui até a padaria, pedi um café e uma fatia de bolo. Quando comecei mordiscar aquele bolo, senti algo quente escorrer pelas minhas bochechas, pouco a pouco fui sendo tomada por uma aceleração no peito.

Uma viatura estacionou na porta da padaria e de dentro emergiram quatro policiais, entraram no ambiente. Pude observar que enquanto o de aspecto corpulento e cabelo engordurado dirigia-se ao balcão, buscando saciar seu apetite, os outros três foram ao encontro do dono. A ação durou poucos instantes. Seu Chico entregou um pacote de volume considerável aos três e agradeceu. Percebi que a aceleração no peito foi dando lugar a uma tremedeira, depois senti surgir na garganta um nó que me impedia de respirar. Esforcei-me mais para alcançar a abundância de ar que me cercava, os esforços estavam se mostrando em vão. Levei a mão ao peito tentando conter a força que se erguia do coração.

Palavras queriam saltar de minhas entranhas, mas uma força desconhecida me impedia. Neste momento o de cabelo engordurado passou por mim, movido por um certo grau de cinismo e com uma expressão de estranha satisfação, teve a audácia de cumprimentar-me. Acordei no hospital, estava meio sonolenta. Minha mãe e meu irmão estavam no quarto comigo. Não sei como cheguei até ali, fiquei imensamente surpresa, afinal instantes antes eu estava na padaria. Aos poucos fui recobrando os sentidos e as memórias. Não há dúvidas, eu havia enfrentado os assassinos do meu filho. Mas aquilo parece ter sido muito para o meu já fragilizado corpo.

17/02/2020

Conciliar os estudos na Universidade e as demandas da maternidade foi um imenso desafio. Eu era uma menina, tinha pouca experiência, mas pude contar com o amparo de minha família. Lembro que minha mãe ficou bastante irritada no começo, mas logo se acostumou com a ideia de ser avó. O apoio recebido foi muito importante para que eu seguisse em frente. Enquanto Éder era um bebezinho eu o levava comigo para a aula, quando ele completou seis meses tive que colocá-lo na

creche e adicionar à minha rotina de mãe inexperiente e estudante de formação deficitária um trabalho, afinal não achava justo com minha avó e minha mãe deixar o aumento das despesas sob a responsabilidade delas. Nos dois primeiros anos do meu pequenino eu trabalhei como caixa de supermercado, entrava por volta das treze horas e saía depois do mercado fechar.

Naquele tempo quando chegava em casa meu filho já estava dormindo. Mas, nas condições em que me encontrava precisava do trabalho, não poderia me dar ao luxo de ficar desempregada. O tempo foi passando, meu Éder foi crescendo e ficando cada dia mais esperto. Ele era uma fofura só, gordinho, cabelos com cachos muito definidos, olhos amendoados e negros como a profundidade dos mares. Falava feito um papagaio, vivia cheio de hematomas de tantas quedas. Corria, caía, levantava e não se deixava abater. Quando penso no estado em que meu filho foi encontrado, fico aterrorizada, ele sofreu sozinho, abandonado. Como ele deve ter se sentido? Quanto medo e dor deve ter passado? Quem pagará pelo sequestro, tortura e morte do meu filho? O Estado? Os três policiais que o raptaram da rua em que morava? O presidente? Não tiveram clemência de meu filho e de tantos outros jovens negros.

04/03/2020

Certa vez, estávamos na casa de minha avó, empanturrados do almoço do Dia das Mães, quando fomos surpreendidas com o choro estridente vindo do quarto, corri para lá, ao chegar me deparei com Éder segurando a mão e dizendo que havia caído. O levamos ao pronto socorro e para nossa surpresa ele havia quebrado o braço. Embora estivesse muito aflita, fui tomada pelo riso ao ouvi-lo narrar ao médico que havia caído da cadeira quando tentava alcançar a penteadeira de vovó. Quantas coisas meu filho poderia ter realizado, quantos

amores deveria ele ainda viver. Mas nestas terras verde e amarelo os jovens filhos de ventres amaldiçoados pelo colonialismo não podem sonhar, mas devem morrer. Amanhã será o julgamento dos assassinos de meu filho, sei que nada poderá trazê-lo de volta à proteção dos meus braços, não quero que eles sejam condenados. Tenho fome e sede de vingança.

05/03/2020

Hoje fui colocada frente a frente com os homens que na noite de vinte e cinco de dezembro de dois mil e dezessete, de assalto roubaram meu filho de mim, e com ele levaram minha alegria, esperança e vontade de viver. Primaveras congeladas pelos ventos da saudade. Coração esmagado no peite sob o peso do sequestro, tortura e morte de um filho. Um jovem negro de apenas dezessete anos, cabelos Black Power em sinal de reverência a nossa ancestralidade. Garoto atencioso, estudioso. Seu único defeito foi ser concebido em um ventre amaldiçoado, nasceu preto, preto como o breu, preto como a noite escura. Não consegui dormir a noite, embora isso não seja exatamente uma novidade, dessa vez foi diferente. Abri seu guarda-roupa e como um cão de caça farejei, em busca de senti-lo próximo de mim. O seu cheiro parecia estar ficando cada vez mais distante. Saudades de você meu filho.

Agora são exatamente nove horas da noite, nuvens carregadas de desespero derramam sobre a cidade o apelo do mundo pela memória de meu filho. Seus assassinos saíram livres, foram absolvidos. Mesmo com todas as provas eles continuarão nas ruas. Quantos jovens mais serão vítimas do racismo de Estado? Durante o julgamento o juiz recusou a tese de que a morte do meu filho se deu em decorrência da atividade policial, embora as gravações das câmeras da padaria da rua tenham captado o momento em que meu filho foi abordado por três policiais em uma viatura, não demonstrando

nenhuma reação de resistência, exatamente como eu lhe ensinei, foi jogado violentamente no camburão. Permanecendo por quase noventa dias desaparecido e que ao ser encontrado não passava de um amontoado de carniça, devorado por toda sorte de animais.

A defesa dos acusados usou como argumento que aquele era o tipo de abordagem padrão em casos suspeitos. Mas o que exatamente fez de meu filho um alvo, o que o teria tornado um suspeito? Foi o cabelo empoderado? As roupas largas? O brinco na orelha ou o relógio comprado com muito esforço e a custo de economias? Mas a resposta veio em seguida, meu ventre o marcou para a morte, a pele preta que cobria seu corpo e que não poderia ser encoberta, meu filho foi abordado porque era negro. Isso demonstra que o racismo determina quem pode viver e quem deve morrer. Mas esse não foi o único dos absurdos proferidos a respeito de meu filho, uma vez que, segundo os criminosos, meu filho seria um traficante já que um moleque como ele não poderia ser dono de um relógio como aquele.

Embora as gravações mostrem que ele foi levado pelos policiais, a argumentação que colou foi que ele foi levado para que se conferisse os antecedentes, como não foi encontrado nada ele teria sido liberado em seguida, e que as condições em que os restos mortais foram encontrados indicavam que ele havia sido vítima de uma facção rival ou que seria resultado de acerto de contas, já que traficantes costumavam realizar rituais de crueldade com aqueles que devem muito dinheiro. Em um só dia, meu filho foi de vítima do Estado a criminoso perigoso. O julgamento não trouxe à justiça aos criminosos que o sequestraram. Por fim, sob a alegação de falta de provas o juiz absolveu os policiais, e por extensão partilhou de maneira cruenta da morte de meu filho.

06/03/2020

Socorro, me acudam pelo amor de Deus!

Em um momento de grande dor e sofrimento, causado pelo assassinato do filho, buscando meios para não se submeter novamente aquilo, Maria do Socorro em um ato de desespero, movida pela fúria e pelo medo que isso se repetisse, anestesiada pela perda do filho, foi tomada por um sopro de coragem, coragem que apenas os mais fortes conseguem alcançar. Enquanto ouvia pelo rádio o discurso do Governante, deitada em seu leito, com as pernas encostadas na cabeça e as nádegas pressionadas contra a parede, meteu a mão direita pelo canal da vagina, foi pressionando, fazendo avançar centímetro a centímetro dentro de si mão e braço, não buscava com isso alcançar o mais prazeroso dos orgasmos, os olhos em lágrimas, não devido a dor a que submetia seu corpo, o que sentia era causado pelas lembranças do filho, aquele mesmo que por nove meses havia feito morado dentro de si.

Em busca de não mais conceber, entre gritos, arrancou com as próprias mãos a ânfora que um dia guardou em segurança seu filho. Como testemunha daquele ato desesperado, apenas o rádio a transmitir as vãs palavras do Governante, falando da grandeza da nação, convocava a juventude para que se alistasse no exército. Dizia que as trincheiras verde e amarelo precisavam da força, da virilidade e da coragem dos anos de juventude, pois só assim a guerra seria ganha, uma guerra da qual os jovens convocados não tinham parte, sendo fruto das atitudes tresloucadas daquele projeto de ditador. Transpassada pela dor de tal ato, com um ímpeto desejo de vingança, pensou esfregar na cara daquele desvairado representante da nação, o agora infértil templo da vida. Quis pedir Socorro, mas a quem chamar? Não é esse meu nome? Pensou. Repetiu seu nome para si mesma por alguns instantes, embora suas forças desvanecessem sentia-se aliviada com o golpe que dera, mesmo que isso custasse sua vida, não importava, levaram um filho seu, mas esse seria o único.

Por um instante pareceu ver diante de si muitas outras Marias, ancestrais suas, que como em um xiré esperavam festivamente sua chegada, dançavam e entoavam cantos, sentiu Iku se aproximar, lembrou-se que também a morte era uma mulher, poderia ela dar a luz? Saberla ela compreender a dor que dilacerava seu peito? As forças começaram a lhe faltar, aos poucos seus olhos foram se apagando, o rio de sangue que jorrava da fonte entre suas pernas, escorria pelo seu corpo nu, sentiu o gosto de sangue na boca, seus pulmões foram sendo invadidos por aquele ferroso líquido rubro. Afogava-se lentamente naquela mistura de sangue e lágrimas, sal, sal, sal... Em sua mão estava a prova de tamanha façanha, o último grito de Socorro de uma mãe em desespero. Levaram meu filho, mas ele foi o único, foram às últimas palavras escritas em seu diário.

7.2 O império da lei – Maria da Piedade: Parte I

Antes de sua mãe dar o último suspiro, Maria da Piedade curvou todos os sentidos em atenção para ouvir as derradeiras palavras que seriam pronunciadas por seus lábios maternos. Naquele instante, as águas e o tempo foram represados no peito da menina, o silêncio ensurdecedor rasgou mata adentro, mesmo os ouvidos mais desatentos sentiriam o torpor que se abateu sobre todas as formas de vida. Sob o rio, a mudez e a escuridão reinavam gloriosas. As brumas ficaram dormentes entre os céus e as águas. Pela janela da casa era possível perceber que até mesmo o verde luminoso dos vagalumes fora desluzido pela inclinação da menina. Naquele momento, nada além da boca da mãe estava autorizado a mover-se.

O barro batido, que se estendia pelo chão da sala, não pareceu disposto a embeber-se da mistura viscosa de sangue e leite que jorrava do corpo moribundo da mulher. As mãos da menina tremiam sem parar, a memória recusava-se a aceitar as ausências do futuro. Tomada pela incredulidade, Piedade permaneceu parada com a mãe no colo, o desejo moveu sua imaginação em direção à esperança. Teimosamente a menina esperançou e no gesto de não desesperar, sentiu suas entranhas serem suspensas as alturas, e

do alto do vazio escuro, viu dois corpos lá embaixo, o da mãe a sussurrar algo quase inaudível e o seu próprio coberto de meninice. O corpo oco da pobre criança devaneou que de rompante, sem aviso prévio a mãe se ergueria com a força e vitalidade de sempre. Momento em que tudo voltaria ao que era antes. Ela esperou, esperou, mas nada aconteceu. A menina aprendeu ali que só a memória, com seus becos e vielas podem contornar as forças do tempo.

Sobre a mesa, embalada pelo choro dos irmãos, em êxtase, indiferente à luz da lamparina ondeava um vaivém de uma dança qualquer. Por vezes, seu brilho flertava com as estrelas do céu noturno, donas de uma luz fria e insensível, em outros momentos seus gracejos tomavam o aspecto de uma gigantesca brasa de desespero. Luz ingrata aquela, como podia exibir suas graças incandescentes no momento de tamanha dor? Não percebeu o que havia acontecido? Enquanto os pensamentos da menina repreendiam o pequeno sol, horrorosas sombras avolumavam-se à sua volta, Piedade não teve dúvidas, com o desfalecimento da mãe a casa entrou nas sombras, lembrou-se... O reservatório de ingrata candeia deveria durar uma noite inteira, mas agora apenas fumegava. A pequena flor de fogo antes tão vibrante, aos poucos definhou, do pavio mortiço subia uma fumaça escura, cujo cheiro era semelhante ao ferro em brasa. À medida que a luz desfalecia e o domínio das sombras crescia dentro de casa, sem muitas cerimônias do lado de fora, o sol surgia em resplendor.

O dia que subia no horizonte sem pedir licença, invadiu a porta arregaçada lançando uma delicada rajada de calor sobre o corpo gelado e inflexível que Piedade mantinha entre os braços. Ali imóvel e sem nada que indicasse presença d'alguma centelha de vida, o cadáver-mãe repousava no regaço quente e acolhedor da menina-filha. Com o esparramar do dia, rio abaixo e rio acima espalhou-se também a notícia do ocorrido. Em um curto tempo a casa ficou cheia. Os parentes e vizinhos, apiedados da dor e da aflição causadas por uma garrucha desalmada, vieram ao encontro da pobre família. Enquanto viva, a mãe de Piedade era tida em com apreço por todas as mulheres, e suas famílias. Por muitos anos, ela foi o único socorro que as gestantes atravessadas pelo tempo puderam contar. De assalto, os grandes tomaram o corpo-mãe dos braços da menina. Daquele instante em diante tudo se desenrolou cerimoniosamente.

Desde o nascimento de Piedade, aquela era a primeira vez que a morte visitava sua casa. Enquanto as mãos em crepúsculos das senhoras mais velhas preparavam o corpo-maternal para os ritos do pranto, a menina floresceu. Entorpecida pela dor da perda, seu franzino corpo não pareceu interessado em reagir aos acontecimentos externos, ocupava-se sim, de embrulhar memórias, alguns dos embrulhos foram jogados nas profundezas que habitam a todos, outros ela trouxe para a superfície de sua pele cabocla. Enquanto armava-se contra o esquecimento, o vigor do vermelho rubro que tingia suas vestes eclipsou, o tecido que antes havia mergulhado no sangue da mãe, agora exibia pequenas manchas amarronzadas, sobre seu corpo havia uma galáxia sem brilho. As constelações, feitas de pequenos pontos de sangue escurecido, eram um indicativo do sofrimento da menina. Em respeito e reverência à memória de sua mãe, recusou-se a tomar banho e a remover os vestígios do perfume materno que a envolvia.

Terminado as preparações, o corpo-gente foi cuidadosamente depositado sobre a prancha de uma mesa, que fora preparada na sala para este fim. Os pés da defunta apontavam para a porta da frente. A atmosfera do luto foi suavizada pela presença de algumas dezenas de hibiscos em tons vermelho e amarelo colhidos da frente da casa. No momento em que o cadáver-mãe foi exposto, os filhos formaram um coro de doloroso lamento. Os lábios de riso sempre presentes na face da mãe estavam recolhidos em uma expressão sisuda. O corpo da mãe estava ali, mas mesmo estando não havia presença a ser sentida e experimentada. Ela, a mãe jazia sobre aquela mesa gélida como águas das profundezas e inflexível como o tronco de uma sumaumeira.

A menina Piedade não chorou. Da rede armada no interior do quarto, o irmão caçula emitiu um som estridente, os berros do pequenino anunciavam a urgência de sua demanda. Afinal a fome nunca espera. O choro da criança era mais uma invocação que um lamento. O pequeno, de tão miúdo que era, não fazia ideia de que a fonte de sua saciedade já não mais pertencia ao mundo dos vivos. Piedade foi em favor do irmão. Ao tomá-lo nos braços, lembrou-se dos sussurros últimos da mãe. Instante em que no gesto final de esforço, ela retirou a aliança de casamento do dedo e com o fio da vida desvanecendo perante a morte, a mulher desposou a menina. – Minha filha, faça de conta que é você que

está indo, e eu que estou ficando. Cuide dos seus irmãos! Foram suas últimas palavras.

Embora o som ecoado pelas derradeiras palavras da mãe tenha sido inaudível para os outros irmãos, durante os anos que se seguiram aquele instante do passado esteve sempre no presente, insistentemente no agora aquelas palavras a muito pronunciadas causavam sensações velhas, mas sempre novas no corpo de Maria da Piedade. No cortejo derradeiro, o corpo-mulher foi levado em uma pequena embarcação ao lugar de seu descanso. O local em que a terra teve seu ventre rasgado para receber sua nova moradora era próximo de onde as avós de Piedade também estavam confinadas. Embora ela não as tivesse conhecido, sentiu-se ligeiramente aliviada em saber que sua mãe estaria na companhia de sua família. A rede utilizada para carregar a morta foi posta à margem do buraco e o corpo-mulher abandonado pelas pulsões da vida foi exibido para final das despedidas. Gritos de dor e desespero podiam ser ouvidos de longe, a menina, única filha ainda anestesiada pela dor da saudade, viveu aqueles momentos com os pés no futuro e o coração no passado.

No dia em que tão terrível tragédia se abateu sobre sua família, a menina contava não mais que doze anos. Para cumprir a promessa feita à mãe, Piedade abandonou o mundo das crianças e se forjou grande, embora seu corpo continuasse como o de uma criança. Embalada pelo som de terra sendo jogada sobre o corpo de sua mãe, a menina única tomou sobre si o peso de ser mãe sua e de mais cinco crianças. Desde o momento em que a notícia da tragédia se espalhou e os primeiros parentes chegaram, o assunto mais discutido era quem ficaria com quem. Depois da finalização dos ritos dolorosos, os conhecidos e parentes mais distantes retomaram o curso de suas vidas, na casa de Piedade e dos seus irmãos com a intenção de separar a sina das crianças, os tios e as tias jogaram a sorte, nenhum dos presentes demonstrou disposição em ficar com todos.

Enquanto os adultos calorosamente discutiam qual destino seria dado às seis bocas deixadas de herança, ao perceberem que a solução apontada pelos adultos para sua orfandade seria a separação, as crianças correram para onde Piedade estava. O corpo da menina divagava entre a ternura do passado e as dores do futuro, os sussurros da mãe feitos no agora passado eram a âncora dos tempos vindouros. O som que antes parecia um pequeno eco, cresceu e

creceu dentro do peito da menina, o eco vibrou em potência e virou poder. As palavras da mãe reverberaram em seu corpo deixando rígido todos os seus músculos, uma força se apoderou da infante de tal modo que a medida que a presença da menina crescia, crescia também o silêncio à sua volta. Os tios e as tias, todos veteranos no mundo dos adultos, foram emudecidos pelo poder que a presença da menina emanava. Piedade então, manifestou o desejo da mãe e assumiu o fardo da maternidade, os irmãos não iriam a lugar algum, todos ficariam juntos. As palavras não eram um pedido, nenhum dos adultos foi capaz de contestar, pois o poder que revestia a presença da menina retinha por toda a casa.

Com a partida dos tios e das tias, Piedade tornou-se mãe. Sua maternidade era fruto da tragédia e de antigas e sempre novas promessas. Mesmo a dor e o luto tendo perdurado, a vida voltou a florescer naquela casa. O tempo, senhor de todas as coisas, curou algumas feridas, e manteve outras vertendo sangue. Gigantescos foram os desafios enfrentados pela menina para criar os filhos-irmãos, a falta de tudo era sempre iminente. À medida que os filhos cresciam, sentiu o corpo mudar, sentiu o corpo desejar. Ao longo da vida deleitou-se com muitos e com poucas, mas não quis ser de ninguém. Era dona de si, além do mais era casada desde os doze anos, casou-se com as últimas palavras ditas pela mãe, quando esta agonizava. Desde a consumação da tragédia ninguém sabia o paradeiro do pai. As estações mudaram, as águas subiram e desceram muitas vezes, sementes lançadas nas entranhas da grande mãe, brotaram em vida e arvorearam. A satisfação fez morada em Piedade, a promessa feita à mãe foi cumprida, os irmãos estavam criados. E por muitos anos a paz reinou, mas nada que é dura para sempre.

Certo dia, o paraíso fiado pelas mãos caboclas de Dona Piedade foi abalado, momento em que soube da intenção de caçula de deixar a segurança de seus olhos. O menino miúdo na época em que sua mãe atravessou o véu para além da vida, agora era um homem feito. Cheio de uma macheza-pai, o jovem manifestou à irmã-mãe o desejo que a muito nutria em seu coração. Ao olhá-lo, Piedade percebeu que aquele que tinha diante dos olhos em nada se parecia com o menino franzino do qual lembrava-se, e que nas noites de trovoadas costumava buscar refúgio no aconchego de seu colo. Incontáveis fendas surgiram de uma só vez na memória da mulher, as lembranças foram

acionadas por instinto. Ela viu os lábios do filho-irmão moverem-se na manifestação do seu desejo, mas não ouviu uma única palavra pronunciada por ele. Recusou-se aceitar a ideia de que a deixaria. Com os ouvidos fixos nas derradeiras palavras da mãe, foi incapaz de ouvir o que sua própria boca dava vasão.

No ápice de sua fome de mundo, o jovem manteve a voz erguida reafirmando a posição de seu desejo. Na ocasião, silenciar era dar-se por vencido e isso ele não parecia disposto a fazer. Além disso, Piedade não poderia impedi-lo, pois ela não era sua mãe de verdade. Ainda que os ouvidos da mulher estivessem moucos pelo som de promessas antigas e sempre novas, seus olhos ouviram, o corpo estremeceu e outra vez os movimentos do mundo e do tempo foram desautorizados de seguirem seu curso. Aquelas eram palavras duras, a face cabocla de expressão sempre serena da mulher, tornou-se mistério como as águas turvas de igarapé em tempos de cheia, pensou que não merecia ouvir aquilo. Os sentimentos maternais escritos em sua pele a custo de um balaço foram feridos. Ela de fato nunca havia gerado em seu corpo uma criança, mas os embrulhos guardados em sua memória testemunhavam que os instintos maternais não são exclusividade de um gesto uterino. Incontáveis sinais espalhados pelo corpo-mulher ressoavam as marcas de uma maternidade que ela não desejou. Como era vontade da mãe, criou todos os irmãos e manteve a família unida. Após o golpe inesperado, mesmo relutante, seu corpo não foi mais capaz de resistir. O silêncio e a imobilidade foram compreendidos pelo jovem como um sim.

Depois daquele momento, um nevoeiro de animosidade instalou-se no interior das paredes de barro que sustentavam o pequeno castelo. Dias se passaram sem que mãe e filho se acertassem, ele tentou aproximação algumas vezes, mas nela as dores da saudade já se faziam sentir. Em uma manhã banhada pelas lágrimas maternais da irmã-mãe, o menino recebeu aprovação em favor de sua demanda. Dali a poucos dias, o jovem deixaria o que em seus olhos era apenas um ponto perdido no meio do nada, iria sim, em direção as infinitudes, seria livre. Queria ganhar o mundo, desejava experimentar histórias e aventuras aprendidas na escola. Sonhava grande, queria ser grande. Quem sabe em suas andanças pudesse ser abençoado pela fortuna. A cidade de Biqueirão seria seu primeiro destino, lá acharia abrigo na casa de parentes.

Chegado o dia da partida, de posse de uma incomum felicidade, o caçula juntou todos os seus pertences em uma boroca, e subiu o igarapé na proa de uma estreita canoa, abraçou os irmãos, sobrinhos e cunhadas. Prometeu voltar um dia. No momento da partida, Piedade entregou-lhe uma marmita, caneta e papel. Com uma expressão firme no corpo, rumorejou mais uma vez que a condição para que concordasse com aquela loucura, era que ao menos uma vez por mês o menino a escrevesse. Para acalmar o coração da irmã-mãe, o jovem prometeu-lhe que escreveria para casa toda semana. Nos olhos da mãe-irmã, a memória fazia balançar águas chuvosas em transbordamento, o corpo da mulher invocava lembranças de dias ainda não vividos, nos olhos do homem se percebia uma fome de vida insaciável. Assim, ele tomou tudo que lhe pertencia, com exceção do coração e dos pensamentos da pobre mãe e jogou sobre o ombro. Antes de sair em direção aos mistérios do desconhecido, Piedade correu as mãos em um punhado de ervas e lhe fez uma última bênção. Pediu aos encantados que o guardassem em segurança.

– Meu filho, as mãos que agora bendizem a partida são as mesmas que acolherão no retorno. Não se esqueça de sua casa.

Em direção ao cais, na companhia um do outro, o silêncio falou sem parar. Lá, insólito, aguardava o barco que levaria o menino até a Capital, de onde sem muitas dificuldades o jovem poderia dirigir-se para fora daquele mundo. Enquanto o coração do menino exultou de alegria, Piedade encolheu-se ao tamanho do nada, da vastidão de sua impotente condição lutou para juntar os pedaços que lhe restavam. Mergulhada nas águas turvas de suas memórias, permaneceu na beira do rio até o barco tornar-se um pequeno ponto no grandioso horizonte. Já era noite quando retornou para casa. A casa acolheu sua senhora silenciosa e solitária. Por um tempo a mulher parecia estar mergulhada em pesado torpor, dias se passaram sem que a fome ou os carapanãs a incomodassem.

No primeiro mês, o tempo teimoso recusava-se em seguir seu curso. Cada dia durava mais que o anterior, embora as noites fossem mais breves. Os minutos duravam horas. Quando enfim o dia chegou, vestiu-se com a melhor roupa e acompanhada de um dos netos-sobrinhos desceu o igarapé rumo a cidade. Foi para a casa de uma prima, no endereço em que receberia as cartas

do seu caçula. Estava tão inquieta que nem mesmo o café, seu companheiro de jornada foi-lhe suficiente para aliviar a tensão. Instalou-se em uma cadeira à sombra de uma árvore e esperou. Assustou-se ao perceber o sino da igreja avisando que era chegada a hora do almoço. A caldeirada de peixe retirada do fogo naquele instante não a apeteceu. A tarde chegou e partiu sem que o carteiro apontasse no caminho. Revestiu-se de esperança para o próximo dia. As palavras da prima não puderam alcançá-la, a saudade do filho havia adormecido os músculos de seus ouvidos, impedindo-os de se aterem a qualquer coisa que não a ele se referisse.

O correio é assim mesmo. Às vezes vem, às vezes não, pensou. Foi ficando por ali, os dias viraram semanas e nada além de contas chegavam pelas mãos do carteiro. Durante o tempo que esteve pela cidade, Piedade cumpria sempre o mesmo ritual, saudava o despertar do novo dia, tomava um gole ou outro de café e de cachimbo na mão se sentava na frente da casa à espera da cura que viria pelas mãos de José do Poço único carteiro da cidade. No avançar do tempo e de seu desespero, quando estava próximo de fazer dois meses da partida de seu caçula, depois de incontáveis tentativas frustradas, do único posto telefônico da cidade conseguiu fazer contato com um dos parentes de Biqueirão. A felicidade transformou-se rapidamente em dor. O caçula nunca havia chegado ao destino. Da conversa, Piedade só conseguiu ouvir até o momento em que o parente afirmou não saber o paradeiro do menino. Certamente outras coisas foram ditas, mas em seus ouvidos ressoavam promessas antigas e novas. Sua pele tentou ouvir, mas não havia nada a ser escutado daquela vez. Lágrimas verteram de seus olhos sem que ela pudesse fazer nada a respeito.

Atravessada pela saudade, a mulher ficou parada com o telefone na mão. Os ouvidos resetaram o tempo, o som crescente a sua volta era o choro de uma minúscula criança em invocação. Seus globos oculares refletiam imagens do passado. Onde estaria agora o último dos seus filhos, dos filhos herdados de sua mãe? Em que lugar poderia encontrá-lo? Estaria ele saciado? Ao pensar na fome do menino, Piedade sentiu como que pequenas fisgadas em seus seios. Ainda com o telefone nas mãos, o corpo-mulher respondeu a invocação faminta do irmão caçula feita a muitos anos atrás, não se sabe se por minutos ou horas, leite jorrou em cascata de suas pomas. Paralisada pela imaginação do possível,

as vestes de Maria da Piedade foram completamente encharcadas pela mistura de leite e lágrimas que a saudade fazia transbordar de seu corpo.

Os pés calejados, puseram-se em marcha. A imaginação corria pelos campos do impossível. A esperança e a angústia digladiavam em seu interior. O pensamento tornou-se um exercício perigoso. Enquanto do retorno, o chão por onde Piedade passava era marcado pelos traços de sua maternidade. Ela não sabe explicar como, mas as memórias da mãe desembrulhadas no caminho, despertaram uma força dentro de si mesma, aos poucos essa força tomou conta de seus movimentos. Seus passos agora eram como os dela. A angústia que até instantes antes lhe consumia o ânimo, foi dissipada por labaredas de coragem. Ao chegar na casa da prima, Maria da Piedade desatou sua rede, recolheu seu cachimbo, colocou tudo quanto lhe pertencia em uma sacola e regressou para sua casa. Já havia tomado uma decisão, iria em busca do filho.

Despossuída como era, convocou a família. Trajou-se de coragem e sufocou os medos que teimavam aparecer. Comunicou aos filhos-irmãos de sua decisão. Em três dias partiria atrás do caçula. Em um saco feito de fibras jogou os trapos que tinha e amarrou. Abriu o baú que herdara da mãe e retirou uma fotografia do filho, ele não saiu de suas entranhas, mas o criou. Ela era sua mãe. No movimento, lembrou-se o tempo inteiro das agruras e satisfações a qual só as mães são submetidas. As últimas palavras ditas por sua própria mãe pareciam crescer e crescer dentro de si. Quase tudo pronto, pegou seu chapéu de palha, companheiro de muitas batalhas travadas sob o sol escaldante e sua peixeira. Em momento algum vacilou.

No dia antes da partida, Maria da Piedade rezou. Aquela reza, no entanto, era diferente de quando se valia de ramos de vassourinha e em rápidos movimentos, punha em fuga o mal olhado e o quebranto, restaurando a saúde de crianças e velhos. Seus lábios agitavam-se rapidamente, até suas palavras tinham dificuldade em acompanhar tamanho frenesi. Além dos cinco filhos, herdou da mãe as chaves do segredo. Enquanto sua boca mantinha-se em acelerada atenção, suas mãos preparavam unguentos, banhos e chás. Uma mistura de ervas e tantas outras coisas mais, borbulhava sobre o fogão a lenha. Surrada pelo fogo, a encardida panela deixava escapar um cheiro forte, cujo gosto remetia a uma brava coragem.

Na madrugada do terceiro dia, antes dos primeiros sinais da aurora, com tudo pronto para o êxodo, começou o ritual que abriria sua jornada. Cantando uma decidida invocação, jogou sobre o corpo a mistura apurada das ervas. Entre uma cantoria e outra, com uma pequena caneca, suas mãos retiravam da gamela a poderosa mistura e a desaguava sobre si. Armava-se, pois pressentia perigo.

Antes de partir recomendou aos netos-sobrinhos que cuidassem de suas galinhas. Aos irmãos deu uma última bênção, assim como fizera com o caçula um tempo atrás. Dessa vez, era ela que sairia de casa, tendo como bússola o cumprimento de promessas antigas e novas. Ali, tomados pela saudade, os cinco irmãos se abraçaram, nunca tinham ficado muito tempo longe. Prometeu aos filhos que voltaria com o caçula, demorasse o tempo que fosse, mas o traria de volta. Em volta do pescoço, sob o tecido puído de uma blusa desbotada, ocultou parte de seu arsenal e partiu, na certeza de que não estaria sozinha.

Dentro do barco, uma multidão de redes formava uma desordenada aquarela. Ver tantas cores dispostas ao mesmo tempo deixou Piedade impressionada. Os olhos atentos perceberam que os de vestes surradas como as dela, eram os artistas responsáveis por colorir com exuberante alegria a monótona solidão das águas a caminho da Capital. Depois de procurar bastante, encontrou um espaço onde armar o lugar de seu descanso. Abriu o saco-mala e retirou um pequeno bolo de um ralo tecido, pegou dois pedaços de corda, desembaralhou os punhos e instalou-se.

Deitada em seu leito-balanço, viu que uns poucos viajantes semelhantes entre si, e diferentes dos demais, exibiam em seus corpos o que julgou como desnecessária opulência. A cada cidade por onde serpenteia o rio e o barco ancorou, o número dos de nariz empinado crescia, ainda que pouco. Esses desiguais eram acomodados em cabines individuais, e longe dos iguais. Desfrutando de toda solidão que sua fortuna podia comprar, quase sem mover os músculos do rosto, comiam uma comida sem graça, já que não havia a costumeira expressão de alegria causada pelo bucho cheio. - Coitada dessa gente! Disse somente para seus ouvidos. Enquanto seus olhos permaneciam atentos sem deixar passar nada despercebido, seus pensamentos, intenções e desejos estavam concentrados em seu filho.

A pouca distância do destino, Piedade deixou-se inebriar pelo rosa alaranjado que rasgava o céu em galopes delicados. A noite espelhada nas águas escuras por onde deslizava o barco ficou atônita diante dos prenúncios de que o dia rompia em gloriosa majestade. Ao fundo percebeu que os minúsculos pontos de luz suspensos no que pareciam ser janelas, começaram a desaparecer. Naquele gesto de contemplação sentiu um feixe de medo devorar-lhe as vísceras. A memória da imaginação trouxe o filho diante de sua presença, tentou abraçá-lo firme, mas suas mãos pareciam incapazes de alcançá-lo. Enquanto os pensamentos da mulher tentavam tocar o menino, a viagem chegou ao fim. O cais onde a embarcação ancorou estava movimentado, as pessoas caminhavam apressadas, subiam e desciam de mais de uma dezena de transportes. Em busca de fregueses crianças de vários tamanhos se espremiavam por entre a multidão, a plenos pulmões ofereciam as guloseimas que traziam dentro de suas bacias, uma infinidade delas.

7.2.1 O império da lei – esperança: parte II

Armada de toda esperança que conseguiu juntar, na certeza de que não estava só, Piedade ajustou o saco-mala nas costas, e desceu a rampa em direção ao incerto e malcheiroso mundo da Capital. Antes dos pés mergulharem na puaca, ouviu da barriga um retumbante protesto. Meteu a mão no bolso e deixou ainda menor a quantidade de tostões que trouxera consigo. Apiedou-se de um dos pequenos vendedores, os olhos se agradaram do que havia dentro da bacia. Sentou-se em um banco, calma e lentamente comeu a orelha que comprara, sua boca lembrou dos tempos de menina. Limpou as mãos sujas de óleo, retirou a fotografia de dentro do saco-mala e dirigiu-se ao guichê mais próximo. Repetiu aquele movimento, mas poucos pareciam interessados em ouvir os seus apelos, alguns reagiam negativamente antes mesmo de ver a imagem cravada no papel sobre suas mãos.

Ao ver Piedade aproximar-se com a fotografia em punho, uma cunhã bem aparentada segurou com firmeza sua bolsa de couro, antes da mãe-irmã abrir a boca, em um gesto de caridade a mulher atirou uma moeda e fugiu rapidamente. Piedade olhou com desprezo a moeda tilintar no chão. Tudo aquilo não fazia sentido, por várias vezes tentou se aproximar dos passantes, mas as pessoas recusaram-se a vê-la, embora ela estivesse bem ali. Percebeu que no local havia

outros invisíveis como ela. Em um gesto de altivez arrumou o chapéu sobre a cabeça e o saco com seus quase nada no ombro e se pôs a caminho em busca do menino. Naquele instante, não havia planos bem delineados, havia desejo e nada mais. Aquela era a segunda vez que seus pés eram obrigados a beijarem o chão infértil daquela cidade horrorosa.

Na andança desaprumada e sem rumo certo, a fotografia do filho-irmão foi o seu estandarte. A todos que pareciam dispostos a ouvir sobre sua busca e pesares, assim como fizera na embarcação, a mulher comentou sobre sua sina. No primeiro dia, sem destino certo Piedade andou algumas léguas, mesmo com o chapéu sobre sua cabeça, o sol a queimou impiedosamente. Ainda que não estivesse familiarizada com o movimento da cidade grande, Piedade não se rendeu aos infortúnios. Os afagos e cuidados de sua mãe estavam sempre na memória de coisas passadas, a imaginação e a esperança transportavam o futuro para o presente. Dentro da mulher, os muitos tempos que fazem o tempo dançavam e embaralhavam-se. Cansado, o sol declinou no horizonte. As penumbras da noite desceram sobre a cidade, com a barriga quase presa ao espinhaço Piedade se recolheu sobre uma mesa de bilhar qualquer, ali em cima ela dormitou. Embora o latido dos cães a tenha impedido de descansar, ou teria sido a dureza do leito?

No dia seguinte, atentou-se para a necessidade de papel. Depois de caminhar alguns minutos na busca por uma papelaria, deparou-se com uma. Na posse das alvas folhas, seus pés negros cheios da poeira dos caminhos buscaram um lugar para o repouso, como os mundos da Capital lhe pareciam hostis, teve medo de passar mais uma noite ao relento. Passou em uma banca de revistas e comprou um jornal. Na seção de classificados, os olhos ligeiros logo encontraram um lugar possível, uma senhora de nome Felícia oferecia hospedagem em um dos modestos quartos de sua pensão, por um preço que Piedade julgou ser na medida de suas poucas posses. Por sorte a pensão ficava não muito longe, soube disso pela boca do dono da banca de jornal.

O local para onde o anúncio a levou era um charmoso casarão espremido entre dois gigantescos prédios. O casarão de Felícia causava uma certa perturbação na paisagem, sua velhice colorida e extravagante não combinava com os tons pastéis desprovidos de afeto que cercavam os arredores, julgou que suas paredes haviam sido erguidas a muitos e muitos anos, já que apresentavam

sinais de muitos reparos. Depois de chamar na porta e esperar alguns minutos, uma senhora atarracada e sorridente com um avental em volta da cintura veio a seu encontro. A mulher era uma figura extravagante e amável, ao conhecer o interesse da mãe-irmã em hospedar-se sob o seu teto, Felícia mostrou desmedido contentamento, ela era a primeira hóspede em meses. Depois de acertarem o preço e os detalhes da estadia, a alegre proprietária levou a nova moradora para o seria seu novo quarto.

Piedade se afeiçãoou muito rapidamente a Felícia. O quarto era um pequeno cubículo, em seu interior havia uma cama de solteiro e uma mesa com um banco surrado. As paredes eram revestidas de pequenos azulejos, alguns pareciam estar cansados de enfeitar o lugar, já que mesmo depois de vários reparos insistiam em jogar-se do alto. Para a sorte da nova moradora, cravados na parede dois enferrujados armadores de rede aguardavam para ser usados. A visão dos armadores encheu os olhos de Piedade de alegria, não suportaria passar mais noite se quer deitada sobre algo que não fosse sua rede. Em sua opinião, espichar o corpo em uma cama era demasiadamente desconfortável, preferia sim, o balanço de sua fina e gasta rede.

Depois de instalar-se, corroída pela saudade do filho, Piedade foi ter com a simpática dona pensão. Após estabelecerem o alicerce do que poderia ser uma longa amizade, a mãe-irmã contou sobre os motivos que a trouxeram para a Capital. Felícia, ouviu atentamente o que Piedade dizia, mas suas palavras não encontraram o que dizer. Apenas lamentou bocejos de esperança. Com o passar das horas, de volta ao seu quarto, mesmo tomada pelo cansaço, Piedade acendeu uma vela e rezou. Enquanto sua boca rezava, mais uma vez colocou toda sua intenção no filho. Desejou que ele estivesse bem, saudável e com um teto sobre a cabeça, ao terminar de fazer suas preces, tomou um banho e deitou-se em sua rede.

Ao amanhecer, saudou a chegada do novo dia, revestiu-se de esperança. Tomou as folhas de papel e pôs-se a escrever. Na carta para os filhos, derramou sobre a alvura seu insucesso momentâneo e sua esperança, informou o endereço e o número de telefone da pensão. Logo em seguida, escreveu mais uns pares de cartas, nessas a mulher contou sua história e a de seu filho. A intuição de sua alma lhe falava sobre a necessidade de ser ouvida, encontrou na escrita um jeito de fazer sua história voar pelo mundo. De assalto, as mãos

caboclas de Piedade tomaram a palavra pelo calcanhar e fizeram dela sua companheira. Com as cartas na mão, Piedade deixou a pensão e seguiu em direção a agência dos correios mais próxima, lá postou a carta para os filhos, para as demais havia reservado outro destino. Ao sair da agência, a irmã-mãe peregrinou pela cidade em busca de emissoras de rádio e televisão, em todas que conseguiu chegar contou sobre sua laboriosa busca, e entregou as cartas. Esperava que em pouco tempo, sua história passasse a circular de boca em boca, não foi o que aconteceu.

Piedade imaginou que a história de uma mãe cabocla, trajada com coragem e farrapos em busca do filho poderia atrair a compaixão e atizar a generosidade das pessoas para conseguir informações sobre o paradeiro de seu caçula. Mas naquela cidade, como em tantas outras, histórias de esperança não chamam a atenção, e quase nunca são capazes de despertar qualquer sentimento que não a indiferença. Além disso, histórias como aquela não atraem anunciantes, não como a exibição de um corpo morto, ou a perseguição a homens seminus suspeitos de terem cometido algum crime. Quase ninguém demonstrou interesse pelo que a mulher tinha para contar. Mesmo diante do pouco interesse que sua jornada despertou nos donos da palavra, a mãe continuou arrancando do impossível o possível para encontrar seu filho.

Desde que chegou à Capital, quase um mês de procura havia se passado, e nada ou quase nada havia mudado. Encolhida no fundo de sua rede na manhã de um domingo qualquer, indefesa, Piedade chorou. As lágrimas desceram de seu rosto e se ajuntaram no chão, as gotas ganharam a forma de riacho. Em instantes, o riacho fez balançar o casarão de Felícia, assustada a alegre senhora pensou que tudo fosse desabar sobre sua cabeça, ao correr na direção do quarto de Piedade, teve o rosto estampado pelo pavor. Um aguaceiro corria do quarto em direção à rua, não se sabe como foi possível, mas as lágrimas da mãe-irmã formaram como que um mar em dia de tempestade. No tempo em que procurava pelo filho-irmão, muitas vezes o tempo, que é senhor de todas as coisas, se dobrou aos desejos da mulher, mas naquele dia, mesmo os fundamentos que sustentam a terra eram fustigados pelo desejo que emanava do corpo-Mãe. As paredes do casarão já não podiam conter a força e impetuosidade das águas, o rio jorrado dos olhos da mãe-irmã transbordou porta a fora, não se sabe como e nem porque, mas a casa permaneceu de pé.

Depois das águas correrem em direção à rua, mesmo assustada, Felícia conseguiu entrar no quarto de Piedade. Lá, um pequeno bolo de carne soluçava baixinho no fundo da rede. A dona da casa foi mais afetada por aquela visão do que pela fúria de instantes antes. Os ouvidos de mãe estavam moucos pela saudade, não havia palavras presas em sua garganta e olfato em sua pele, a dor que consumia suas entranhas mais uma vez a fez perder os sentidos. Em seu interior, havia apenas desejo, vontade e impotência. Recolhida ao fundo da rede Piedade não notou a fúria de suas lágrimas e nem a presença de Felícia. Seus pensamentos vagavam pelo mundo, com asas de borboleta percorriam campos, montes e a copa das árvores em busca de sinais do menino. Com o fio de força que lhe restava naquele dia, impediu sua imaginação, como havia impedido seus pés de buscarem por caçula nos territórios governados pela morte. Em seu íntimo procurar seu menino em delegacias, prisões ou necrotérios era um perigo que não estava disposta a correr. Ele estava vivo, ela sabia disso.

Enquanto Felícia observava o corpo de Piedade encolhido na significância do nada no fundo da rede, sem saber o que fazer para alcançá-la, o telefone tocou. Minutos depois, a dona da pensão retornou eufórica, o contentamento em sua expressão era quase indescritível, a irmã que também era mãe não demonstrou interesse pelos sons que circundavam o seu corpo minguado no centro da rede. A dona da casa não se deu por vencida, continuou a chamar a mulher pelo nome até que do fundo da rede Piedade ergueu levemente a cabeça em atenção à sua insistência.

Piedade chegou ao Terminal Rodoviário CondeMarinho com o peso do sol sobre os ombros. Àquela altura do dia a barriga resmungou, ignorou os rancos de protesto. Comeu as letras de inúmeras placas, mas nenhuma das palavras digeridas por seu estômago foi capaz de saciar a fome de seu regaço. Só se deu por satisfeita quando encontrou o letreiro que indicava o local onde os viajantes poderiam comprar passagem para a cidade de Biqueirão. Dirigiu-se apressada para o guichê, no movimento sentiu seu corpo exalar o pitiú da Capital, percebeu que o atendente estava de acordo com aquilo, a expressão de nojo que o homem fez quando ela se aproximou foi indisfarçável.

Piedade contou sua história e mostrou a fotografia do filho. A resposta do atendente fez a fagulha de esperança que fumegava em seu peito crescer em labaredas. O homem disse que viu o sujeito sentado pelo terminal algumas vezes

um tempo atrás, não sabia precisar quanto tempo. Isso foi suficiente para que a pobre mulher explodisse em um comedido sorriso, manifestação de uma profunda alegria. O atendente informou ainda que uma dona Maria de tal que trabalhava por ali, poderia dar mais informações, já que algumas vezes ele a viu palestrando com o rapaz. A gratidão transbordou nos lábios da mulher na forma de uma ligeira benção. Depois de um mês desde que saiu de casa, pela primeira vez sentiu diminuir a distância que separava ela e o menino, a mãe se dirigiu ao encontro da tal dona Maria.

Dona Maria de tal reconheceu na fotografia um jovem peregrino com quem manteve contato, não sem demonstrar surpresa com o que ouviu de Piedade, pois em suas palavras o jovem falou de um lado para o outro do terminal por quase três meses e nas vezes em que conversaram jamais mencionou nada a respeito de sua família e de um lugar para onde voltar. O menino falava sim, de sonhos, aventuras e fortuna, embora estivesse na total despossessão. Ao ver a aflição da pobre mãe, a mulher que também disse ter filhos, apiedou-se da pobre Maria da Piedade, sem pedir nada em troca, contou tudo que sabia a respeito de caçula.

Ao chegar na Capital, deslumbrado com a grandiosidade dos arranha-céus e com a sinfonia de buzinas que corriam por ruas e avenidas movimentadas, o jovem do interior teria se perdido. Andou por horas, sem conseguir chegar ao terminal, ao perceber que não sabia para onde ir, a quantidade de pessoas e carros na rua já havia diminuído. Para proteger-se dos perigos da noite, sem muito esforço, subiu em uma mangueira e ali com as pernas pendidas por entre um grosso galho ouviu e viu coisas horrendas, depois de muito insistir para ficar acordado, adormeceu vencido pelo cansaço. No dia seguinte, despertado pela fome, desceu apressado da árvore e com sua boroca nas costas passou a perseguir um delicioso cheiro.

Piedade ouvia atenta o que dizia a outra mulher, cada palavra que entrava orelha adentro fazia seus músculos ficarem mais e mais tensos. O nariz apurado de caçador teria levado o jovem a uma refinada padaria. Seus olhos esbugalharam-se diante de tanta beleza, as vitrines exibiam sem pudor bolos de coloridos sabores, biscoitos, doces e uma variedade infinita de guloseimas. Sua barriga tomou as rédeas da situação. Sentou-se em uma pequena mesa, colocou a boroca sobre uma cadeira que parecia mais um brinquedo de tão delicada e

dirigiu-se ao balcão de atendimento. Os olhos encheram a barriga de desejos, saciou todos que conseguiu, afinal nunca havia comido um *croissant*, pela palavra suspeitou que era coisa de gente granfina.

A cada mordida que dava seus olhos eram iluminados por uma equação de cores intensas e diferentes. A boca do rapaz pensou que só o céu poderia ser melhor que aquele lugar. Fartou-se. A barriga estufada exibia imponente que a fome, sua inimiga de momento havia sido domada, e pelo menos por enquanto ficaria assim. Quando recordou do seu sonho-mundo, levantou-se em um salto e foi em direção ao caixa, lá tivera a mais infeliz das surpresas. Ao perceber a intenção do jovem, a moça do caixa gentilmente teria informado o preço de sua satisfação. Pagaria alguns tostões pela beleza das vitrines, outros por respirar o mesmo ar que certos sujeitos, mais alguns por ocupar a linda mesinha, muito mais pelo que comeu. Em um pequeno instante a fortuna de quase nada que o filho-irmão de Piedade trazia no bolso se desfez no ar.

A máquina registradora da padaria ficou um tanto mais recheada com seu dinheirinho. Ver os bolsos vazios como anteriormente estava sua barriga, deixou o jovem em tristeza profunda, pois aqueles poucos tostões seriam usados para pagar sua passagem em direção ao seu sonho-mundo. Mesmo triste e de bolsos vazios, em momento algum arrependeu-se dos deleite-se experimentados, mas sua curta e prazerosa permanência na padaria havia lhe ensinado uma importante lição. No mundo fora do seu mundo, nem sempre poderia pagar pela saciedade de suas necessidades, ainda que esta fosse a fome, uma das maiores inimigas dos mortais. Lição que desde então levou sempre consigo.

Na posse de uma barriga cheia, o irmão caçula de Maria da Piedade teria enfim encontrado o caminho do terminal. Como já não tinha em sua posse os meios para adquirir uma passagem, perambulou de um lado para o outro, na esperança de que em algum momento a maré virasse em seu favor. Para manter a barriga sob controle, o jovem passou a fazer pequenos serviços nas imediações da rodoviária. Os trocados que ganhava carregando malas, baldes d'água e sacos de lixo não eram o suficiente para chegar ao seu destino, mas naqueles dias quase nunca dormiu com fome. Com a chegada da noite, geralmente acomodava-se no alto de uma mangueira, nas alturas sentia-se mais seguro dos perigos e incertezas ocultos pelo véu da escuridão.

Maria de tal disse a Piedade que, se não fosse a oportuna e irrecusável proposta de trabalho surgida poucos dias antes, naquele momento mesmo a mãe-irmã teria no aconchego de seu regaço o filho não saído de suas entranhas e alvo de seu bem-querer. A mãe-irmã, não vibrou como esperava a outra Maria, ao ouvir a última parte da história, cerrou os lábios fazendo surgir em seu rosto uma expressão de mistério, que passou despercebida aos olhos da mulher, com uma voz macia indagou-a sobre o tal trabalho, queria saber mais. Ao que Maria de tal continuou, um certo senhor de nome Aúba, a quem ela não conhecia pessoalmente, cuja função era recrutar força de trabalho para o eito de grandes propriedades da região, levava com ele um grupo de desalentados que vagabundeavam pelas imediações do terminal, entre os quais estaria o caçula.

Pelo que ouvira dizer, Aúba seria um homem de família, conhecido por sua gentileza, seu coração mole sempre estava disposto a ajudar os outros. Aquela não era a primeira vez que oferecia uma oportunidade de trabalho para desvalidos. A fim de diminuir sua pena no purgatório, de tempos em tempos o santo homem refazia o ritual de caridade, vinha até a cidade e oferecia a outros uma chance de dignidade. O trabalho oferecido geralmente se daria em fazendas de gado espalhadas pelo estado. O salário deixaria tentado qualquer doutorzinho. Na fazenda, os homens teriam tudo a disposição de seu bem-estar, como manda a lei, teriam suas carteiras assinadas e toda sorte de benefícios que se pudesse imaginar. Na boca de dona Maria de tal, Aúba era um verdadeiro santo, Piedade parecia não concordar com isso, até aquele dia nunca tinha ouvido falar de santo vivendo entre os mortais.

Para dona Maria de tal, o caçula não poderia estar em melhor companhia, certamente com Aúba ele estaria com um teto sobre a cabeça e comida no bucho. Piedade quis saber onde encontraria o homem, sendo tão bom senhor como acabara de ouvir, ele certamente se apiedaria de sua penosa situação e lhe devolveria o seu menino. Segundo a mulher, o bondoso homem, era muito difícil de ser encontrado, pois era uma pessoa ocupada, mas se Piedade quisesse, ela sabia de um outro candidato a santo de nome Poxy, que também desempenhava a nobre tarefa de dar socorro aos pobres, que por feliz coincidência estava à procura de uma cozinheira para uma das fazendas para a qual prestava serviço. Só não sabia dizer se era a mesma para onde o caçula havia sido levado.

Piedade pensou que talvez a proposta pudesse ser o caminho mais curto para voltar a ter em seus braços o filho não saído de suas entranhas. Pediu licença para a mulher, precisava desanuviar os pensamentos, um trago ou dois seriam suficientes para ajudar seu corpo pensar. Caminhou em direção a sombra de uma magnífica mangueira florida, pensou ser a que o caçula tinha feito de rede, já afastada da outra, retirou um cachimbo do bolso da saia, encheu com uma mistura de ervas, acendeu o isqueiro, pronunciou algumas inaudíveis palavras para si mesma, colocou o cachimbo na boca e pelo canto esquerdo deixou subir um fino fio de fumaça. A fumaça aguçou seus sentidos, em seus ouvidos soaram promessas antigas e novas. Intuiu a movência de arapucas.

De volta a companhia da outra mulher, sem grandes obstáculos, Piedade demonstrou estar disposta a aceitar. Maria de tal alegremente agitada, disse-lhe que aquela era a melhor decisão, e que tentaria contato com Poxy, e que assim que possível a avisaria. Firmado o compromisso, as mulheres despediram-se uma da outra com palavras doces e amáveis. Uma voltou ao seu trabalho na porta dos banheiros e a outra foi ter sob a sombra da mangueira. Os caminhantes que circulavam nas imediações não pareciam interessados no que Piedade fazia, seus pés pisavam com delicadeza sobre o manto formado por minúsculas flores que cobriam o chão. Enquanto seus pés dançavam delicadamente debaixo da mangueira colocou toda sua intenção no filho-irmão, percebeu que quase oculto próximo ao tronco da árvore encontrava-se um pequeno pedaço de pano.

Depois de um tempo, Piedade retornou ao casarão de Felícia. De volta ao seu quarto, de dentro do saco-mala retirou uma folha de papel dobrada e uma caneta, sentou-se no banco, procurou a melhor posição para as mãos e pôs-se a rabiscar em palavras sua crescente esperança. Escrevia uma carta para os filhos, aqueles quatro que tinha deixado em casa. Fez do papel seu íntimo companheiro e sobre ele lançou palavras de alento, transmitiu a todos que lá ficaram que havia encontrado sinais de caçula e que com a ajuda de Santa Bárbara, de Nossa Senhora Aparecida e dos encantados logo estariam de volta. O correio ficava a pouca distância da pensão. Quando a carta chegasse ao destino estaria um tantinho mais próxima de ter em seu abraço o corpo homem do seu menino.

Passados dois ou três dias, dona Maria de tal fez contato com Piedade pelo telefone da pensão. Estava tudo acertado, na manhã do dia seguinte Poxy

passaria para pegá-la. Na noite que se seguiu, Piedade lutou para não se deixar vencer pelo sono. Em seu corpo vibravam as infelizes possibilidades do que poderia acontecer caso fosse pega desprevenida. Estava decidida a não deixar escapar nada, para afastar o cansaço que açoitava os olhos, achou mais prudente permanecer de pé até o findar da noite. Ao ver o dia surgir lentamente lá longe no céu, seus lábios entoaram um canto saudação, no longínquo horizonte, o sol pareceu dançar levemente com a música-segredo. Aquele movimento entre a luz imortal que subia no firmamento e a pequena mãe mortal era mistério para a multidão que tomava as ruas. Os passantes viam apenas uma miserável mulher envolta em uns pobres cortes de pano, com olhos em brasa de lagrimado sofrimento, curvada em direção ao nada. Os olhares tortos de desprezo não a incomodaram, segredo é assim mesmo, quem não sabe é como quem não vê, é como quem não sente. Lembrou-se que desde seus dias de menina, um tempo que se findou a muito tempo, o seu momento preferido do dia era quando a aurora galopante punha em fuga as sombras e visagens da noite.

Em seu coração, a mulher tinha certeza de que tudo daria certo, embora soubesse que para chegar ao fim da jornada teria que arcar com certos preços, mas isso já não interessava, sabia dos riscos desde antes de pôr-se fora de casa em direção a cidade, estava preparada para os custos de tal empreitada. Comeu punhados de vento, retirou o lime noturno dos dentes com o sabugo do que um dia parecia já ter sido uma escova, banhou-se e vestiu algo que parecia ser mais adequado para o momento. Ocultou sua peixeira embaixo dos panos que lhe cobriam as vergonhas, precisava causar uma boa impressão. Como as águas turvas dos rios e igarapés a mulher escondeu suas intenções e propósitos, pintou-se de uma fragilidade que não lhe pertencia, ela que era toda dona de si, disfarçou-se de delicadeza, amansou e poliu a voz. Avisou a dona da pensão sobre seus planos e que passaria um tempo fora, mas que continuaria com o quarto quando retornasse. As duas se despediram e Piedade se dirigiu a caminho do terminal.

7.2.2 O império da lei – agonia: Parte III

Ao bater os olhos em Piedade o homem sentiu uma leve inquietação fervilhar em seu corpo. O desassossego em seu corpo era uma resposta às

intenções e vontades da mãe-irmã. Maria de tal apresentou os dois e garantiu a Poxy que Piedade era uma cozinheira de mão cheia e que estava em busca de um emprego. O homem perguntou-lhe se era casada, Piedade disse que se casou com doze anos, desde então dividia os travesseiros com a promessa que tinha feito para mãe quando ela se desfazia em leite e sangue. Poxy gostou do jeito da mulher, ela parecia servir aos seus propósitos. Acertaram o valor do salário e as obrigações que ela deveria assumir. Piedade estranhou a falta de papel, os termos da contratação estavam sendo firmados por meio de palavras lançadas ao vento, ela era uma mulher de papel. Desconfiou de cada palavra ouvida naquela manhã, mas de sua incredulidade apenas ela era conhecedora. Atenta a tudo que foi dito, apenas não compreendeu os motivos da outra Maria não ter mencionado a Poxy sobre sua busca. Razão pela qual ela pensou ser desnecessário comentar com o homem.

Com seu saco-mala nas costas e parte do seu arsenal de guerra escondido em suas roupas, com passos firmes e decididos, ela foi com o homem. O local para onde iam não fazia ideia. Enquanto estavam a caminho, nos labirintos de sua memória ela guardou em segurança o mapa da ida, pois sabia que só assim o retorno seria possível. Depois de muitas horas de viagem por rios feitos de piche e veredas cobertas de poeira, chegaram ao destino na companhia do ocaso. Nas porteiras da fazenda um imenso barco suspenso no ar por uma dúzia de cordas de ferro velejava para lugar nenhum, cercado pelas alturas dos ares, a boreste, letras cravadas com fogo na madeira faziam esplendorosa saudação, *Bem-vindos a fazenda Tumbeiro, propriedade da família CondeMarinho desde 1830*. Chegaram à sede da fazenda, quando a noite já cobria o mundo e seus arredores. Para os olhos de Piedade o lugar parecia agradável, sua intuição parecia não concordar com isso. Aquela noite depois de faltar-se com uma saborosa refeição, permitiu ao corpo gozar dos prazeres dos sonhos, ainda que por um brevíssimo momento.

Enquanto Piedade dormia o sono levemente despreocupada, sonhou com as certezas e seguranças dos seus dias de menina. O mundo girou, em segundos, a manhã quente e prazerosa das memórias da infância foi varrida para as lonjuras. O manto da noite cobriu a vastidão até onde a vista alcançava. O mover do mundo fez a roda do tempo arrancar de Piedade a sensação calorosa, em instantes a figura brincante de menina foi feita mulher. Sentiu o

ventre espichar com estranha voracidade, repentinamente sua barriga tomou proporções assombrosas. Entre gritos de dor e solidão, deu à luz as seis crianças que espantosamente cresceram dentro de si. Uma a uma, as crianças foram expelidas por sua boca. No intervalo de uma contração e outra sentia um bolo cavalgar subir por sua garganta em direção ao mundo fora de suas entranhas. Ao ver-se naquela situação, lembrou-se que aquilo era impossível, afinal nenhuma das crianças que ajudou a trazer a vida fora vomitada. No alto de uma castanheira, uma silhueta misteriosa espreitava.

Ao concentrar-se para pôr fora o que parecia ser o último dos filhos estranhamente paridos, em um piscar de olhos a silhueta sinistra aproximou-se. O corpo atarracado do encantado estava coberto do que parecia uma mistura de musgo e breu, o chapéu de palha na cabeça escondia a forma de seu rosto e a expressão de seus olhos. Reconheceu-o, aquela não era a primeira vez que o Pesadelo se apresentava em seus sonhos. As feições misteriosas ocultavam suas intenções, mesmo quase exaurida pelo parto, Piedade manteve-se atenta, sabia o que a presença do encantado indicava. Lá longe, no meio da mata, o vento pipocou em violentos sussurros, o farfalhar das folhas na copa das árvores fez os cinco meninos e a menina ensopados de sangue e terra rasgarem-se em berros aterrorizantes.

As pequeninas crianças choravam de fome. Os seios de Piedade não deram sinal de que poderiam atender a demanda dos recém-nascidos. Do meio da mata, oculta pelo negrume da noite, Piedade viu surgir uma gigantesca vaca preta com a cabeça coroada com incontáveis chifres. O animal caminhou em direção ao local onde estavam mãe e filhos. Os olhos do animal pareciam estrelas cintilantes, a cada passada em direção a família o úbere da vaca crescia mais, as tetas balançavam graciosamente pelo ar. A figura da vaca emanava majestade e terror, de modo que poria em fuga a macheza de qualquer guerreiro, mas Piedade não demonstrou pavor, certamente aquilo era intrigante aos seus olhos. A ventania que chicoteava as árvores transformou-se em uma suave brisa.

Ao que parecia, o berro faminto dos filhos vomitados por Piedade, seria saciado. Ao alcançar o ninho onde mãe e filhos se encontravam, as tetas da vaca jorraram em delícias. As pequeninas crianças, crescidas em um instante e saídas da boca de Piedade, colocaram-se de pé e agarraram o manancial de fartura que lhes era ofertado. À medida que se alimentavam, seus corpos ganhavam novos

contornos. Com o aumento do tamanho, crescia também a fome. No ímpeto pela saciedade, as seis crias de Piedade agiram para subjugar sua fonte de alimento, o leite já não era mais suficiente para que alcançassem à saciedade, com as mãos cravadas na teta do animal, sugaram de seu úbere sangue e leite.

O majestoso animal definhou ante a esfomeada vontade dos filhos de Piedade. Angustiada, o animal procurou se desvencilhar das garras de seus algozes. Piedade que até aquele momento, apenas observava o que acontecia, tomada de gratidão, pensou mover-se contra os filhos e em socorro do animal. Na movência, sentiu-se paralisada, a energia gasta com a rápida gestação e com o parto, ainda não havia retornado ao seu corpo. Não conseguiu fazer nada, além de ver o animal ser devorado vivo diante de seus olhos. Da majestade do animal de olhos estrelados, tudo foi engolido, exceto um dos chifres e a pequena extensão do rabo. Após o festim regado pelo sabor de sangue, os filhos de Piedade assumiram formas monstruosas insaciáveis. A visão da mãe os encheu de desejos, caminharam em sua direção. O semblante assassino emanado dos olhos em fúria, fez os pelos da nuca cabocla de Piedade eriçarem em atenção, ela sabia que seria a próxima.

Uma brisa suave sussurrou nos ouvidos de Piedade. O movimento dos astros no céu mudou de direção. Viu surgir no firmamento uma constelação de sete estrelas, guardou esse segredo para si mesma. A intenção assassina dos filhos aumentava momento a momento, quando estes avançaram esfomeadamente em sua direção. Os lábios negros de Piedade moveram-se em desesperada invocação – Valei-me, minha Santa Bárbara! – gritou. A resposta veio na forma de fogo. Um raio precipitou-se sobre o lugar em que as vorazes criaturas se encontravam. Caídas no chão, as temíveis criaturas foram fulminadas pelo prenúncio de uma furiosa tempestade.

A visão dos filhos espatifados no chão não despertou na mãe qualquer fagulha de sentimento. Seu coração sofria sim, mas pela vaca. Piedade correu na direção em que os filhos estavam e acolheu em seu colo os restos do magnífico animal. Na posse dos destroços do majestoso animal, Piedade chorou. Enquanto chorava lamentos pelo bicho injustamente devorado, as nuvens carregadas lançaram sobre a terra pesadas gotas de prata. Em resposta ao luto e as águas descidas do céu, os seios da mulher novamente encheram-se de leite. O leite saído de seu corpo e as águas choradas das nuvens misturam-

se com a terra negra e fizeram jorrar um rio de lama. O rio caudaloso vertido da união das lágrimas avançou na direção do encantado de figura sinistra, que até aquele momento apenas observava.

O ser de face oculta foi perseguido pelo ribombar de uma crescente pororoca. Mil voltas desse ele em fuga da violência das águas, mil voltas o trovejar das tormentas estaria em seu encaixo. Enquanto os pés do encantado voavam pelos cantos da terra, Piedade benzia-se e rezava. Nesse instante, o vento pareceu ouvir as suas súplicas. No bater dos lábios da mulher, um forte vendaval varreu o mundo. As forças da natureza pareciam guerrear em favor da mãe. O encolerizado rio feito de lama e as lâminas de vento subjugarão o poder do Pesadelo. O ser atarracado esbravejou terríveis ameaças na direção de Piedade, a mulher encheu-se dos poderes noturnos que guardam as matas e águas virgens. Pôs-se em movimento, caminhou na direção da fera domada e arrancou o chapéu de palha de sua cabeça, expondo o rosto-segreto. Com o chapéu fora da cabeça, ante a presença da Mulher a força do ser assustador foi feita em nada. Ela vencera.

Ao acordar, Piedade foi tomada por uma onda de felicidade, pois tinha em sua mão esquerda o chapéu do encantado, enquanto na direita estavam o chifre e o rabo da majestosa búfala. Ocultou as relíquias conquistadas durante o sono dentro de seu saco-malo e esperou o dia chegar. Lembrou-se das palavras ditas pelas mais velhas, quem não sabe é como quem não ver, é como quem não sente.

De pé recebeu em saudação os primeiros raios de luz do novo dia, em sua frente um campo de beleza indescritível arregalava-se diante de seus olhos, ofuscando toda impossibilidade, por um instante viu-se novamente mergulhada dentro de si. Os raios dourados da aurora iluminavam o campo atapetado de lindas e coloridas flores. Fascinada com tamanha beleza, Piedade viu-se deitada no colo de sua mãe a receber um cafuné. A memória da mãe de repente ficou tão viva que pareceu sentir o seu cheiro. O vento suave bateu em seu rosto e formou na face cabocla da mulher um fino fio de sal. Em seus ouvidos ecoaram o som de promessas antigas e novas. Do mesmo modo como havia entrado em êxtase, saiu rapidamente. No retorno ao tempo presente, percebeu que seus olhos estavam fora de ordem, um estava virado para dentro e o outro para fora, com muito esforço recolocou a mira dos dois na mesma direção.

Poxy avisou-a na noite anterior que ao nascer do sol eles iriam se dirigir para o barracão, local onde os peões estavam alojados. Antes da partida, Piedade foi convidada a sentar-se em volta de uma mesa repleta de fartura, não estava acostumada a ter tanta comida a sua disposição, compreendeu os motivos que fizeram o irmão ficar sem um tostão no bolso. Embora a beleza e os cheiros estivessem muito convidativos, beliscou um pedaço de bolo de milho e tomou um comedido gole de café. Precisava manter os sentidos em alerta, no seu pensar entregar-se aos deleites de tão maravilhosos sabores poderiam fazê-la esquecer os motivos de estar ali. Terminada a refeição matinal, Piedade tomou o saco-mala em uma das mãos, enfiou nos ouvidos uma pena de galinha e em movimentos circulares botou em fuga a mouquice. Os ouvidos prontos, não deixariam nada lhe escapar.

De posse dos seus quase nada, a nova cozinheira e o homem subiram em um gírico carregado com diversos objetos e foram. No caminho, Poxo insistia em alguma aproximação, mas Piedade não parecia muito interessada nos devaneios do homem. O sol já estava pleno na abóbada celeste quando se aproximaram do barracão. Com os sentidos lapidados pela saudade, Piedade via, ouvia, sentia e cheirava tudo. O barracão estava localizado na beira da mata, livres da mouquidão os ouvidos viram o som de moscas zumbindo sobre algumas tiras de carne e uns poucos peixes desorganizadamente pendurados em um arame.

O tal barracão era como uma grande casa feita de nada, não havia sinal de paredes, do futuro e nem do passado, sobre algumas finas forquilhas retiradas de árvores dali mesmo, ainda revestidas de sua natural proteção, pendia um teto feito de palhas de babaçu. Não havia camas, mas como poderia ser? Em alojamento de trabalho deveria ter camas para os peões, embora ela fizesse questão de dormir em sua rede. Deu-se conta que estava diante de uma casa feita de nada, como aquela da cantiga presente nos lábios dos sobrinhos.

Enquanto os olhos cheiravam, o nariz mapeava o ambiente provido da beleza de vários nada. Embora seu coração estivesse mergulhado em suspeitas, seu rosto não demonstrou nenhum sinal de insatisfação ou de surpresa. Como dizem na região de onde Piedade vem, o coração dos outros é terra que ninguém visita, guardaria seus motivos somente para si. Próximo ao barracão viu um grande tacho alojado sobre três pedra borbulhar alguma coisa

em rápida fervura, não conseguiu identificar o que, mas teve certeza de que não havia semelhança alguma entre as gostosuras servidas na sede da fazenda e aquilo que estava acomodado no fundo do tacho e que suspeitou ser a refeição dos peões.

Poxy deu um alto assobio e alguém próximo oculto no meio da mata respondeu ao estímulo. Em pouco tempo surgiu um bicho-homem próximo ao barracão, aos olhos de Piedade a figura aparentou ser um tanto quanto sinistra. Uma única coisa chamou sua atenção, o homem exibia na cintura a silhueta de um revólver. Ao perceber aquilo, enquanto seu corpo permanecia em comedida postura, suas vísceras se contorciam. Um balaço de arma de fogo roubou a vida de sua mãe e com ela levou sua meninice. Poxy apresentou a mulher ao bicho-homem, e o informou a respeito do papel que ela deveria exercer no local, a figura sinistra assentiu com a cabeça. Poxy, advertiu Piedade que de agora em diante ela era responsável pela alimentação dos peões daquele barracão e que caso precisasse de alguma coisa ele passaria de três em três dias.

Piedade não compreendeu muito bem a última instrução dada por seu chefe. No eito de trabalho ela seria proibida de uma única coisa. Nunca, sob nenhuma circunstância poderia conversar com os peões. Eles já conheciam as regras, e ela como nova no local deveria ficar atenta, pois enquanto ela e os homens estivessem sob sua responsabilidade a palavra estava proibida. Se quisesse poderia conversar consigo mesma, mas nunca com outros além dele e da figura sinistra que emergiu das sombras momentos antes. A irmã-mãe ficou encucada com aquilo, nesse instante uma leve brisa trouxe consigo o cheiro exalado por algum um animal morto. Como havia intuído, estava sob o teto de em uma grande arapuca.

No fim da tarde, depois de Piedade ser apresentada ao barracão e seus domínios, um grupo de homens magricelos cobertos por farrapos surgiu do meio da mata. Perfilados, os pobres indivíduos arrastavam os pés esqueléticos no que parecia uma marcha em direção à sepultura. Os olhos da cozinheira correram a fila em busca do filho, para seu alívio nenhum dos desgraçados era seu menino, embora todos lhe parecessem muito semelhantes a ser seu menino. Algo chamou a atenção de Piedade, mais que qualquer outra coisa. Atrás da fila de desvalidos, vinha um homem montado a cavalo, com uma espingarda sentada em suas pernas. Um buraco abriu-se embaixo dos pés de Piedade e engoliu-a.

O que diabos poderia ser aquilo? Aqueles eram homens de fato ou seriam bichos?

Alguns dos homens que se achegavam ao barracão pareciam não ter em seus lábios carne suficiente para cobrir os próprios dentes, Piedade percebeu que os ossos das costelas de alguns estavam a pouco para furar a pele desgastada. Com o cair da noite o cheiro de carne podre tornou o ar pesado. Estarrecida com os acontecimentos do dia, encheu seu cachimbo da mistura de ervas que trouxe de casa e deu algumas tragadas. No tempo em que permaneceu por ali, mesmo reconhecendo os perigos de prostrar com os peões, vez ou outra quase sem mover os lábios fazia a palavra circular pelo canto da boca. Entre as perguntas que sempre usava estavam, qual seu nome? De onde você é? Qual sua idade? Como veio parar aqui? Quanto você ganha? A quanto tempo não vai a cidade? Além de sutilmente mostrar a fotografia do filho-irmão.

Algumas semanas depois de sua chegada, percebeu que dois dos seus silenciosos companheiros que haviam partido para o eito não retornaram. Como tudo ali era estranho, pensou que logo eles apareceriam. Passados dois dias, teve a certeza de que eles não retornariam, mas o que poderia ter acontecido? No terceiro dia desde do sumiço dos dois, enquanto descia na direção do brejo para encher as cabaças de água, decidiu perseguir a pestilência que afetava seu nariz, viu uma nuvem de moscas zunir na boca de um buraco não muito longe do brejo. O cheiro que agitava as moscas era pura podridão. Como seu cachimbo estava sempre dentro do seu bolso, acendeu-o e o pôs na boca, a fumaça doce saída das ervas em combustão foi a única razão que a fez conseguir suportar o repugnante cheiro de carne podre. Ao chegar à margem do buraco a multidão de moscas levantou-se freneticamente.

Ao compreender o motivo do frenesi das moscas, e dos movimentos circulares dos urubus jogou tudo que tinha dentro do estômago para fora. Foi consumida pelo pavor. Aquela foi a primeira vez que sentiu a espinha congelar de medo. No interior do que parecia ser um antigo poço, sobre uma pilha de ossos, jaziam dois cadáveres. Os corpos expunham suas fibras musculares em decomposição, a pele dos dois tinha sido completamente removida. O que estava mais próximo da superfície permanecia com as cavidades oculares contemplando o vazio celeste. A grossa camada de larvas fervilhando nos cadáveres esfolados e a ausência de vida, não impediram que Piedade

reconhecesse os maltrapilhos e silenciosos companheiros, que a três dias não retornavam do eito. Diante da constatação, pôs-se a chorar. O lamento que Piedade fez regar as margens do poço era pelos pobres trastes, pelo filho caçula e por ela mesma.

Enquanto chorava, da beira do brejo, Piedade ouviu alguém chamar seu nome. Um calafrio paralisou o movimento de suas pernas eriçando sua nuca. Por uma segunda vez a voz rouca gritou: Piedaaaaade! Na terceira vez sua língua driblou o medo e respondeu. O coração caboclo da cunhã ainda em prantos ergueu-se sobre a podridão que subia do poço. Pegou as cabaças e caminhou em direção às águas do brejo. Cercado por um açazal calma e lentamente dançava um veio de águas escuras e frias. Ao chegar ao local os ouvidos correram a vista pelas margens alagadiças do brejo, tudo parecia calmo, até que o som sibilante de uma língua bifurcada foi ouvido arrastando-se para trás de uma grande touceira de açazeiros. No meio das águas brejeiras, Piedade viu emergir a figura de uma fêmea criatura.

Ainda sem compreender completamente o que se desvelava diante de seus sentidos, o medo, o pavor e a repugnância ante a visão dos corpos esfolados dentro do poço instantes antes, gradualmente foi sendo substituído pela beleza. A sensação do momento era o mais próximo da plenitude que já estivera. A fêmea criatura brotada do fundo lamacento do brejo era revestida do mais puro encanto. Enquanto seus olhos estavam fixos na beleza emergida das águas, os ouvidos deram conta de alaridos e gemidos lamentantes ecoarem em sua direção. Do muito que foi dito pela voz, ouviu o que parecia ser o truar de um tambor. A fêmea criatura, feita toda de esplendor, caminhou em sua direção, com uma doce expressão de ternura fez-lhe uma bênção toda feita de águas e seguiu em direção ao poço dos esfolados.

Do meio do açazal, o som suave dos tambores trovejou. Ao aproximar-se do poço dos esfolados, a esplendorosa criatura fêmea, surgida das águas negras do brejo, entoou um canto lamento. Sua voz era como as torrentes de uma cachoeira melodiosa, águas em furiosa correnteza em busca do mar começaram a brotar do fétido poço. No subir borbulhante das águas, o canto da criatura mãe assumiu postura de acolhimento, os sibilantes sussurros cessaram em contemplação. Uma enchente rasgou as margens do poço e levou ao encontro da beleza duas pequenas centelhas azuladas. O canto das águas cresceu,

enquanto o som dos mares ribombava, as almas dos esfolados foram erguidas pelas mãos caboclas da fêmea criatura. A esplendorosa mãe das águas bailou lentamente para sua morada.

À medida que o tempo voltava a ordem dos ponteiros, a plenitude gozada ante tamanho acontecimento aos poucos deixou Piedade. O vazio voltou a instalar-se no interior de seu peito. Lágrimas cintilavam novamente em sua face. Ainda com a vista embaçada pelas gotas que insistiam em lhe escapar os olhos, Piedade tomou as cabaças e as encheu. Mesmo com o coração povoado pela dor do luto, o fio de esperança guardado nas veias da mãe-irmã brilhou mais uma vez. Piedade sabia que poucos mortais podem estufar o peito em certeza, por terem presenciado o encantamento das almas.

De volta ao barracão, arrumou os seus quase nada no saco-mala. Estava decidida a continuar sua busca pelo filho, considerou que as informações obtidas até aquele instante eram suficientes para que ela prosseguisse seu caminho. Além do interesse de prosseguir em sua jornada, a lembrança dos corpos esfolados pendidos dentro do poço tornara sua permanência no local insustentável. Ficou com seus pertences prontos durante quase uma semana à espera de Poxo, quando ele finalmente apareceu, comunicou-o de suas pretensões de deixar o local. O homem recebeu com surpresa o desejo de Piedade, não esperava ficar sem cozinheira tão repentinamente. Indagou-a sobre os motivos, a mulher esgueirou-se dos questionamentos.

Depois da insistência do homem, Piedade valeu-se de uma desavença entre ela e o bicho-homem ocorrida uns dias antes como desculpa. Como nos meses que se passaram desde a chegada da cozinheira, Poxo nunca havia percebido o menor sinal de insurgência, ofereceu a Piedade um posto de trabalho em outra fazenda. A mulher gentilmente recusou a oferta, disse que precisava de um tempo na cidade para tratar de uns assuntos. Diante da recusa, a contragosto o homem assentiu. Tomou o saco-mala, jogou na carroceria do girico e esperou a hora da partida. Lançou os olhos pelas imediações e movendo os lábios lentamente deixou escapar nos ventos uma benção para os maltrapilhos silenciosos. Ao bicho-homem e ao outro sibilou uma maldição. Desejou que o Curupira ou uma de suas contrapartes saraivassem o corpo dos dois com flechas imbuídas de fogo e veneno.

A sensação experimentada ao deixar as grandiosas terras da fazenda Tumbeiro era no mínimo incerta. Esforçou-se várias vezes para ficar feliz, mas a tristeza e a alegria bailavam em seu interior. Ao lado de Poxy, Piedade permaneceu em silêncio. Depois de intermináveis horas de viagem, já na Capital, Piedade foi deixada por Poxy no escritório da fazenda. Lá recebeu o acerto pelo tempo trabalhado, a informação que do total a receber teria descontado os valores referentes a comida, alojamento e outras coisinhas mais não a surpreendeu. Com uma calculadora nas mãos, um jovem engravatado subtraiu tudo que foi possível do saldo acumulado por Piedade em seu período de trabalho.

Piedade saiu do escritório quase tão pobre quanto entrara, a diferença era que pouco antes de deixar o local, a cozinheira pôde ouvir o nome do dono da fazenda Tumbeiro, essa informação pareceu importante aos seus ouvidos. De mão do minguado valor de seu acerto, vagou pela Capital, seu corpo pensava mil e uma coisas. Ruminando tudo que viveu nos últimos tempos retornou para o casarão de Felícia. Seus horizontes foram reduzidos, a imagem dos esfolados que jaziam sob uma pilha de ossos dentro do poço a perturbavam, o odor da carne em putrefação permanecia em seu nariz. Um daqueles pobres desvalidos poderia ser seu menino, pensou nas famílias dos pobres coitados, certamente em algum lugar alguém também estaria procurando pelos dois.

7.2.3 O império da lei – coragem: Parte IV

Dias depois de ter deixado o local a mãe-irmã chegou à conclusão de que deveria fazer alguma coisa a respeito do que viu e ouviu no eito da fazenda Tumbeiro, para ela fazer algo por aqueles que ficaram lá era agir sobre a sina de seu caçula. Concluiu que deveria ir à delegacia, assim pensou, assim fez. Embora até aquele momento houvesse resistido em ir àquele lugar em busca do filho, achou que os homens da lei poderiam ser a tábua de salvação para os companheiros desafortunados que deixou sob o jugo do bicho-homem.

Na delegacia, a mulher contou a história. Daquele momento em diante sua história deixou de ser só sua. Enquanto narrava o que seu corpo viu, sentiu e experimentou, o policial registrava tudo em uma máquina de datilografia. Nas palavras ditas ao homem da lei, Piedade contou sobre tudo, mas não disse todas as coisas. Seus lábios não inventaram nada, mas muito sabia que coisas-

segredo, assim devem permanecer. O homem, pouco inclinado a acreditar no que suas mãos escreviam, demonstrou-se bastante inquieto ao ouvir o nome da fazenda. Ela que estava acostumada a não deixar passar nada, mesmo percebendo continuou sua história. Depois de concluído o procedimento, a denunciante agradeceu a solicitude do escrivão e se pôs para longe dali. Como era padrão, antes de sair teve que informar o endereço onde poderia ser encontrada e ao menos um número de telefone.

Ao chegar na pensão, Felícia a informou que um homem havia ligado a sua procura. Como ela não se encontrava e a pessoa do outro da linha não demonstrou interesse em deixar recado, a dona da pensão pediu que ligasse em outro momento. Ao ouvir o que Felícia dizia, Piedade matutou por um tempo para saber quem era e do que se tratava, já que até onde lembrava-se dera o número da pensão em apenas três ocasiões, primeira foi para os filhos-irmãos que haviam ficado em casa, a segunda vez foi para a tal Dona Maria do Terminal Rodoviário. E a terceira e última vez teria sido a poucos instantes atrás na delegacia. No seu quarto, mais uma vez a mulher juntou letras e costurou palavras sobre o papel. A ausência do desejo de comida fez seu corpo definhar ainda mais.

Quase no início do crepúsculo o telefone tocou apressadamente, Felícia correu para atender. A esperança germinada no coração de Piedade torcia para que aquele fosse um sinal de boas notícias. A sempre pulsante esperança a fez devanear. Sua intuição acertou novamente, a ligação era para ela. O homem do outro lado da linha dizia ser do gabinete do influente Juiz Gumercindo da Nóbrega, segundo o que ele disse, o excelentíssimo estaria convidando a esfarrapada mulher para uma reunião. Ao ouvir aquilo, todos os sentidos da mãe-irmã foram inebriados, embora o objetivo da reunião não tenha sido revelado, a história do seu caçula e dos trabalhadores da fazenda Tumbeiro era o único assunto que poderia ser de interesse da nobilíssima personalidade. O Juiz estaria esperando às 08:00 da manhã em seu gabinete na Avenida Presidente Vargas número 3027, no centro da cidade. Exultante, Piedade confirmou sua ida a reunião e desligou o telefone.

No dia seguinte, a mulher levantou-se antes do alvorecer, cumpriu seu rito matinal e esperou. Oculta pelas vestes que cobriam seu corpo a peixeira bem amolada repousava em sua bainha. Chegada a hora, com um ânimo incontido

Piedade foi ao encontro. No caminho, pela primeira vez desde que iniciou sua jornada, viu as cores da cidade. A esperança fez desabrochar em seus olhos os tons vibrantes da primavera. A beleza espalhava-se por baixo dos pés caboclos da mulher, seu rosto expressava que o futuro vislumbrado por sua memória era que logo, ela e o seu menino estariam na segurança de sua casa.

Ao quebrar a última esquina antes do gabinete do Juiz, um sussurro do passado ecoou sobre a superfície de sua pele. Estranhou aquele movimento, traçou sobre si um sinal de devoção e continuou. O local indicado no endereço onde o homem e a Mulher se encontrariam, era todo revestido de glória. A construção irradiava uma luz pálida e ofuscante, a visão daquele magnífico lugar deixou os olhos de Piedade presos em deslumbre. No alto do prédio, quase tocando as nuvens, os olhos vigilantes de uma estátua de contornos esbeltos espreitavam os arredores, de sua mão esquerda pendia uma balança, enquanto sua direita exibia despudoradamente uma espada em gesto fálico. Laureando os delicados pés de prata do formoso ícone ondulavam palavras que a mãe-irmã não foi capaz de compreender o significado. Assim estava escrito *Sub iuris imperio a barbarismo defendimur*.

O espírito da pobre mãe ainda estava absorto em contemplação, quando seus pés cruzaram o pórtico de entrada. No alto da escadaria um homem de trajes finos a aguardava ao lado de dois leões de pedra. O homem a recebeu friamente e a conduziu para o gabinete do excelso Juiz Gumercindo da Nóbrega. A opulência exterior não se comparava a especiosidade do interior do prédio, que o sobrepujava em riqueza e esplendor. Todos os cantos estavam saciados de abundância. Não havia simetria entre a casa onde Piedade cresceu e aquele lugar, seus pés nunca haviam pisado num lugar tão bem ornado. Mesmo embevecida, sentiu a sensação de que aquele era um território avesso ao seu corpo, torceu para que ao menos as feridas abertas em sua maternidade pudessem ali ser aliviadas.

Ao entrar no gabinete, foi recebida por um homem alto, tão bem aparentado como alguém poderia ser. Embora ele não tenha falado sua idade durante as formalidades da apresentação, Piedade julgou que o homem não poderia ter mais que quarenta anos. Durante o tempo em que os seus olhos estavam fixos nas palavras do excelentíssimo senhor, os ouvidos percorriam cada cavidade da imensa sala. Sua intuição cabocla sentiu emanar do fausto

sujeito um fio de sombras. A inquietude apoderou-se de seus sentidos, seu coração de mãe tentou decifrar o mistério presente nas doces e afáveis palavras proferidas por seus lábios, mas não conseguiu compreender suas intenções. Seus pensamentos e sua vontade estavam inclinados para o lado de dentro, a boca, os ouvidos e os olhos faziam coisas diferentes.

Enquanto inquiria as intenções presentes nas palavras do juiz, sua expressão não demonstrou nenhum descontentamento ou desconfiança. De bom grado contou sua história. Ele parecia ouvir atentamente cada palavra, mas Piedade percebeu que os olhos do homem fumegaram de modo diferente quando mencionou a condição infame dos pobres miseráveis que trabalhavam na fazenda Tumbeiro. A explicação que encontrou para si mesma a respeito, foi a de que, como ele era um servo da lei, sua função seria única e exclusivamente zela pelo bem de todos. O excelentíssimo sujeito, disse que aquela era uma denúncia de violação de direitos muito grave e se comprometeu a ajudar aquela pobre desgraçada em sua busca pelo filho, e que tomaria todas as medidas necessárias para que os culpados fossem tratados com rigor.

Quase no fim da reunião, o homem fez duas indagações a Piedade,
– Dona Piedade, a senhora tem consciência de que para levar sua busca adiante irá mexer com gente muito poderosa?
– Quando eu fui para aquela delegacia, eu já imaginava isso doutor. Mas, saí de casa vestida pra guerra. Eu posso até ser uma pobre coitada, que vive nas entranhas do mundo comendo peixe seco e xibé, mas eu sou mãe. E pra achar o meu filho eu vou entrar até no oco de um pau. Mas eu irei achar ele e levá-lo pra casa. Eu estou disposta a tudo, seja o que Deus quiser. E tem mais, eu não ando sozinha. Os raios de Santa Bárbara hão de aluminar meus caminhos. Eu sou Maria Coragem.

As palavras e a determinação de Piedade ofuscaram o brilho reluzente que jorrava do prédio. Em seguida, o homem perguntou sobre o que ela estaria fazendo para se manter na Capital, pois sua busca, além de boa vontade, demandaria recursos. A esse respeito, a língua afiada da Mulher não soube o que responder, pois seus tostões beiravam a quase nada. Diante da expressão e do silêncio da mãe-irmã, o Juiz ofereceu a ela um trabalho em sua própria casa, pelo qual seria muito bem remunerada. Ademais, lá ela estaria segura de todas as intempéries do futuro. A oferta foi recebida com certo estranhamento

por Maria da Piedade, sua intuição sentiu a movência de algo oculto nas sombras. Mesmo assim aceitou, com a condição de que não fosse preciso se mudar para o local. Durante o aperto de mão que selou o acordo, os cabelos na nuca da mãe-irmã eriçaram-se repentinamente.

O ilustríssimo juiz morava nos últimos andares de uma gigantesca torre localizada no coração da cidade. Os degraus eram tantos que Piedade pensou que ao terminar a subida o céu estaria ao alcance de suas mãos, quanto mais subia, mais havia para subir. Ao chegar ao destino percebeu que para vencer os milhares de degraus perdera duas horas. O arranha-céu cujo exterior era todo revestido de espelhos abrigava incontáveis moradias. A casa do generoso benfeitor da mulher ocupava o espaço de dois andares inteiros. A visão do interior do apartamento embora fosse exuberante aos seus olhos, em nada se parecia com a opulência vista antes no gabinete. Enquanto o guardião da lei apresentava o ambiente para a empregada, dava as instruções acerca das tarefas que seriam por ela desenvolvidas. Piedade teria acesso a toda extensão daquele palácio localizado nas alturas, com exceção da biblioteca, que sob nenhuma circunstância poderia ser violada.

De volta ao seu quarto na pensão, Piedade sentiu um leve torpor se abater sobre seu corpo. Sem demonstrar resistência a mulher entregou-se ao cansaço e adormeceu. Seus olhos se abriram em outro mundo. Havia escuridão, silêncio e nada mais, o breu era tão denso que não lhe era possível nem mesmo ver a forma do próprio corpo. Suas mãos tatearam em busca de uma saída, mas não havia portas, caminhos ou estradas, o vazio e a solidão era tudo que seus sentidos percebiam. No momento em que a agonia e a desesperança fervilhavam em seu peito, ouviu o que parecia ser o som de um assobio. Pouco a pouco o som foi ficando mais intenso. Colocou os pés na direção do barulho. À medida em que se aproximava o som foi tomando a forma de música. Uma brisa suave despertou os sentidos adormecidos.

Aos poucos a música dissipou completamente a escuridão. Nesse instante, os olhos e todo o corpo da mãe-irmã foram surpreendidos por uma inigualável visão. Sentada em um magnífico trono entalhado na madeira e ricamente adornado com marfim e pedras preciosas, reinava uma figura de mulher cujo corpo estava coberto com vestes de linho e seda carmesim. Em volta de sua cintura pendia o chifre de um animal, em uma das mãos a magnífica

rainha guerreira portava uma espada e na outra um objeto que Piedade julgou semelhante a calda de algum animal. Sua pele negra cintilava à luz que lhe tocava, seus braços eram enfeitados por braceletes e pulseiras de cobre. Um véu feito de pérolas ocultava-lhe os olhos e parte do rosto. Em volta do trono, um exército formado por incontáveis mulheres e homens aguardava ansiosamente a oportunidade de servir em batalha.

Encantada com o que via, Piedade sentiu-se estranhamente atraída e pôs-se ao encontro da rainha. Espantou-se ao notar que sua presença despertara o interesse não apenas dos servos como da própria senhora. Os tambores que rufavam violentamente foram obrigados ao silêncio, apenas o som dos passos e o movimento do corpo da intrusa eram ouvidos. Ao aproximar-se do trono, a esplendorosa rainha repentinamente ergueu-se majestosa e saudou a visitante, sua voz tinha a força de mil trovões. O poder que fluiu daquelas palavras fez Piedade prostrar-se de pavor. Graciosamente a rainha bailou em sua direção, agarrou-a pelos ombros e a pôs novamente de pé.

– Ânimo pequena criança, de sua guerra saíras vitoriosa.

– Desculpe-me minha indelicadeza, minha nobre senhora, mas quem é você? Fala como se me conhecesse, mas a bem da verdade não lembro de já tê-la visto.

– Como não me reconheces, minha pequena criança? Sou sua mãe. Guia de seu destino e quem contigo guerreia tuas batalhas. Sou a senhora dos raios e das ventanias. Quem sempre tem ido ao teu socorro, sou eu que todos os dias recebe tuas súplicas e lágrimas. Nos momentos de agonia é a mim a quem recorre. Fui eu quem enviou a búfala para saciar a fome de tuas crias e te livrou das armadilhas do pesado. Sou Oyá, rainha, mãe e guerreira, senhora do rio Níger.

– Pelo bem que a senhora diz ter me feito eu agradeço, mas pelo que bem lembro, Santa Bárbara em nada lhe é parecida.

– Bárbara pode até ter ido em teu socorro alguma vez, mas quando rezas a oração que aprendestes com sua mãe e ela com a mãe dela é a mim que se diriges. Fui eu umas das poucas que atravessou a calunga com os teus.

– Porque estou aqui, senhora?

– Se desejais vencer sua demanda, e ter seu filho novamente em segurança, façais o que te digo. Na noite do dia 03 de dezembro vá a encruzilhada e faça

um padê a Exu. Ofereça ao senhor dos caminhos uma mistura de mel e cachaça. Peça-lhe que os caminhos sejam abertos e ele lhe fará, a minha que sou sua mãe e senhora farás seguinte oferenda...

A senhora dos ventos e das tempestades sussurrou nos ouvidos de Piedade qual era seu desejo. Em seguida advertiu-lhe que na casa das alturas, iria encontrar a resposta para muitas perguntas ainda não respondidas. A brisa suave que tocava o rosto de Piedade e da Rainha, cresceu em impetuosidade, em instantes Piedade foi içada às alturas contra sua vontade. Com um salto a mãe-irmã pulou para fora da rede perturbada pelas memórias do sonho. Sua respiração estava descompassada e os músculos do seu corpo estavam tensos como a linha de um anzol em dia de pescaria. E a exemplo da virgem Maria, Piedade guardou tudo em seu coração.

Os meses que se seguiram foram marcados pela convivência quase diária entre o excelentíssimo Gumercindo da Nóbrega e a pobre e infeliz Maria da Piedade. O desejo de encontrar o seu menino em nada havia diminuído, já se passara mais de um ano desde o dia em que ela deixou sua casa, pouco ou quase nada havia mudado, seguindo a intuição do seu coração e as palavras da senhora dos ventos e das tempestades Piedade escavacou cada centímetro do grandioso apartamento, com exceção da biblioteca. Sentia que o bom homem sabia mais do que dizia, desconfiava que suas palavras eram embebidas em mentiras e enganações. Certo dia, ficou sabendo por seu benfeitor que graças a denúncia que ela fizera Poxo estaria sendo procurado, sob a acusação de maus tratos e sequestro. Aquela notícia não foi bem recebida por seus olhos.

A saudade que queimava seu coração a fez perseguir insistentemente suas suspeitas. Nas primeiras horas do dia quatro de dezembro daquele ano, cumpriu as ordens que recebera da gloriosa senhora dos ventos. Em uma encruzilhada qualquer, mesmo sem saber ao certo como fazer, acendeu uma vela vermelha e dentro de uma cuia misturou cachaça e mel. Como ordenado, ofereceu, pediu, desejou. Ao retornar à pensão, despiu-se cerimoniosamente, lançou fogo sobre o pavio de algumas velas e desejando de continuidade no ritual. Havia no banheiro, um balde cheio de uma mistura feita de folhas. À medida que a água corria por seu corpo, Piedade sentiu-se inflamada por uma força que em muito transpunha sua coragem habitual, mas ainda assim era sua. Viu-se cercada por uma manada de animais fêmeas a resfolegar. Estava feito,

cumpriu tudo como lhe foi dito. Ao adormecer seus pensamentos e desejos ganharam a forma de sonhos borboletas.

Enquanto o sol se erguia do seu repouso noturno, no pequenino quarto da pensão a mãe-irmã dormia desapercibida. Naquele dia, atrasou-se para o trabalho. Chegou a morada do homem da lei fora horário habitual, ele já havia partido para o tribunal, naquele dia suas mãos deveriam sentenciar alguém aos tormentos e suplícios do cárcere. Seu trabalho consistia em manter o ambiente livre de toda sujeira. A contragosto a alvura das paredes, do teto e do chão refletiam a negrura da cabloca mulher. As mãos hábeis correram o aspirador rapidamente pelos cantos do apartamento.

Enquanto dedicava-se aos afazeres de seu trabalho, Maria da Piedade acidentalmente encontrou o que vinha a ser uma ponta solta de um novelo muito bem-organizado. No quarto do douto moço, sobre a cabeceira da cama repousavam displicentemente uma chave e uma agenda revestida de couro em um tom acobreado de aspecto gasto, do fino revestimento que cobria tal objeto Piedade sentiu emanar algo como uma súplica por justiça. Suas mãos foram atraídas para os objetos como moscas por um cadáver. Não resistiu. Tomou-a nas mãos e correu os olhos pelo que nela estava escrito. Para sua surpresa havia muita coisa. Suas pernas tremeram, o mundo girou perante seus olhos. A Mulher teve que sentar-se para impedir que o seu corpo tombasse. O seu patrão, gentil baluarte da lei, chamava-se em verdade Gumercindo da Nóbrega CondeMarinho.

Ligeira como era, forçou a memória dos ouvidos. O véu que encobria o além dos olhos, ruiu perante suas intenções e desejos. Diante do que estava escrito na agenda, a Mulher lembrou da saudação cravada na lateral do barco, a dar boas-vindas ao território da fazenda. Intuiu, que o homem, cujo pai, assim como o avô e o bisavô eram não apenas sujeitos da lei, mas senhores e donos da fazenda Tumbeiro. Logo deu-se conta dos perigos que corria. Estava na boca da onça. Coisas mil correram por seus olhos, a memória da mãe e do filho-irmão fizeram doer em sua pele cada minúsculo poro. As peças do quebra-cabeças estavam se encaixando pouco a pouco. Recolocou a agenda no lugar, seguindo seus instintos, tomou a chave e foi à biblioteca.

Desobediência. Desobedecer. Desobedeceu. O coração batia acelerado, as mãos trêmulas quase não acertaram o buraco da fechadura. Encaixou. A

chave e o fecho pareciam ser um a medida do outro. Forçou um giro, dois. O som de seu corpo foi silenciado pelo barulho da porta sendo aberta. Abriu. Entrou. Os sentidos espalharam-se por todo território. A visão lhe encheu de horror, ao que parecia o cômodo do apartamento não era apenas uma biblioteca, em verdade estava muito longe de o ser. Dispostos na parede entre cabeças de onças, antas e catetos, como tapetes estendidos sobre a alva superfície algo com aparência muito próxima de feições humanas, para diante de uma daquelas coisas, semicerrou os olhos e observou. Reconheceu. Cá dentro, memórias de coisas antigas e futuras. Do lado de fora, aterrorizada pela constatação, Piedade lembrou dos dois infelizes que esfolados jaziam cobertos de larvas dentro do poço. A repugnância fez seu estômago revirar. Depois de reconhecer do que se tratava, julgou que uma única coisa fazia com que aqueles couros cruelmente curtidos e espichados nas paredes semelhantes uns aos outros, os corpos que um dia haviam sido revestidos por eles eram parecidos com o seu e o dos seus filhos-irmãos.

Algo lhe foi ainda mais estranho, em um dos cantos da sala quase oculto por uma cortina, duas formas humanas de expressões paralisadas. O espanto agigantou-se ainda mais. Ao aproximar-se, viu que as duas silhuetas eram familiares. Com os olhos sem luz e brilho, os corpos de Poxo e dona Maria de tal jaziam sem movimentos de vida. Tomada pela perplexidade, Piedade sentiu um formigamento subir pela extensão de seus membros. Sucedia que escondida por uma pilha de livros, havia algo no formato de uma jaula com formas humanas amontoadas dentro. Fez pressão para que o ar entrasse em seus pulmões, sob os seus pés a terra tremeu. Reconheceu em dos prisioneiros a silhueta de seu menino caçula, por quem procurou e a tanto tempo ansiava.

O jovem e seus companheiros estavam cobertos de farrapos, sujos e imundos. A feição vigorosa do menino, foi transformada pelo tempo, em seu lugar havia magreza e fragilidade. Ao estreitar a distância, o nariz de Piedade foi violentamente atingido pelo cheiro de urina e excremento. Tentou balbuciar o nome do filho, um grito saiu da sua garganta. Não havia som, não havia palavra. Ainda dormente a língua parecia ter esquecido o nome do menino. Chamou-o apenas de meu filho. Os olhos do rapaz ergueram-se ao encontro dos olhos da mãe. Em sua face estava ausente qualquer sinal de que reconhecia aquela que lhe olhava. No desespero, a Mulher lançou-se sobre as barras de ferro, suas

mãos não foram capazes de romper o gélido beijo do metal. Os outros, aqueles que dividiam a mesma sorte do jovem rapaz pareciam mergulhados no nada.

Enquanto a mãe-irmã forjava ideias e meios de libertar o filho de sua infeliz prisão, o tempo se adiantou. Em seu corpo primeiro a dor se fez carne, depois esperança. Pensou. Lembrou. Criou. Ergueu-se de sua inclinação, e por instinto se pôs para fora do cômodo. Na cozinha, colocou panelas sobre o fogo, não sem antes devolver a chave para o seu lugar. Preparava uma refeição. Na sementeira de temperos sobre águas borbulhantes em fervura, a Mulher retirou uma pequena trouxa de pano que trazia envolta do pescoço e que desde que saíra de casa estava escondida entre os seus seios. Sua boca entoou uma cantiga. Abriu a minúscula trouxa de tecido, tomou a mistura de ervas e derramou em uma chaleira. Na preparação do chá, em banheiro os olhos se faziam águas do mar a despencar no fundo de um copo. As lágrimas de Piedade eram carregadas de intenção e de desejos. O aroma que subiu da infusão das ervas tinha aspecto levemente adocicado.

Por uma feliz coincidência, como que atraído pelos pensamentos e vontades da Mulher, o douto homem da lei, retornou para sua casa. A fragrância suave da mistura em ebulição havia domado o território. O poder que fluía do feitiço caboclo fascinou os sentidos do protetor da ordem. Desejou sentir em sua goela o sabor daquele perfume, sua ânsia o levou a atravessar as fronteiras da cozinha. Piedade também estava faminta, ao perceber a chegada do erudito juiz seu semblante ficou carregado. O copo banhado pelo pranto da mãe-irmã foi preenchido pelas partículas de segredo ocultas pelo véu água. Gumercindo lançou-se sobre o copo como porco sobre a lavagem, sua voracidade pelo aroma era tamanha que em um único gole fez toda a substância desaparecer. Os olhos de Maria foram atravessados pela satisfação.

Em instantes o corpo-homem desfalecia sobre a maciez de sua cama. Abateu-se sobre ele uma dormência. Não estava morto, pois essa não era a intenção da mãe-irmã, mas também não estava completamente vivo. Piedade levou as mãos aos bolsos do cabra, procurando as chaves do grilhão que aprisionavam seu menino, virou e revirou suas vestes. A muito custo encontrou uma discreta chave, a certeza veio por um sussurro dos ventos. O palácio habitado pelo imóvel senhor da lei foi invadido por uma manada de búfalas, criaturas fêmeas nascidas em tempos passados e outras ainda por nascer

resfolegaram aos ouvidos da mãe-irmã, exigiam reparação. Tomada por sua própria dor e pela dor de tantas outras mães, a Mulher agiu rapidamente. Não havia piedade em suas ações, era movida sim pelo desejo de vingança.

O corpo do homem estava entorpecido pelo poder do chá bebido instantes antes. As mãos hábeis que tantas e quantas crianças haviam ajudado trazer para o mundo, tomaram a peixeira do cós da saia. As memórias da Mulher corriam por toda extensão de seu corpo, parada diante dele, Piedade olhou-o nos olhos, nos dele medo e fragilidade, nos dela maternidade. Inexistia piedade em suas intenções, com presteza, talhou-lhe as calças e expôs a luz o flácido membro viril, sem vacilação tomou-o com uma das mãos e levou a peixeira ao seu encontro. Rapidamente a mãe cortou fora a macheza ostentada dentro das vestes masculinas, pilar e cristais foram separados do corpo, no processo, enquanto ela empenhava-se em sua empreitada, ele grunhia como um porco. Sangrava. O sangue que escorria da ferida aberta imaculou o negrume daquelas mãos, a sua volta a manada espectral bramava euforicamente. Com o poder fálico do homem da lei entre os dedos, Piedade forçou a boca em abertura e empurrou para dentro o flácido pau e o escroto. Para estancar o sangramento, a ferida foi empastada com sal. A cena certamente era desprovida de beleza, a produção da obra não despertou na autora nenhum prazer ou satisfação, mas a maternidade de nenhuma outra mulher seria ultrajada novamente por aquele homem da lei.

Imaculada pelo sangue do doutor, Piedade correu em direção ao filho aprisionado na biblioteca. O menino-homem estava quebrado, seu corpo não foi capaz de reconhecer na mulher a irmã, mesmo assim, ela o abraçou. Naquele abraço ela depositou todas as lembranças e desejos. Queria ter mais tempo, pensou nos que haviam ficado em casa, mas o que estava feito, estava feito. A preço de sangue, a cabocla Mulher deu liberdade para seu menino e para os outros miseráveis aprisionados na jaula. Com os olhos mergulhados em marejado sofrimento, Piedade deu a caçula, o filho de quem ela já não lembrava o nome, sua última bênção. Os lábios maternais da irmã selaram na face do menino-homem o derradeiro gesto de amor. Chegada à plenitude dos tempos, a mãe-irmã encaminhou os homens para a liberdade, mostrou-lhes a saída e mandou que corressem escada abaixo, ela ficaria ali.

Tomada pela palavra e pelo tempo, em movimentos acelerados a mulher lançou sua história sobre uma folha de papel. De volta ao lugar em que o homem grunhia, Piedade concluiu o serviço. A intenção de seu coração nunca havia sido de matá-lo, queria que ele vivesse. A peixeira foi usada novamente para separar as mãos do juiz de seu corpo. Findo, seu labor Piedade encaminhou-se para a sacada do prédio, lá fora os ventos falavam de uma tempestade. Seus lábios carnudos e volumosos entoaram uma cantiga, precipitou-se da sacada. Enquanto a gravidade á atraía violentamente para baixo, em uma fração de segundos os olhos de caçula e os olhos da mãe se encontraram, naquele momento ele lembrou. Os ventos que correm o mundo e o clarão dos raios envolveram a mulher, o poder e o desejo ganharam asas, os cantos encantaram e no movimento a Mulher tornou-se uma magnífica borboleta púrpura e voou pelos ares.

7.3 PRETINHO DE MERDA – MARIA DOS AFLITOS

Naquela noite quente de agosto, o corpo-memória de Maria dos Aflitos desfazia-se em águas, uma mistura de gosto amargo regava as sementes de esperança que caíam de seu peito e encontravam o chão batido dos becos e vielas. Os passos rápidos agitavam a barra de sua saia em violenta aflição, o caminho escolhido por aqueles pequenos pés encalçados conhecia bem o movimento do tempo, pois ele mesmo fora parido pelo desejo-imaginação que na forma insubmissa de mãe, cravou os dedos entre as pequenas fendas do impossível e à revelia de toda determinação contrária exclamou gritos de teimosia e forçou-se por entre paredes e muros, fazendo nascer um caminho por onde correr os pés.

Desde o dia em que a vida vertida do regaço maternal rasgou passagem por entre o impossível, o caminho continuou aberto para que outras iguais à caminhante Maria dos Aflitos, pudessem avançar sobre os perigosos limites entre as potências do querer viver e a vontade de fazer morrer.

Assolada pelo medo e pelo bem-querer de sua cria, os músculos da face de Maria dos Aflitos ressoavam gritos de marejado sofrimento, e em uma nítida opacidade vertiam um leguedê de sangue e aflição. Enquanto seus pés corriam, por vezes ela foi um mar revoltoso a lambar a areia da praia em furioso pranto e outras é cacimba, cristalina e frágil, engolida pela cheia de brejos e igarapés.

Seus olhos em águas flamejantes, como um corisco a cortar o céu em dias de tempestade, rasgavam sombras, carne e ossos em busca de sinais do seu menino.

Naquele reboiço, seus pés mostraram-se incapazes de acompanhar os passos dos seus olhos e o movimento de seus pensamentos. Ela já estava à beira dos abismos do banzo quando percebeu as grandes colunas de concreto que a cercavam. Em instantes a massa de ar circundante tornou-se pesada comprimindo seus pulmões, ondas de um cinza estridente fizeram seu estômago revirar, pela primeira vez em muito tempo sentiu que suas pernas a estavam traindo, num gesto de pura aflição sentou-se no chão. Da crista da onda era possível observar um pequeno ponto preto borrando de dor a paisagem daquele cinza congelante que se projetava na direção do céu.

Sua presença ali punha em desarmonia as linhas verticais que sustentavam aquelas ondas. Os gigantes de pedra agiram rapidamente num frenético, intenso e desordenado balé, seus movimentos rejeitavam aquela frágil presença, gritos e berros proclamavam abafadas sentenças de expulsão. Os ouvidos zumbiram. A garganta seca desejou um gole d'água. Em um gesto de desmedida insubordinação contra todo contrário, aquele pequeno ponto enegrecido fincou as unhas no negrume manto que cobria a terra e recusou-se sair. Vontade. Desejo. Ainda em aflita vertigem a dor que Maria guardava no peito transbordou e a fez lembrar. Levantou-se, seguiu, continuou. Benzeu-se ao ver um raio cortar o céu impiedosamente anunciando a passagem da chuva, uma brisa suave agitou-lhe os cabelos, um pequeno frescor sussurrou em seu corpo-memória um delicado fio de esperança.

Desejando, correu. Seguiu em todas as direções, no mover-se do tempo e sob o som avexado ecoado dos pés furiosos em encontro ao caminho, não percebeu que seus membros e sentidos metamorfoseavam-se em algo que já foi, mas ainda será. Como uma cadela faminta em busca de restos, Maria, com suas enrugadas mãos revirava todo amontoado que encontrava. Essa era a única opção que lhe restava, já havia ido em todos os depósitos de refugio humano mantidos pelo Estado, em nenhum deles pôde aliviar a cruel aflição que a devorava.

Naquele dia, depois de uma longa jornada de trabalho, ajoelhada com um escovão nas mãos, como sempre fazia, havia limpado pisos, lavado, passado e

recolhido dos cestos do banheiro da patroa a lembrança de sua feminina condição. Ao chegar em casa, recebeu aflita a notícia que seu menino, que na noite anterior havia ido em direção à companhia da namorada, vestido de bermuda, boné, chinelo nos pés e camiseta branca, não retornou como de costume, não ligou, não enviou uma mensagem para casa, não deu sinal. A mãe ao saber da ausência do menino ouviu estralar dentro de si um medo agudo, sentiu o miocárdio sendo dilacerado pela aflição. Lembrou. Imaginou.

Em busca de respostas jogou-se nas imundícies que povoavam os córregos e canais que cortam a cidade, sua esperança era não encontrar ali no meio dos dejetos e do lixo dos ricos, o corpo do filho saído de suas entranhas. Enquanto revirava aquele pântano fétido, seu corpo-memória mais uma vez rodopiou. Um flash de lembranças brotou tenebroso das profundezas lamacentas. Reviveu novamente aquele dia. O dia emergiu do lodo e a segurou pela garganta, aos poucos o véu do silêncio foi sendo rasgado. Gritou. Seu filho estava no campinho do bairro acompanhado por seus amigos, quando a mira de uma canhota certa, fez estilhaçar a janela da casa ao lado. Todos correram. O vizinho cujo a pronúncia do nome havia se tornado tabu, era conhecido pelas reiteradas ameaças desferidas contra os meninos da pelada. Aquele dia foi...Lembrou.

Passado o medo do momento, os meninos juntaram-se novamente. Estavam sentados no meio-fio a frente de nossa casa, quando foram surpreendidos pela chegada repentina de um homem furioso. A ação foi rápida, em um instante o grupo espanou como gatos fugindo da chuva. Um deles escorregou e caiu. Nesse momento, com o coração querendo saltar léguas para fora do peito, o meu menino achava-se pela segunda vez sobre a mira de uma arma, ali diante de si viu as entranhas chumbosas da letalidade de um calibre desconhecido. Espumando ódio pelos olhos o homem perguntou, – Foi você né, seu pretinho de merda? Foi você que quebrou a minha janela com a porra daquela bola.

O ar parou de escorrer para dentro do peito. Meu menino parecia ter tido a garganta atingida por um sem-fim de golpes de afiadas lâminas. Lâminas feitas de tempo roubaram-lhe as palavras. O sangue congelou em suas veias paralisando os movimentos de seu menino-corpo. Sua língua quis descer goela adentro em direção ao estômago. Seus lábios tremeram, não mais que suas

pernas. Viu farrapos esvoaçantes quase invisíveis avolumando-se em sua direção. Ao longe uma rasga mortalha explodiu em mal agouro, parecia anunciar o fim. Retornou ao lugar de onde não saiu, com a voz trêmula de medo, meu menino em suplicantes lágrimas balbuciou,

– Não foi eu não senhor. Por favor não me mata...

Ao ouvir aquelas palavras carregadas de medo, o semblante do homem estourou em sádico prazer. Sem vacilação os seus dedos apertaram o gatilho. O barulho não foi aquele que se esperava. Irritou-se e praguejou. Novamente os dedos grossos e longos pressionaram o gatilho e uma vez mais as balas recusaram-se a desabrochar em morte na testa de meu menino. O sangue ferveu em seus lábios. O homem irritado ergue a mão e deu um violento golpe no rosto paralisado do rapaz.

– Tu tem sorte, seu pretinho de merda! Hoje você vai viver, mas toma cuidado. Nem todo dia é dia de santo.

O emaranhado de fios que cobriam seu corpo fazia emergir de suas vísceras o poder do qual fora revestido. A farda do homem ostentava sua linhagem vinda de além-mar. O símbolo cru de sua macheza exibia sobre o peito o nome CartreReal. Num súbito movimento das águas, Maria dos Aflitos sentiu sua garganta ser invadida pelo lodo pestilento. Em instantes a memória cedeu à imaginação. Quem era aquele homem? Quem lhe dera o direito de ameaçar sua cria? Ele parecia ser de ferro, mas não a conhecia. Se ele era ferro, ela era a forja onde o ferro vira água. Ela era fogo cuspidor do céu. Ela é a ação esfomeada do tempo. Aquele pretinho de merda tinha nome. Tinha mãe. Tinha história. Porque aquele homem se sentia no direito de....

Naquele dia, como sempre fez nos últimos dezoito anos, Maria dos Aflitos acordou às 03 horas da manhã, dirigiu suas preces diante da Virgem Maria das Dores, emoldurada sob uma antiga caixa de frutas. A santa alvo de sua devoção curiosamente tinha o coração trespassado por sete espadas. Como sempre, em suas preces pediu força para suportar o peso da labuta diária e proteção para seus filhos. Em seguida dedicou um pouco de tempo para o cuidado com sua casa, regou algumas mudas de girassol, sua flor preferida, espanou o pó de uns parques móveis, só então cuidou de preparar o café e o almoço dos dois filhos e da filha, que só voltaria a ver a noite.

Para não se atrasar, saiu de casa em direção ao ponto de ônibus antes do despertar do sol. Conformada com o que parecia sua sina, enfrentava diariamente duas horas de ônibus pra ir ao centro da cidade, local onde ficava o majestoso edifício Engenho. Ali em frente, aglomeravam-se incontáveis mulheres, nascidas ou feitas assim, desde jovens a senhoras em idade avançada, que além da condição de seus corpos, tinham incomum a cor de suas peles, a profissão como empregada doméstica e a média de tempo gasto para chegar àquela brilhante torre, que refletia o brilho e o esplendor da riqueza, a qual mulheres com aquele tipo de pele e naquela profissão poderiam somente almejar possuir, tendo este desejo saciado apenas no reino dos sonhos.

Terminado o dia de trabalho. Após duas horas de pé em um ônibus lotado, ao cruzar a porta de sua casa, Maria dos Aflitos foi surpreendida pelo relato apreensivo da filha de que seu menino não apenas não se encontrava, como não havia nem mesmo chegado ao destino pretendido e ao qual se dirigiu na noite anterior. Sem acreditar no que estava ouvindo, seus olhos encontraram os da Virgem das Dores, por um momento pareceu como se a face aprisionada naquela moldura fosse a sua, viu sua pele negra ser perfurada pelas espadas. Como mãe e pai que era, sentiu o desespero inicial abrir espaço para uma fagulha de esperança. Juntou os cacos e pôs seu corpo-memória em movimento, guiada por um lampejo de vida-desejo, armou-se contra o destino, saiu. Antes aprumou o nariz e farejou em busca de sinais que pudessem desvelar o paradeiro do filho. Viu-se percorrendo becos, vielas, ruas malcheirosas e outros lugares pestilentos que embora abrigassem amontoados de gente, pensou ser indigno para qualquer criatura. Quanto mais para um semelhante seu.

Desde que soubera que seu menino não havia voltado para casa, seus pensamentos não respondiam exatamente aos estímulos da paisagem, os pés levavam o corpo no presente do presente, mas a memória e a imaginação como que montadas em cavalos selvagens, digladiando-se giravam e reviravam os ponteiros do tempo, retrocedendo aos momentos em que tinha o filho protegido pela força ancestral do seu útero-mundo e avançando para os perigos do futuro. Ali, naqueles becos e vielas, dando passos rápidos com pés sujos e cansados, no presente do passado reviveu a sensação de quando descobriu depois de alguns dias de menstruação atrasada, que seria mãe pela primeira vez, uma mãe relativamente jovem, naquele dia havia experimentado um misto de alegria e

medo do futuro. Um medo profecia que se agigantava em monstruosas proporções. Conforme o seu menino crescia, crescia também a sombra que o cercava, fazendo bater no seio de Maria, o mais aflitos dos corações.

O medo tornou-se o companheiro com quem dividia o leito diariamente. Medo de que a qualquer momento seus filhos lhe fossem tomados, por forças que talvez não fosse capaz de deter sozinha. Mesmo aterrorizada pelo provável futuro ela imaginou...E contra todo contrário sonhou.

7.4 PRETOGRAFIA – A ESCRITA NEGRA COMO POTÊNCIA EMANCIPATÓRIA PARA UMA EDUCAÇÃO CONTRARRACISTA

No contexto das Ciências Humanas, nenhum conceito ou categoria de análise deveria ser tomado como dogma, já que as epistemologias e saberes abrigados no interior dessa área do conhecimento, pela sua própria constituição disciplinar são alicerçados no debate de ideias e nos questionamentos acerca do modo como as mais diferentes sociedades organizam e estruturam as dimensões da vida. Assim, nessa seção intenta-se ao mesmo tempo questionar os limites e a efetividade do antirracismo como formulação teórica e instrumento emancipatório, como busca identificar veredas abertas pela escrita negra, que apontam a corpos e vivências consideradas como monstruosas, possibilidades outras de existir.

Nesse sentido, além do diálogo teórico tão comum no âmbito da pesquisa acadêmica, a vida vivida, o cotidiano do aprender e ensinar, o processo de educar uma criança negra para viver em um mundo racista, configurado em um desafio enfrentado por pais e mães negros, são as motivações sob as quais está assentado o texto. A circularidade do tempo, a ancestralidade e os encontros e desencontros de nossa condição como pais, mães, tios, tias e avós negros envolvidos direta ou indiretamente na educação de crianças negras, constituem-se nos conceitos chaves dessa reflexão. A partir disso, propomos que as táticas pedagógicas desenvolvidas por muitas famílias negras extrapolam as margens do antirracismo, essas famílias ao buscarem a preservação e manutenção da vida dos seus, assim como nos quilombos, praticam o que compreendemos como contrarracismo.

A esperança como experimentação da vida negra se encarna no útero de mulheres e homens negros e negras, como antítese por excelência a gramática da morte instalada pela modernidade, e que ao longo da história tem tomado forma na ação do judiciário e na atuação truculenta das forças de segurança.

8 DESPACHO

Foi um texto doloroso de escrever, por muitas vezes pensei que não conseguiria e de fato não o teria, não fossem os gritos angustiantes daqueles e daquelas que escreveram comigo, clamando por justiça e por vezes exigindo que sua sede e fome de vingança fossem saciadas. Diante de tantas deficiências formativas, titânicos foram os desafios enfrentados, mas eu que não ando só, encontrei força e sustento nas rugas dos meus mais velhos e na esperança dos meus mais novos.

Pensar a condição de subalternização enfrentada, cotidianamente, pela população negra, como o encarceramento em massa, o extermínio da juventude, as condições precárias de trabalho, o sucateamento dos serviços públicos é, antes de qualquer coisa, pensar os pilares que sustentam a sociedade brasileira (DAVIS, 2009). Segundo Abdias do Nascimento (1978), a organização dessa nação se deu em torno do objetivo de, sistematicamente, explorar e matar corpos negros. No Brasil, a colonialidade não determina apenas padrões de comportamento, no exercício de sua crueldade, mas determina quais corpos são dignos de viver.

Ao me propor problematizar tais acontecimentos a partir das teorias decoloniais e interseccionais, sinto-me autorizado a promover um diálogo de saberes, sem a intenção de hierarquizações arcaicas entre conhecimento e saber, de modo que reconheço mesmo que não sou o único autor deste texto,

uma vez que estou dialogando com minhas memórias, mas que não são minha propriedade, além de matérias de jornais que são marcadas com sangue negro e borradas pelas lágrimas de inúmeras mães.

Na intenção de que o texto aqui escrito seja fecundo de vida-morte-vida, ofereço-o a Exu senhor das encruzilhadas, conhecedor de todos os mundos, guardião dos caminhos, dono do Axé, boca do mundo, singularidade e pluralidade de todas as coisas, para que o tome sob sua guarda para que as negras palavras, traçadas com as cores do negrume véu da noite em superfícies papelescas, alvas de tanta brancura, margeadas com o rubro vermelho ferroso sabor de sangue, sejam uma expressão da força ancestral que brota do ventre negro do mundo. As famílias esfaceladas em luto pelo terror de Estado ofereço a justiça de Xangô em forma de rima e poesia, confiando aos ancestrais nossas dores e nossa revolta.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Luís. Após mãe investigar assassinato de primogênito, Promotoria acusa PMs de SP. **Uol Notícias**. São Paulo, [s. p.] 25 set. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/09/25/apos-mae-investigar-assassinato-de-primogenito-mp-acusa-pms-em-sp.htm>. Acesso em: 01 ago. 2020.

ALVES, Paula. 'Imagina a dor que é enterrar um pedaço meu', desabafa mãe de menor morto com tiro na cabeça em MG; policial penal foi preso. **G1 Grande Minas**. [s. l.] 19 jul. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/2020/07/19/menor-de-16-anos-e-morto-com-tiro-na-cabeca-em-montes-claros-policial-penal-foi-presopela-pm.ghtml>. Acesso em: 27 jul. 2020.

AMADO, Janaína; ANZAI, Leny Caselli. **Anais de Vila Bela 1734-1789**. 1. ed. Cuiabá: EdUFMT/Carlini & Caniato, 2006.

BARBOSA, José Humberto Gomes. **A Guerrilha do Araguaia**: memória, esquecimento e ensino de história na região do conflito. 2016. 158 f. Dissertação (Mestrado Profissional em História) - Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2016. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/398/1/Jos%c3%a9%20Humbe>

rto%20Gomes%20Barbosa%20-%20Disserta%c3%a7%c3%a3o.pdf. Acesso em: 25 mar. 2019.

BENEDICTO, Ricardo Matheus. **Afrocentricidade, educação e poder**: uma crítica afrocentrica ao eurocentrismo no pensamento educacional brasileiro. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, 2016. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-29032017-161243/publico/RICARDO_MATHEUS_BENEDICTO_rev.pdf. Acesso em: 05 fev. 2020.

BISPO, Nego. **Colonização, Quilombos**: modos e significações. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

CARDOSO, Lourenço. **O branco “invisível”**: um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil (Período: 1957 - 2007). 2008. Dissertação. (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2008.

CASANOVA, Pablo González. Colonialismo interno (uma redefinição). In: BORON, Atilio; AMADEO, Javier; GONZÁLEZ, Sabrina (org.). **A teoria marxista hoje Problemas e perspectivas**. Buenos Aires: Clacso, 2007. p. 431-458. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/formacion-virtual/20100715073000/boron.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2020.

DANTAS, Luis Thiago Freire. **Filosofia desde África**: perspectivas descoloniais. 2018. 231 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/54739/R%20-%20T%20-%20LUIS%20THIAGO%20FREIRE%20DANTAS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01 ago. 2018.

Dardot, Pierre; LAVAL, Christian. **A Nova Razão do Mundo**: Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DAVIS, Angela Yvonne. **A Democracia da Abolição**: para além do império, das prisões e da tortura. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

_____. **Estarão as prisões obsoletas?** Rio de Janeiro: Difel, 2018.

DIAS, Paulo Eduardo. Corregedoria conclui que PMs mataram David, mas não cometeram homicídio. **UOL Notícias**. São Paulo, [s. p.] 13 mai. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ponte-jornalismo/2020/05/13/corregedoria-conclui-que-pms-mataram-david-mas-nao-cometeram-homicidio.htm>. Acesso em: 01 ago. 2020.

DUSSEL, Enrique. **1492 O encobrimento do outro**: a origem do "mito da modernidade". Petrópolis, Rj: Vozes, 1993. Tradução de Jaime A. Clasen.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência - a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46.

_____. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência - a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 48-54.

FILMES, Grito. 1 Vídeo (5min) **LITERATURA E POESIA MARGINAL COM "WJ & SAID"**. 2017. <https://www.youtube.com/watch?v=wRcnrxRq2L4&t=1s>. Acesso em 20 de jul. de 2020.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Do governo dos vivos**: curso no Collège de France, 1979-1980 (excertos). Tradução de Nildo Avelino. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010.

FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro. **Corpo negro caído no chão**: o sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro. 2006. 146 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/5117>. Acesso em: 03 mar. 2020.

FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro. Pelo amor ou pela dor: apontamentos sobre o uso da violência como resistência ao genocídio. In. (Org.). FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro; VARGAS, João Helion Costa. **Motim**: Horizontes do genocídio antinegro na Diáspora. Org. Brasília: Brado Negro, 2017.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador**: saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino; LABORNE, Ana Amélia de Paula. Pedagogia da crueldade: racismo e extermínio da juventude negra. **Educ. rev.** Belo Horizonte, v. 34, e197406, 2018. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982018000100657&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 09 out. 2019.

GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 25-49, 11. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6078/5454>. Acesso em: 31 jul. 2020.

LEITE FILHO, Jaime de Carvalho. **Anotações e reflexões sobre o terrorismo de Estado**. 2002. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/83823>. Acesso em: 02 jun. 2020.

LOPES, Eliete Borges. **Otobiografias**. Escuta-Estilo-Escrita para a Autobiografia e a Autoformação. 2010. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2010.

MACHADO, Adilbênia Freire. Ancestralidade e Encantamento como Inspirações Formativas: filosofia africana e práxis de libertação. **Páginas de Filosofia**, [S.L.], v. 6, n. 2, p. 51-64, 30 dez. 2014. Instituto Metodista de Ensino Superior. <http://dx.doi.org/10.15603/2175-7747/pf.v6n2p51-64>. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/PF/article/view/6300>. Acesso em: 08 dez. 2018.

_____. Odus: filosofia africana para uma metodologia afrorreferenciada. **Voluntas: Revista Internacional de Filosofia**, [S.L.], v. 10, p. 3, 9 out. 2019. Universidad Federal de Santa Maria. <http://dx.doi.org/10.5902/2179378639952>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/39952/PDF>. Acesso em: 07 fev. 2021.

MACHADO, Vanda. **Pele da cor da noite**. Salvador: Edufba, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/16783/1/pele-da-cor-da-noite.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2018.

MASOLO, Dismas. Filosofia e conhecimento indígena: uma perspectiva africana. In: SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 313-340.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte e Ensaios: revista do ppgav/eba/ufrrj**, Rio de Janeiro, v. 32, p. 123-151, dez. 2016. Semestral. Disponível em: <https://revistas.ufrrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em: 20 dez. 2020.

_____. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 Edições, 2018. Tradução de: Sebastião Nascimento.

_____. **Fardo da raça**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MICHEL, Johann. Podemos falar de uma política do esquecimento? **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 2, n. 3, p. 14-26, nov. 2010. Trimestral. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria/article/view/9545/6379>. Acesso em: 29 jun. 2021.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MONTEIRO, Silas Borges. Otobiografia como escuta das vivências presentes nos escritos. **Educação e Pesquisa**, [S.L.], v. 33, n. 3, p. 471-484, dez. 2007. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1517-97022007000300006>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/28061>. Acesso em: 01 ago. 2020.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. **Quilombismo**. Documentos de uma militância pan-africanista. Petrópolis: Vozes, 1980.

NOGUERA, Renato. Denegrindo a educação: um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (Resafe)**, [S.L.], n. 18, p. 62-73, out. 2012. Biblioteca Central da UNB. <http://dx.doi.org/10.26512/resafe.v0i18.4523>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/4523/4124>. Acesso em: 08 mar. 2021.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: educação e cultura afro-brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (Resafe)**, [S.L.], n. 18, p. 28-47, out. 2012. Biblioteca Central da UNB. <http://dx.doi.org/10.26512/resafe.v0i18.4456>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/4456>. Acesso em: 03 ago. 2018.

PEREIRA, Ana Carolina Barbosa. Precisamos falar sobre o lugar epistêmico na Teoria da História. In: **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 24, p. 88 - 114, 2018. DOI: 10.5965/2175180310242018088. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180310242018088>. Acesso em: 20 mar. 2020.

PESSANHA, Eliseu Amaro de Melo. **Necropolítica e epistemicídio**: as faces ontológicas da morte no contexto do racismo. 2018. Dissertação (Mestrado em Metafísica), Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34771>. Acesso em: 02 jun. 2020.

PORTILHO, Érica. **Matriarcado afreekana**: narrativas cruzadas do ventre negro ao brasil. 2019. 160 f. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-Raciais) - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Cefet/Rj, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: http://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/137_e%CC%82rica%20Portilho.pdf. Acesso em: 26 maio 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 107-128. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eur. Acesso em: 08 jul. 2019.

REGUEIRA, Chico. 'Todo mundo é bandido para eles', diz mãe de jovem morto no Morro da Providência sobre ação da PM. **G1 Rio de Janeiro**. [s. l.] 22 mai. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/22/mae-de-jovem-morto-durante-distribuicao-de-alimentos-no-centro-do-rio-critica-acao-da-pm-todo-mundo-e-bandido-para-eles.ghtml>. Acesso em: 27 jul. 2020.

RUFINO, Luiz. **Exu e a pedagogia das encruzilhadas**. 2017. 231 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível

em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 23-72.

SARTRE, Jean-Paul. Prefácio. In: FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

SCUDDER, Priscila de Oliveira Xavier. **A arte de viver em cubículos**: um diagrama auto/otobiográfico com nietzsche e prisioneiros sobre a prisão. 2013. 191 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2013.

_____. Abolicionismo como resistência ao extermínio da população negra. **Albuquerque**: Revista de História, v. 9, p. 156-175, 2017. Disponível em: <https://www.seer.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/view/5197/0>. Acesso em: 20 set. 2019.

_____. Pedagogia da casa: memória e diálogo de saberes – primeiras notas. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, v. 04, n. 11, p. 612-625, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/5781> Acesso em: 02 jun. 2020.

SILVA, Rozemberg Guimarães; OSANIYI, Alexandre. Necropedagogia da crueldade: As masculinidades tóxicas e seus reflexos em corpos vulneráveis. In. **Revista Eletrônica Multidisciplinar Pindorama**, Eunápolis (BA), v. 11, n. 1, p. 147-159, jan./jun. 2020. Disponível em: <http://publicacoes.ifba.edu.br/Pindorama/article/view/827/509>. Acesso em: 20 de jun. 2021.

SILVA, Heloise da Costa. **O projeto entrelivros**: (Re)construindo identidades negras a partir da afroperspectividade nas séries iniciais do Ensino Fundamental. 2019. 191 f. Dissertação. (Mestrado em Relações Étnico-Raciais) – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=9145312. Acesso em: 20 jun. 2021.

SIMAS, Luiz Antonio & RUFINO, Luiz. **Fogo no Mato**: a ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

TENA, Ariane Kwanza. **Psicologia preta e afetos**: educação e infância em afroperspectiva. 2020. 66 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Rondonópolis, 2020.

VARGAS, João Helion Costa. Por uma Mudança de Paradigma: Antinegitude e antagonismo estrutural. In. (Org.). FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro; VARGAS, João Helion Costa. **Motim**: Horizontes do genocídio antinegro na Diáspora. Org. Brasília: Brado Negro, 2017.